

Experiências Turísticas nas Zonas Rurais – Estudo de caso de Cabo Verde

Janice Correia Pipa Monteiro Semedo

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Comunicação, Administração e
Turismo para obtenção do Grau de Mestre em Marketing Turístico.*

Trabalho efetuado sob a orientação da:

Professora Doutora Elsa Tavares Esteves

Professora Doutora Catarina Fernandes

Mirandela, maio de 2023

Experiências Turísticas nas Zonas Rurais – Estudo de caso de Cabo Verde

Janice Correia Pipa Monteiro Semedo

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Comunicação, Administração e
Turismo para obtenção do Grau de Mestre em Marketing Turístico.*

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Elsa Tavares Esteves
Professora Doutora Catarina Fernandes

Mirandela, maio de 2023

Dedicatória

“Eu irei adiante de você e aplainarei montes; derrubarei portas de bronze e romperei trancas de ferro. Darei a você os tesouros das trevas, riquezas armazenadas em locais secretos, para que você saiba que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que o convoca pelo nome”. Isaías 45:2,3

Dedico esta vitória ao meu Poderoso e maravilhoso Deus; que me guardou, guiou e cumpriu cada uma das suas promessas em minha vida.

À minha amada mãe, que mesmo não estando nesse mundo, continua a ser minha referência;

Ao meu pai: João Além

Aos meus irmãos: Kátia, Janine, Jacqueline e Nilton

Ao Ivandro, e ao meu filho Iandro

Às minhas orientadoras Elsa Esteves e Catarina Fernandes

À Lúcia Costa e à Família

À Dona Angélica e ao Sr. Paulo

Aos meus grandes e amados amigos “Rasta” (Mica), Gil, Miqueias e Aquiles

Resumo

O Turismo Rural e as Experiências Turísticas têm sido cada vez mais cruciais para a diferenciação, competitividade e desenvolvimento das localidades rurais, oferecendo aos turistas a oportunidade de interagir com a vida rural e as tradições locais, bem como a oportunidade para as populações rurais participarem no turismo. No entanto, a relação entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas deve ser cuidadosamente gerida para que os benefícios sejam equilibrados e o impacto ambiental seja minimizado. Para isso, é essencial incentivar as experiências turísticas de acordo com as necessidades e desejos dos turistas, bem como promover o sentimento de pertencimento das comunidades rurais

Com a presente investigação pretende-se analisar o desenvolvimento turístico nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo em termos de Turismo Rural e de Experiências Turísticas. Neste sentido, a fim de dar resposta ao principal objetivo deste estudo, definiram-se os seguintes objetivos específicos: OE.1 Analisar o desenvolvimento do Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo; OE.2 Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo; OE.3 Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo. Assim, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, com aplicação de uma entrevista semiestruturada ao Diretor de Serviço do Turismo de Cabo Verde, aos Guias Intérpretes de Santiago, Fogo e Santo Antão, ao Gerente do Atelier Mar (Organização Não Governamental cabo-verdiana) e responsável pela criação dos conteúdos para a oferta das Experiências Turísticas de Santo Antão e Fogo, e aos Gerentes dos Hotéis Rurais das ilhas em estudo (Santiago, Fogo e Santo Antão). Para a realização desta investigação foram realizadas 12 entrevistas, que decorreram de 8 de abril a 27 de maio de 2022.

A fim de analisar as informações obtidas através das entrevistas optou-se pela análise de conteúdo. Os dados obtidos permitiram concluir que as ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo têm um enorme potencial para o Turismo Rural e Experiências Turísticas, mas ainda existem desafios a ser ultrapassados como o acesso aos locais turísticos, a promoção das atrações turísticas locais, os equipamentos para os guias intérpretes e os recursos para o desenvolvimento do turismo. É necessário sensibilizar os agentes envolvidos para a importância desse potencial e desenvolver estratégias que aliem o crescimento económico à preservação do meio ambiente, para que os turistas e as comunidades locais possam desfrutar dos benefícios do turismo e a qualidade de vida dos habitantes seja melhorada. Todos os entrevistados concordam que a oferta de experiências turísticas constitui uma grande oportunidade para os destinos rurais das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, pois permite aos turistas conhecer melhor a cultura, a história, a vida rural e as paisagens naturais desses destinos. Adicionalmente, contribui para a procura do Turismo Rural, o desenvolvimento da economia local e o reforço do sentimento de pertença às comunidades rurais, gerando empregos e rendimento, melhorando assim a qualidade de vida dos seus habitantes.

Palavras-chave: Turismo Rural, Cabo Verde, Experiências, Experiência Turística, Espaço Rural.

Abstract

Rural Tourism and Tourism Experiences have become increasingly crucial for the differentiation, competitiveness, and development of rural localities, offering tourists the opportunity to interact with rural life and local traditions as well as the opportunity for rural populations to participate in tourism. However, the relationship between rural Tourism and Tourism Experiences must be carefully managed so that the benefits are balanced, and the environmental impact is minimized. For this, it is necessary to enhance Tourism Experiences by considering the needs and expectations of tourists and strengthening their sense of belonging to rural communities.

This research aims to analyze the Tourism development on the islands of Santiago, Santo Antão, and Fogo in terms of rural tourism and Tourism Experiences. In this sense, in order to answer the main objective of this study, the following objectives were defined: OE.1: analyze the development of Rural Tourism on the islands of Santiago, Santo Antão, and Fogo; OE.2: analyze the supply of Tourism Experiences on the islands of Santiago, Santo Antão, and Fogo; OE.3: analyze the existing relationship between Rural Tourism and Tourism Experiences on the islands of Santiago, Santo Antão, and Fogo. Thus, a qualitative methodology was used, with the application of a semi-structured interview to the Director of the Cabo Verde Tourism Service, to Santiago's, Fogo and Santo Antão interpreter guides, to the manager of the sea atelier and responsible for creating the contents for the Santo Antão and Fogo tourist experiences, and to the managers of the rural hotels of the islands under study (Santiago, Fogo, and Santo Antão). Of the 12 interviewees, all cooperated in conducting this research. Data were collected from April 8 to May 27, 2022.

In order to analyze the information obtained through the interviews, we opted for content analysis. The data obtained allowed us to verify that the islands of Santiago, Santo Antão, and Fogo have a huge potential for Rural Tourism and Tourism Experiences, but there are still challenges to be overcome, such as access to tourist sites, promotion of local tourist attractions, a lack of equipment for interpreter guides, and a lack of resources for tourism development. It is necessary to make the agents involved aware of the importance of these potentials and develop strategies that combine economic growth with environmental preservation so that tourists and local communities can enjoy the benefits of tourism and the quality of life of the inhabitants is improved.

All the interviewees agree that offering Tourist Experiences is a great opportunity for the rural destinations on the islands of Santiago, Fogo, and Santo Antao, as it allows tourists to get to know better the culture, history, rural life, and natural landscapes of these destinations, contributes to the demand for Rural Tourism, the development of the local economy, generates jobs and income for rural communities, and strengthens the sense of belonging to rural communities, thus improving the quality of life of its residents.

Key words: Rural Tourism, Cabo Verde, Experiences, Tourist Experience, Rural Space.

Agradecimentos

“SENHOR, tu és a minha porção e o meu cálice; és tu que garantes o meu futuro... Tenho uma bela herança! Bendirei o SENHOR, que me aconselha; na escura noite o meu coração me ensina! Sempre tenho o SENHOR diante de mim. Com ele à minha direita, não serei abalado”
Salmos: 16:5-8

É desta forma que quero começar por agradecer ao meu Grande, Eterno e Maravilhoso Deus que me guardou, guiou e protegeu durante essa longa e desafiadora caminhada. Meu Pai, e sustentador, sem o qual eu não existo. A Quem eu devo tudo. Te amo Deus, Te amo Espírito Santo, Te amo Jesus Cristo.

Aproveitar para agradecer aos meus irmãos: Kátia, Janine, Jacqueline e Nilton, obrigada por existirem na minha vida e por serem o meu pilar e por me ensinarem o verdadeiro significado das palavras Família & Amor incondicional.

Obrigada, Ivandro, e ao meu filho Iandro por acreditarem em mim.

Rosa, Milucy, Eliane, Renato e a toda a minha Família Zoom, pelas orações, e por estarem comigo e me incentivarem a prosseguir, mesmo com dúvidas e medos.

Às minhas orientadoras pela infinita paciência.... Enfim chegamos aqui.

À Dona Angélica e família, muito obrigada.

À Lúcia e à família “o Recanto” que me adotaram e apoiaram.

À minha amada sogra, muito obrigada pelas sábias palavras.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a chegar a este momento, que acreditaram em mim e me motivaram a seguir em frente, mesmo quando não parecia possível.

Lista de Abreviaturas e Siglas

DGADR – Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMT – Organização Mundial de Turismo

PIB – Produto Interno Bruto

TAR – Turismo na Área Rural

TER – Turismo de Experiência em Zonas Rurais

TR – Turismo Rural

UNWTO – World Tourism Organization

Índices

| | |
|---|-------------|
| Índice de Tabelas | viii |
| Índice de Figuras | ix |
| Introdução | 10 |
| 1.Revisão de Literatura | 12 |
| 1.1. Aspetos Gerais do Turismo | 12 |
| 1.1.1. Definição do Turismo..... | 13 |
| 1.2. Evolução do Turismo Rural..... | 15 |
| 1.2.1. Definições do Turismo Rural | 17 |
| 1.2.2. Desafios do Turismo Rural..... | 20 |
| 1.3. Experiência | 21 |
| 1.3.1. Experiência Turística | 24 |
| 1.3.2. Experiência Turística em Zonas Rurais | 32 |
| 1.4. Caracterização de Cabo Verde | 35 |
| 1.4.1. Cabo Verde | 36 |
| 1.4.2. Caracterização das Ilhas..... | 38 |
| 1.4.2.1. Ilha de Santiago..... | 38 |
| 1.4.2.2. Ilha de Fogo..... | 40 |
| 1.4.2.3. Ilha de Santo Antão..... | 41 |
| 1.4.3. Turismo Rural entre as Ilhas de Cabo Verde | 43 |
| 2. Metodologia de Investigação | 47 |
| 2.1. Enquadramento Metodológico da Investigação..... | 47 |
| 2.2. Objetivos do Estudo..... | 48 |
| 2.3. Instrumento de Recolha de Dados | 49 |
| 2.4. Amostra do Estudo | 51 |
| 2.5. Procedimentos da Recolha de Dados | 52 |
| 2.6. Técnica de Tratamento de Dados | 52 |
| 3. Apresentação e Análise dos Resultados Obtidos | 54 |
| 3.1. Análise Empírica | 54 |
| 3.1.1. Análise da I.ª Parte da Entrevista..... | 54 |
| 3.1.2. Análise da II.ª Parte da Entrevista..... | 56 |
| 3.1.3. Objetivo: OE1 | 58 |
| 3.1.4. Objetivo: OE2 | 61 |
| 3.1.5. Objetivo: OE3 | 68 |
| 3.2. Análise dos Resultados | 76 |
| 3.2.1. Análise do objetivo OE1 | 76 |
| 3.2.2. Análise do objetivo OE2 | 77 |
| 3.2.3. Análise do objetivo OE3 | 79 |
| Conclusão, Limitações do Estudo e Futuras Linhas de Investigação | 80 |
| Referências | 83 |
| Apêndice I - Guião da Entrevista | 95 |
| Grupo I – Turismo Rural nas Ilhas de Cabo Verde | 95 |
| Questões sobre Turismo Rural – GRUPO I..... | 95 |
| Grupo II - Experiências Turísticas | 96 |
| Questões sobre Experiência Turística | 96 |
| Grupo III - Turismo Rural versus Experiência Turística | 96 |

| | |
|---|------------|
| Questões sobre Turismo | 96 |
| Turismo Rural versus Experiência Turística | 96 |
| Apêndices II - Transcrição da Entrevista sobre Turismo Rural | 98 |
| OE1. Analisar o Desenvolvimento do Turismo Rural nas Ilhas em Cabo Verde | 98 |
| Transcrição da entrevista feita ao Técnico da Direção Geral de Turismo de Cabo Verde. | 98 |
| Grupo II – Transcrição das Entrevistas sobre Experiência Turística | 102 |
| OE2. Analisar a oferta de Experiências Turísticas em Cabo Verde. | 102 |
| Transcrição da Entrevista aos Guia Intérpretes da Ilha de Santiago..... | 102 |
| 2. Transcrição - Guia Intérprete - Cidade Velha | 108 |
| 3. Transcrição da Entrevista ao Guia Intérprete da Ilha de Fogo | 110 |
| 4. Transcrição da Entrevista aos Guia Intérpretes da Ilha de Santo Antão | 113 |
| 5. Transcrição das Entrevistas Responsável do Atelier Mar (Organização não Governamental Cabo-verdiana) e das Rota das Aldeias Turísticas– Leão Lopes | 116 |
| Grupo III - Transcrição das Entrevistas aos Gerente dos Hotéis em Cabo Verde | 119 |
| OE3. Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas em Cabo Verde. | 119 |
| 5. Transcrição das entrevistas Gerente dos Hotéis na Ilha de Santiago | 119 |
| Quinta da Montanha – São Domingos - Rui Vaz | 119 |
| 2. Transcrição das Entrevistas Gerente dos Hotéis na Ilha do Fogo | 121 |
| Chã das Caldeiras – Casa Marisa – Hotel Rural | 121 |
| 3. Transcrição- Euclides Pires, Gerente do Hotel Casas do Sol- Fogo São Filipe | 124 |
| Hotel Casas do Sol - Fogo | 124 |
| 4. Transcrição - Elói Lopes, Gerente do Hotel Pedra Negra Fogo - São Felipe | 128 |
| Hotel Pedra Negra Salina..... | 128 |
| 5. Transcrição das Entrevistas dos Gerentes dos Hotéis na Ilha de Santo Antão - Ribeira Grande..... | 129 |
| Hotel Casa Pedrina | 129 |
| 6. Transcrição - Gerente do Hotel PedraCin na Ilha de Santo Antão -Ribeira Grande.. | 131 |
| Hotel PedraCin | 131 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Tipos de Turismo Existentes | 14 |
| Tabela 2: Conceitos de Turismo Rural..... | 18 |
| Tabela 3: N° de Habitantes por ilha | 36 |
| Tabela 4: População Residente por Concelho (Santiago) | 40 |
| Tabela 5: População Residente por Concelho -Fogo | 41 |
| Tabela 6: População Residente por Concelho – Santo Antão..... | 42 |
| Tabela 7:Tipos de Experiências ilha de Santiago | 44 |
| Tabela 8: Tipos de Experiências ilha de Fogo | 45 |
| Tabela 9: Tipos de Experiências ilha de Santo Antão | 46 |
| Tabela 10: Diferença das Pesquisas | 48 |
| Tabela 11: Guião da Entrevista <i>versus</i> Grupo I | 49 |
| Tabela 12: Guião da Entrevista <i>versus</i> Grupo II | 50 |
| Tabela 13: Guião da Entrevista <i>versus</i> Grupo III | 51 |
| Tabela 14: Variáveis sociodemográficas dos entrevistados | 55 |
| Tabela 15: Aplicação das Entrevistas | 56 |
| Tabela 16: Categorias <i>versus</i> Subcategorias | 60 |
| Tabela 17: Experiência Turística - Grupo II | 66 |
| Tabela 18: Categoria / Subcategoria | 67 |
| Tabela 19: Turismo Rural <i>versus</i> Experiência Turística – Grupo III | 73 |
| Tabela 20: Categoria/Subcategoria..... | 74 |

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1: <i>As quatro dimensões da Experiência</i> | 23 |
| Figura 2: <i>Bandeira e mapa das ilhas de Cabo Verde</i> | 36 |
| Figura 3: <i>Mapa da ilha de Santiago</i> | 39 |
| Figura 5: <i>Praça Alexandre Albuquerque (Cidade da Praia)</i> | 39 |
| Figura 4: <i>Largo do Pelourinho - Cidade Velha (Património da Humanidade)</i> | 39 |
| Figura 6: <i>Mapa da ilha de Fogo</i> | 41 |
| Figura 7: <i>Mapa da ilha de Santo Antão</i> | 42 |
| Figura 8: <i>Ilhas de Cabo Verde e as Ofertas Turísticas</i> | 44 |
| Figura 9: <i>Nuvem de Palavras: Objetivo 1</i> | 61 |
| Figura 10: <i>Nuvem de Palavras - Objetivo 2</i> | 68 |
| Figura 11: <i>Nuvem de Palavras: Objetivo 3</i> | 75 |

Introdução

Atualmente o Turismo apresenta-se como um setor que gera um intenso fluxo de pessoas, bens e serviços, promovendo o crescimento das comunidades que são diretamente beneficiadas pelo exercício do mesmo. Configura-se, igualmente, como uma atividade dinâmica, em constante mutação, apresentando uma grande diversidade de tipologias, decorrente da evolução e das necessidades do mercado (Farias et al.,2019). Apesar da atividade turística ser quase omnipresente no mundo atual e de haver um conjunto alargado de investigadores que se debruçam sobre esta matéria, a verdade é que continua a padecer da falta de um campo teórico definido e delimitado, na medida em que existe um conjunto de perspetivas sobre o mesmo objeto, influenciadas pela matriz teórica dos diferentes estudos (Baleiro & Quinteiro, 2017; Gilbert, 2004).

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2021) trata-se de um dos setores que mais tem crescido nos últimos anos, apenas negativamente afetado pelo surgimento da crise pandémica COVID-19 (Coelho et al. 2020), que veio contrariar a sua tendência ascendente. Segundo a OMT (OMT, 2021) e a World Travel e Tourism Council (WTTC, 2021) o Turismo representava, até 2019, 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB), a nível global, tendo esta percentagem decrescido em 85% das viagens internacionais durante a pandemia. Face a este cenário, os responsáveis turísticos viram-se obrigados não só a pensar numa reestruturação do modelo turístico, mas também a procurar novas alternativas para combater esta quebra.

O novo contexto pandémico conduziu a uma série de restrições nas viagens internacionais e nacionais que afetaram negativamente o fluxo turístico, ou seja, o confinamento imposto às populações teve um impacto desfavorável nas viagens internacionais, no Turismo doméstico e nas visitas diárias em segmentos tão diversos como os transportes aéreos e os cruzeiros. Contudo, o Turismo doméstico registou uma tendência divergente, emergindo como uma real alternativa, pois este possibilita, simultaneamente, o cumprimento das regras de isolamento social e a tranquilidade, bem-estar e o contacto com a natureza (Cvijanovi et al., 2021; Magalhães, 2021; Neto, 2020). Coelho et al. (2020) afirmam, ainda, que perante esta nova realidade, a tendência é que as pessoas procurem destinos que, para além de serem mais próximos, sejam mais seguros. Tendo em conta esta situação e a procura crescente pelo Turismo Rural (TR), as empresas do setor turístico reinventaram-se e reajustaram as suas estratégias (Luz, 2022; Remoaldo, 2020; Saramago, 2021).

Tal como a nível global, em Cabo Verde, o Turismo foi o setor mais afetado pela pandemia: cerca de 83% das empresas encerraram as portas (INE, 2020a). Até 2019, 25,6% do PIB cabo-verdiano era sustentado pelo setor turístico (INE, 2019). Por força das circunstâncias, as autoridades cabo-verdianas viram-se obrigadas a voltar a sua atenção para o TR procurando, através desta modalidade, não só tentar erradicar a pobreza predominante nestas zonas, como também continuar a alimentar o fluxo turístico, de modo a minimizar os prejuízos causados pelo abrandamento do Turismo internacional.

No entanto, importa salientar que o TR é um grande desafio que a sociedade cabo-verdiana enfrenta, visto que a crise económica que se disseminou a nível global, resultante da pandemia, mudou tanto os desafios atuais, como as estratégias para o desenvolvimento rural. Face a esta nova realidade, com o objetivo de revitalizar a economia e diversificar a oferta turística, o governo cabo-verdiano está a desenvolver importantes iniciativas, como a criação de leis direcionadas para o TR e o financiamento a investimentos feitos neste setor. Paralelamente, pretende-se avaliar através de análise de dados estatísticos a situação real do TR no país e a quantidade de empreendimentos turísticos existentes nas zonas rurais. Assim, o governo cabo-verdiano tem mostrado um forte interesse em investir no TR como forma de estimular a economia do arquipélago e diversificar as ofertas turísticas. Estas medidas permitirão não só revitalizar o país, mas também criar oportunidades para as comunidades rurais e gerar novos empregos (Amaral, 2021).

Assim, a presente investigação propõe-se analisar o TR em Cabo Verde, de modo a identificar os fatores que condicionam o seu desenvolvimento e projetos existentes que possam contribuir para a promoção deste tipo de Turismo, analisar a oferta de experiências turísticas existentes e a sua relação com o TR, bem como apresentar uma nova perspetiva do TR em Cabo Verde, mostrando que o arquipélago é muito mais do que sol e mar: a sua vertente rural também tem inúmeras possibilidades. Por este motivo, a realização deste estudo pretende identificar, para além dos tipos de experiências turísticas existentes nas zonas rurais das ilhas em estudo, os potenciais contributo para alavancar o Turismo em Cabo Verde nas zonas rurais. Para a concretização desta investigação recorreu-se ao estudo de caso das ilhas Santiago, Fogo e Santo Antão por serem as ilhas que têm maior vocação turística para o segmento do TR.

Assim, o presente estudo tem como principal objetivo analisar o desenvolvimento turístico das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo em termos de TR e de Experiências Turísticas. Para a concretização do objetivo principal definiram-se os seguintes objetivos específicos:

OE.1 Analisar o desenvolvimento do Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.

OE.2 Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.

OE.3 Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.

O estudo encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo corresponde à revisão de literatura e à caracterização das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão. O segundo capítulo descreve a metodologia, entre as quais o tipo de pesquisa e as técnicas de recolha de dados. No terceiro capítulo apresenta-se a análise dos resultados obtidos. Por fim, apresentam-se as conclusões do estudo, deixando algumas recomendações e sugestões para estudos futuros.

1.Revisão de Literatura

1.1. Aspetos Gerais do Turismo

O Turismo é uma atividade socioeconómica relativamente recente (Bernardo, 2018), mas que tem conseguido ao longo dos anos ter um impacto importante na sociedade. A sua breve trajetória não o impediu, no entanto, de sofrer inúmeras evoluções e de revelar grandes potencialidades de crescimento (Brandão et al., 2019) sendo, portanto, fundamental fazer uma concisa análise sobre a sua evolução.

Segundo Acerenza (2001) do início do século XVI até ao século XIX, surgiram paulatinamente os alicerces do Turismo moderno. Durante esse período, reuniram-se determinadas condições que possibilitaram desenvolver e promover a atividade turística, tais como a prosperidade, o clima de paz, o desenvolvimento das comunicações e transportes, o direito a férias pagas e mais longas e também estratégias agressivas de vendas de pacotes promocionais, (Brandão et al., 2019; Cunha, 1997). Se, inicialmente, nos meados do século XVIII, a possibilidade de viajar era reservada apenas aos jovens aristocratas ingleses, com o objetivo de adquirirem conhecimentos práticos, como é o caso do *Grand Tour* (Moreira & Reis, 2017; Reis, 2018), a partir do séc. XX, viajar tornou-se, não só possível, como também acessível a todas as camadas sociais.

O Turismo desenvolveu-se lenta e espontaneamente e as novas invenções e descobertas científicas no final do século XVIII fizeram com que o Turismo assumisse uma importância a nível global (Umbelino, 2017). Já no século XVII, as fontes termais, em Inglaterra e em toda a Europa, começaram a ter uma grande afluência e atividade social devido às suas propriedades curativas e recreativas (Cunha, 1997; Fratucci, 2008; Nakashima & Huertas, 2016). No século XVIII, o conhecimento acerca das propriedades curativas do mar começou a disseminar-se, o que incentivou as pessoas a mudarem-se para o litoral por razões de saúde, de socialização e de recreação (Fratucci, 2008; Ramos & Costa, 2017).

No período que medeia entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX a economia foi-se transformando. De acordo com Brandão et al. (2019) e Ramos e Costa, (2017) os avanços tecnológicos, a melhoria das telecomunicações e dos transportes, resultantes da revolução industrial, tiveram um grande impacto no desenvolvimento do Turismo, uma vez que contribuíram para que houvesse um maior número de pessoas que viajavam por lazer, com novos gostos e necessidades.

No ano de 1841, Thomas Cook, pioneiro do Turismo, organizou a primeira viagem sem fins lucrativos para 570 pessoas. Tratava-se de um grupo de alcoólatras que iam participar num congresso. Esta experiência ajudou-o a compreender o potencial da atividade e foi assim que, em 1845, começou a fazer excursões para grandes grupos de turistas (Emília & Costa, 2020; Figueiredo, 2015).

E assim o Turismo, como atividade socioeconómica, foi passando por diferentes transformações, sofrendo o impacto do desenvolvimento mundial em todas as suas áreas. Entre 1950 e 2000, segundo a OMT (2006), o Turismo teve um enorme *boom*, devido às mudanças na sociedade. É nesta altura que surge um crescimento significativo no fluxo turístico na Ásia e no Pacífico (13%) e no Oriente Médio (10%).

Em suma, ao longo da história da humanidade, o modo como o Turismo é entendido e apreciado passou por diversas mudanças, tendo sido influenciado por vários fatores. Esta dinâmica de expansão levanta a hipótese de que o Turismo evoluirá continuamente, a todos os níveis: sociais, culturais, económicos, entre outros (Marujo, 2016).

1.1.1. Definição do Turismo

O conceito de Turismo continua a gerar controvérsia, dado que não existe um consenso entre autores e nem uma definição única (Acerenza, 2006; Cooper et al., 2007; Cunha, 1997; 2010; Moreira & Reis, 2017; Santana, Silva & Guidice, 2020). Gilbert (2004, p. 59) justifica que esta falta de consenso na definição de Turismo se deve à sua grande abrangência e “diversidade de insumos e serviços que o envolve”. O referido autor defende que é impossível estabelecer limites claros para o Turismo, em virtude da sua relação com outros ramos de atividade, estando inserido num verdadeiro sistema com inúmeros setores económicos e até mesmo académicos.

Segundo Cunha (2010) é durante o período da transição do século XIX para o século XX que se começam a dar os primeiros passos na tentativa de se concetualizar o termo Turismo. Ainda, de acordo com Cunha (1997), os professores W. Hunziker e K. Krapf, da Universidade de Berna, foram os pioneiros a definir o Turismo enquanto fenómeno de relação, ou seja, que surge em função das viagens e estadias de não residentes, que não estão vinculados a uma residência permanente ou a uma atividade remunerada. Esta definição, estabelecida pelos professores Hunziker e Krapf, em 1942, foi adotada pela Association Internationale des Experts Scientifiques du Tourism (AIEST).

Goeldner et al. (2000), por seu lado, definem o Turismo como sendo a inter-relação e interação entre as quatro bases principais: o turista, o negócio que fornece bens e serviços turísticos, o governo da comunidade anfitriã e a comunidade anfitriã. Por sua vez, Netto (2013) define o Turismo como um fenómeno em que o ser humano deixa o seu local de residência habitual e retorna a ele, gerando atividades como a hotelaria, o encontro e a comunicação com outras pessoas que resultam em experiências variadas e impactos diversos.

A OMT (2006), órgão especializado das Nações Unidas para o debate das políticas associadas à atividade turística, refere que o Turismo inclui as atividades que as pessoas desenvolvem durante as suas viagens e estadias em locais diferentes do seu ambiente habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, para lazer, negócios e outros motivos. Esta mesma organização, ao longo do tempo, e fruto da evolução da sociedade e de tudo o que ela acarreta,

apresentou uma nova definição em relação ao Turismo, definindo-o como um fenómeno cultural, económico e social que implica a deslocação de pessoas para fora do seu ambiente normal, tendo como a principal motivação o lazer (OMT, 2017).

Recentemente, Santana et al. (2020, p.71) definiram Turismo como “uma atividade humana que constrói e altera tanto o espaço em que se estabelece quanto a dinâmica da vida social da população que vive nesses lugares, acarretando, por vezes, impactos económicos, demográficos e ambientais de ordem positiva e negativa. Nessa atividade, o turista é o indivíduo que alimenta essa cadeia de consumo e de produção e de reprodução do espaço”.

Embora exista uma variedade de definições sobre Turismo, Theobald (citado em Cunha, 2010, p.3) defende que estas não devem ser desprezadas, dado que podem contribuir para encontrar um conceito que seja capaz de fornecer “o arcabouço teórico para identificar as características essenciais do termo Turismo”. Uma opinião bem diferente tem Cunha (2010) ao argumentar que, no estado atual, essa variedade em vez de ajudar na aceitação e credibilização científica do Turismo enquanto disciplina ou ciência, tem causado confusão e dificuldade na compreensão do mesmo.

Mediante o exposto, pode afirmar-se que o Turismo é uma atividade em contínua expansão, daí a complexidade em se ter uma definição unânime e padronizada. Viajar por lazer, negócios, motivos de saúde ou religiosos vem deixando, cada vez mais, de ser apenas um luxo para se tornar uma necessidade.

Pode perceber-se também que quando se fala de Turismo, a melhor forma de o definir, de acordo com Cunha (1997) é ter em conta a grande diversidade de motivações e intenções dos viajantes, assim como as características dos destinos, fatos que tornam o Turismo em uma atividade muito diversificada. Esta variação nos tipos de Turismo (Tabela 1) também pode ser influenciada por fatores psicológicos, culturais e profissionais do indivíduo, bem como pela oferta de serviços, condições socioculturais, económicas e ambientais:

Tabela 1

Tipos de Turismo Existentes

| Tipos de Turismo | Definição |
|---|---|
| Turismo costeiro, marítimo e de águas interiores | Atividades turísticas recreativas e desportivas em mar, lago ou rio, apoiadas pelos serviços e instalações existentes na terra. |
| Turismo educativo | Atividade turística com o objetivo de aprendizagem ou aperfeiçoamento pessoal. |
| Turismo Urbano | Atividade turística desenvolvida no espaço urbano ou cidade, seja de lazer ou negócio. |
| Turismo Cultural | Atividade turística cujo objetivo é aprender, descobrir, experimentar e consumir os produtos culturais, materiais e imateriais. |

| | |
|----------------------|---|
| Ecoturismo | Atividade turística baseada na natureza para observar, aprender, descobrir, experimentar e apreciar a diversidade biológica e cultural. |
| Turismo Rural | Atividade turística em que a experiência do visitante está ligada à prática de atividades baseadas na natureza: agricultura, estilo de vida/cultura rural, pesca e Turismo. |

Fonte: Adaptado de UNWTO (2019)

Ao falar-se de Turismo, na sua maioria, recorre-se ao Turismo praticado no litoral, ou seja, às práticas de lazer relacionadas com o sol e o mar (Moreira & Reis, 2017). No entanto, ao longo dos anos, a saturação desse modelo turístico e, mais recentemente, o surgimento da COVID-19, tem levado os responsáveis turísticos a nível mundial a ponderar, não só uma reestruturação do modelo turístico, como também a procurar novas alternativas para enfrentar a quebra turística global (Costa & Allis, 2021; Gomes, 2021; Pinto et al., 2020).

É neste contexto que, à semelhança de outras tipologias do Turismo, ressurgiu o TR, com a finalidade de responder às necessidades bem definidas do turista e de revivificar os espaços rurais, agregando valor a produtos e serviços e resgatando o património cultural e natural da comunidade (Kastenholz, 2013; Rodrigues et al., 2019).

1.2. Evolução do Turismo Rural

Segundo Lane (2009) o TR não é um fenómeno novo, uma vez que teve as suas origens durante o movimento Romântico do final do século XVIII, tendo-se disseminado, a partir do século XIX, na Europa. Martins (2012) refere que foi em França, com a criação da *Société de Maisons Rustiques*, em 1898, que o TR deu os seus primeiros passos, sendo este país considerado o berço do TR. Segundo o autor, inicialmente, o objetivo era o de oferecer alojamento em boas condições de higiene e conforto às famílias aristocratas.

No entanto, o TR, em conformidade com os estudos de Lane (2009), só se tornou efetivamente possível depois da II Guerra Mundial, tendo registado particular crescimento a partir dos anos 70, momento em que as zonas rurais enfrentavam uma grave crise agrícola e procuraram novas alternativas, apoiado por políticas de desenvolvimento rural europeias. Desde então e até hoje o Turismo praticado nas zonas rurais deixou de ser uma prática exclusiva de França e das famílias aristocratas, para se tornar numa prática consolidada em todos os países a nível mundial, mediante novos objetivos e diferentes configurações (sociais, políticas, económicas, entre outras), transformando-se assim numa das estratégias para estimular o desenvolvimento das zonas rurais em todo o mundo (Martins, 2012).

As mudanças ocorridas no Turismo praticado nas zonas rurais revelaram-se não só necessárias como fundamentais enquanto novas opções para fazer frente ao Turismo de massa e combater os problemas que os espaços rurais vêm enfrentando, entre os quais: o declínio da agricultura, a perda de mão-de-obra devido ao êxodo da camada mais jovem, o envelhecimento da

população, a necessidade de preservar a paisagem rural, a necessidade de manter equilíbrio ambiental saudável e proporcionar a solvência económica de milhares de famílias (Kastenholz et al., 2014; Mesquita, 2009; Pereiro, 2018).

Porém, para que o TR possa ser uma das formas de combater os problemas enfrentados pelas zonas rurais e contribua para o desenvolvimento das mesmas, é necessário, de acordo com Beleza (2019):

- a) reforço das economias rurais, criando condições para um ligeiro incremento da qualidade de vida;*
- b) capacidade de atração de financiamento para o setor da agricultura, assim como para outros setores relevantes;*
- c) revitalização das localidades a nível arquitetónico, social, ambiental e no que concerne à preservação e manutenção de património;*
- d) demarcação dos produtos turísticos locais, de forma a entender o que deve ser enfatizado no seu processo de comercialização. (p. 5)*

Assim sendo, aquela autora defende que, para funcionar como catalisador das zonas rurais, o Turismo deve ser enquadrado como parte de um portefólio de estratégias e não como a única ferramenta apropriada a todas as áreas rurais.

Para que o desenvolvimento do Turismo seja viável nas zonas rurais, Kastenholz et al. (2014) afirmam que, a médio e longo prazo, é imprescindível que a satisfação dos desejos e necessidades de todos os *stakeholders* envolvidos no processo e conservação dos recursos utilizados nas atividades turísticas sejam, de uma forma simultânea, a principal meta. E para que as metas se atinjam “é fundamental que o desenvolvimento turístico tenha como base alguns princípios de sustentabilidade, nomeadamente o de equidade intra e intergeracional, futuridade, holismo, conservação, responsabilização, integração e cooperação” (p.58).

Quaisquer que sejam as medidas tomadas para alavancar o TR, os autores supramencionados afirmam que, para além da capacidade, deve também ter-se em conta a própria vontade das comunidades rurais e dos agentes individuais em apostar na atividade turística, de modo que o TR não venha a pôr em risco a própria identidade dos espaços rurais.

Aliado a esta perspetiva, autores há que defendem que o Turismo tem contribuído para a revitalização das economias rurais e que este setor é determinante na diversificação da economia local, uma vez que permite às comunidades rurais terem acesso a novos mercados e aumentar a saída de seus produtos, transformando deste modo o rural num espaço multifuncional (Fernandes, 2008; Kastenholz et al., 2014; Li et al., 2021; Marques, 2018; Mesquita, 2009; Pereiro, 2018; Su et al., 2019).

Não obstante, Kastenholz e Figueiredo (2012) asseguram ser necessário ter-se uma certa cautela quando se fala de TR, visto que:

o Turismo não é um instrumento milagroso de revitalização de qualquer área rural remota que sofra de falta de alternativas. Além disso, também existem evidências de impactos negativos do Turismo nessas áreas, o que pode questionar a sua contribuição para o desenvolvimento sustentável, em particular a sua aceitabilidade social. (p. 747)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Marques (2018) acrescenta que não se deve considerar o TR como uma solução infalível, uma vez que nem todas as zonas dispõem de recursos financeiros suficientes à sua disposição para tornar o Turismo numa solução para restaurar o seu tecido económico e que nem todas as zonas rurais serão consideradas atrativas enquanto destino turístico.

Embora não seja um instrumento milagroso e nem infalível, o Turismo tem transformado, segundo Carvalho (2013) os espaços rurais em novos espaços de lazer e recreação, facto que tem despertado o interesse de diversos estudiosos, na perspectiva de entender o seu conceito no meio rural, a essência de cada local e as transformações de que estes espaços têm sido alvo nas últimas décadas devido à prática do Turismo.

1.2.1. Definições do Turismo Rural

Apesar das grandes evoluções ocorridas no TR ao longo dos anos, autores há que defendem que o impasse continua o mesmo de há séculos atrás, quando se se refere à sua concetualização, já que o TR, para além de ser complexo, abrange atividades multifacetadas que variam entre regiões e países. De entre esses autores destacam-se Pérez (2009), Kastenholz et al. (2014), Gomes (2017), Pereiro (2018), Rodrigues et al. (2019), Rosalina et al., (2021) que afirmam que definir o conceito do TR é uma tarefa difícil, pois não existe um consenso entre autores, o que leva a que exista um grande número de definições, dificultando assim a comparação e a existência de uma consistência entre os conceitos apresentados.

Segundo Gomes (2017) na Áustria considera-se rural apenas as localidades cuja população seja inferior a 5.000 habitantes, na Dinamarca e na Noruega inferior a 200 habitantes e na França e na Suécia apenas os aglomerados de 2.000 habitantes, com casas próximas e com espaços máximos de 200 metros. No caso de Portugal e Suíça, para ser rural, as localidades devem ter menos de 10.000 habitantes.

Cunha (1997) por seu lado define zona rural como:

Zona cujas atividades económicas dominantes tenham uma base agrária e florestal com produções de produtos agrícolas, florestais, pecuárias e seus derivados, se caracterize pela existência da vida natural e selvagem, em que a produção industrial é esporádica e a cultura e as tradições se identificam fortemente com o ambiente e com as forças da natureza (p. 167).

Mesmo existindo um intenso debate, Mesquita (2009) garante que, no que diz respeito à definição do espaço rural, existem alguns aspetos em comum a todas as definições, como por exemplo: a densidade populacional e a dimensão dos aglomerados, a ocupação do solo e o predomínio da atividade agrícola e florestal e a existência de estruturas sociais tradicionais, bem como património e fatores de identidade local. A falta de consenso na definição de TR faz com que, de acordo com Kastenholtz et al. (2014) o conceito de TR, assim como as suas manifestações variem de autor para autor e do campo de estudo, como se pode verificar nas definições apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2

Conceitos de Turismo Rural

| Autor/data | Definição Turismo Rural |
|---|---|
| Elisabeth Kastenholtz et al., (2012, p. 248) | “Atividade económica e social complexa, definida por um determinado contexto geográfico, físico e humano, concebida como rural, moldada por interdependências complexas, um alto grau de diversidade e contínua mudança, influenciando simultaneamente o desenvolvimento dos territórios rurais em que ocorre”. |
| OMT (UNWTO, 2019, p. 35) | “Atividade turística em que a experiência do visitante está relacionada com os produtos, atividades na natureza, agricultura, estilos de vida e culturas rurais, pesca e Turismo de vistas.” |
| Pérez (2009, pp. 255–256) | “Conjunto de atividades e serviços realizados e prestados de forma remuneradas em zonas rurais.” |

Fonte: Elaboração Própria

Todavia, o que nos permite distinguir o Turismo praticado nas zonas rurais e nas zonas urbanas são, na perspetiva de Cunha (1997), Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR) 2013) e World Tourism Organization (UNWTO) (2019) as características inerentes aos mesmos.

De acordo com Cunha (1997) o Turismo praticado em zonas rurais possui as seguintes características:

- Localização numa zona rural;
- Exploração em pequena escala;
- Utilização de bens e serviços naturais, culturais e sociais próprios destas zonas;
- Preservação dos valores existentes e recusa do carácter urbano das construções ou equipamentos;
- A preservação da natureza e da paisagem, a manutenção da arquitetura típica local;

Por seu lado, a DGADR (2013) faz referência ao Turismo no Espaço Rural (TER), e afirma que para ser caracterizado como TER deve ser:

- Localizado em áreas rurais onde a agricultura e os autóctones são sua principal atração;
- Ter atividades e serviços remunerados em meio rural, bem como a oferta de diversos tipos de atividades de hospedagem e animação turística;
- Preservar a sustentabilidade e características arquitetónicas de suas raízes rurais e de sua história por meio dos recursos locais sem ser influenciada pela urbanização;
- De acolhimento personalizado e de acordo com a tradição de bem receber da comunidade em que se insere.

Ainda, a UNWTO (2019) afirma que, além de ocorrer num espaço não urbano, o TR é caracterizado por:

- Baixa densidade populacional;
- Paisagens e gestão de terras em que a agricultura e a silvicultura são predominantes;
- Estruturas sociais e modos de vida tradicionais.

Para além das suas características, Marques (2018) afirma que o TR assenta em três pilares fundamentais: o espaço, as pessoas e os produtos locais, significando que o espaço representa a geografia e o ambiente natural, sendo que as pessoas representam os habitantes locais, as suas culturas e costumes e os produtos locais representam a culinária típica, as produções artesanais e as tradições locais. Assim sendo, a autora defende que para que haja um desenvolvimento sustentável a nível local, é necessário que os espaços e as pessoas coexistam; ou seja, sem um espaço habitado por pessoas, não existe a capacidade de receber, e os produtos baseados apenas em espaços ou pessoas não têm durabilidade.

É cada vez mais notório a influência e o contributo do Turismo nas zonas rurais, seja a nível da revalorização das zonas rurais e dos seus produtos endógenos, seja como nova alternativa financeira, através de uma atividade económica complementar, a nível da permanência ou chegada de novos habitantes, no desenvolvimento de redes, na qualificação dos produtores na tomada de decisão, no resgate das tradições, ou na valorização da história do país, entre outros (Weyland et al., 2021).

Apesar dos grande contributos do Turismo para as zonas rurais, autores como Kastenholz (2014), Saramago (2021) e Sá (2017) alertam para a necessidade de se projetar um Turismo sustentável, seja a curto e longo prazo, para estas áreas, pois, em muitos casos, o Turismo tem-se tornado uma atividade prejudicial, que explora o meio ambiente e a cultura local, danificando a biodiversidade e o desenvolvimento das comunidades locais. A fim de evitar tais situações aqueles autores afirmam ser necessário desenvolver formas de Turismo que não só mantenham os recursos naturais, mas que também contribuam para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da região.

Apesar do seu grande contributo para o meio rural, o Turismo, apresenta desafios, sejam eles a nível político, social, económico ou outro que necessitam da atenção por parte de todos os agentes envolvidos nesta matéria a fim de planear e implementar soluções adequadas a cada situação ou comunidade recetora a fim de garantir um Turismo que permita um desenvolvimento sustentável e duradouro.

1.2.2. Desafios do Turismo Rural

É inegável a contribuição do Turismo para o desenvolvimento das zonas rurais. No entanto, a sua prática tem gerado alguns desafios que, caso não sejam considerados, podem converter-se em grandes problemas no meio rural, retraindo o seu rápido desenvolvimento, como por exemplo a sazonalidade e a falta de qualificação da mão-de-obra (Cunha et al., 2020; Godinho, 2004; Mesquita, 2009; Pereira, 2018).

Outro desafio do TR, de acordo com Pereira (2018), é que em lugares onde os residentes não estão familiarizados com a prestação de serviços, muito menos com as atividades regulares de Turismo, é difícil abrir empreendimentos turísticos. Facto que, conforme o referido autor refere, tem criado problemas à profissionalização do setor do TR, o que faz com que os destinos rurais e as empresas necessitem de assistência técnica no desenvolvimento de estratégias de gestão.

De acordo com Lewis et al. (2021) esses locais enfrentam desafios de oferta e procura para se posicionarem como destinos. Do ponto de vista da oferta, muitas vezes carecem de variedade de experiências, nomeadamente de experiência humana e dos recursos financeiros necessários para criar e comercializar um produto turístico. Acresce, ainda, a falta de cooperação interindustrial, limitados fundos de investimento e baixa qualidade das infraestruturas turísticas.

Os operadores turísticos, muitas vezes, não têm experiência para desenvolver produtos e, por sua vez, as agências governamentais locais não entendem as necessidades dos operadores locais. Esta falta de experiência, pode ser, de acordo Lewis et al. (2021) um sintoma de um TR desenvolvido apenas como um meio de complementar o rendimento por aqueles que não fazem parte do setor do Turismo, muitas vezes, sem o financiamento, conhecimento especializado e visão estratégica necessários.

Kastenholz (2013) aponta também a falta de capacidade, estratégias e políticas eficazes para estimular um desenvolvimento alternativo, falta de desenvolvimento e oportunidades económicas no meio rural, com o conseqüente fluxo migratório para outros países ou para o litoral do país, envelhecimento das populações e desertificação dos territórios rurais, o elevado nível de individualismo e desconfiança dos atores locais e alguma aversão ao risco e a um trabalho conjunto.

É, ainda, importante observar que o maior desafio do TR é o de manter a autenticidade e exclusividade das zonas rurais. Isso porque a procura pelo TR deve-se às características históricas, tradicionais, místicas e naturais das zonas rurais (M. de Souza & Dolci, 2019; C. O.

de Souza, 2020). Como há uma transformação do mundo contemporâneo, o TR tem o desafio de garantir que a tecnologia e a modernidade não invadam a essência rural que é a razão pela qual os turistas procuram estas áreas. Preservar a sua forma e naturalidade é, pois, um grande desafio nestes tempos modernos (Quiñónez-Bedón et al., 2019).

Perante os desafios aqui citados e os demais que venham a surgir, frutos da evolução do Turismo nas zonas rurais, é necessário que os responsáveis políticos e stakeholders desenvolvam estratégias e medidas capazes de projetar o espaço geográfico e aproveitar seu potencial. Estas medidas garantem a preparação dos espaços rurais para receber turistas, promovendo um desenvolvimento sustentável e uma interação equilibrada entre turistas e a comunidade anfitriã (Santos, 2008; Serra et al., 2021; Solha, 2019)..

Outra forma de se fazer frente aos desafios intrínsecos ao TR é, de acordo com Kastenholz (2013), não esperar que iniciativas individuais do TR, principalmente de pequena dimensão e de natureza familiar, venham a mudar a situação ou a salvar o meio rural, mas sim proceder à realização de um diagnóstico realista dos recursos existentes, da sua qualidade e diferenciação, da vontade e capacidades dos agentes locais em gerir e coordenar estes recursos. A mesma autora (p. 72) sugere ainda uma análise mais rigorosa e diferenciada do potencial do TR, tendo em conta “a função dos territórios concretos em análise, das suas comunidades, recursos endógenos, dos seus agentes locais, do seu dinamismo e respetiva capacidade de planeamento, gestão, colaboração e articulação de esforços.”

De um modo geral, importa ressaltar que o maior desafio enfrentado pelas entidades envolvidas no TR reside em saber o que oferecer e como potencializar e diferenciar aquilo que se oferece aos turistas simpatizantes desta modalidade. Dai a necessidade de compreenderem que o que os turistas procuram num destino rural são experiências envolventes acompanhadas de produtos e serviços desse destino. Neste sentido, criar experiências é a nova arma para conseguir diferenciar produtos e introduzi-los na mente do consumidor.

1.3. Experiência

O setor turístico tem registado transformações bastante relevantes em relação aos padrões de procura, pois os turistas interessam-se cada vez mais em vivenciar experiências e usufruir de momentos únicos. Perante este cenário, o caminho mais eficaz para chegar aos consumidores está na criação de experiências que os envolvam (Pine & Gilmore, 1998).

Holbrook e Hirschman (1982) descreveram a experiência como uma ocorrência pessoal, grande parte das vezes com um significado emocional relevante, fundada na interação com os estímulos que são os produtos ou serviços consumidos. Na mesma linha de pensamento, Pine e Gilmore (1998) referem que uma experiência acontece quando os serviços são utilizados como um palco e os produtos como adereços para cativar e envolver os clientes, criando, assim, um evento memorável. Estes autores (1998) mencionam ainda que depois da era dos produtos, dos bens e dos serviços, as experiências transformaram-se na quarta oferta económica. Surgiu então, de

acordo com os mesmos, o conceito de economia de experiências, onde o produto é substituído pela experiência, o consumidor passou a ser um convidado principal, os benefícios deram lugar às sensações e o vendedor passou a ser o encenador.

De acordo com Dawsey (2005) a experiência trata-se de uma descontinuidade das relações, isto é, uma mudança drástica e repentina de papéis, que provoca no indivíduo certa estranheza, em relação a coisas que lhe eram familiares.

À *priori*, é imprescindível compreender que há uma grande complexidade em conceitualizar experiência, uma vez que o termo possui muitas dimensões e distintas características (Breejen, 2007). Apesar disto, Turner (1982) defende que, para que a experiência no âmbito do Turismo seja melhor compreendida, é necessário compreender a própria etimologia do termo. O autor sustenta essa afirmação num estudo realizado acerca da etimologia da palavra de origem inglesa, afirmando que *experiência*:

É uma palavra inglesa com uma derivação da base indo-europeia *per-, “tentar aventurar-se, arriscar” – podendo ver como seu duplo “drama”, do grego dran, “fazer”, espelha culturalmente o “perigo” etimologicamente implicado na palavra “experiência”. O Cognato germânico de per relaciona experiência com “passagem”, “medo” e “transporte”, porque p torna-se f na lei de Grimm. O grego perão relaciona experiência a “passar através”, com implicações em ritos de passagem. Em grego e latim, experiência associa-se a perigo, pirata e experimento (Turner, 1982, p. 17).

De acordo com Schmitt (1999) a experiência envolve acontecimentos individuais, que ocorrem como resultado de estímulos externos. Para o autor, as experiências permanecem ao longo de toda a vida do indivíduo e podem ser definidas em cinco dimensões distintas: experiências sensoriais (experencial), experiências afetivas (sentir), experiências cognitivas criativas (pensar), experiências físicas, comportamentos e modos de vida (agir) e experiências de identidade social (relacionar). Nesta mesma linha de pensamento, Loureiro (2015) defende a ideia de que a experiência é um acontecimento pessoal e subjetivo, que em sua grande maioria resulta do contacto com estímulos externos.

Nas palavras de Pine e Gilmore (1998), precursores da classificação da experiência sob um ponto de vista económico, a experiência é um reflexo do uso de determinados produtos ou serviços, sendo, portanto, uma espécie de oferta económica. O objetivo da caracterização dessa experiência no contexto económico é esclarecer que o consumidor não procura, ou não se satisfaz apenas com o consumo de determinado produto ou serviço, pelo contrário, o consumo acaba por ser em si, uma experiência.

Nesse sentido, ainda na tentativa de proporcionar maior conhecimento acerca da experiência, Pine e Gilmore (1998) defendem a ideia de que existem quatro dimensões da experiência que são vivenciadas pelos consumidores: experiências de entretenimento, educacionais, escapistas ou estéticas. Os referidos autores defendem, ainda, que a experiência pode ser analisada ao

nível de participação do consumidor e ao nível da ligação que este cria com a própria experiência. Quanto ao nível de participação, a experiência, pode ser ativa ou passiva. No que diz respeito à ligação criada, os mesmos afirmam que a experiência pode ser classificada como uma experiência de absorção (observação) ou de imersão (envolvimento). A figura seguinte retrata o modelo das quatro dimensões de Pine e Gilmore (1998):

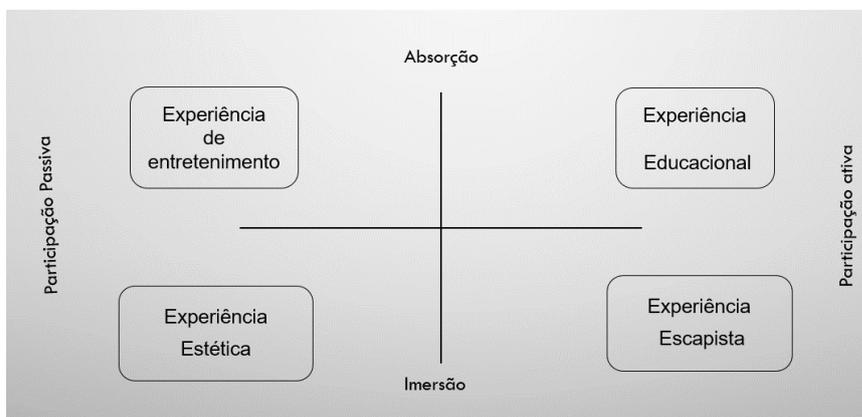


Figura 1: *As quatro dimensões da Experiência*

Fonte: Pine e Gilmore (1998)

Ao analisar as dimensões da experiência (Figura 1), tendo em conta o nível de participação do turista, pode concluir-se que a experiência educacional se trata de uma absorção ativa, dado que é através da experiência que o turista adquire conhecimento (Gilmore, 1998). Já a experiência estética, por sua vez, refere-se geralmente a uma experiência de imersão passiva. O turista não sofre nenhuma mudança ao contemplar uma paisagem. Por outro lado, a experiência escapista pressupõe uma participação ativa e imersiva. O turista influencia muito o meio onde se encontra. Por fim, a experiência de entretenimento é uma experiência de absorção passiva.

Nesse mesmo âmbito, importa salientar o pensamento de Carù e Cova (2006), segundo o qual, a imersão é sinónimo de um verdadeiro mergulho na experiência, de modo que o consumidor e o evento acabam por se tornar apenas um. Na perspetiva de Garduño e Cisneros (2018) a experiência não é apenas um acontecimento vivido por uma pessoa e o facto de ter presenciado algo que difere de suas atividades habituais, mas é também um processo que não corresponde apenas ao momento. Começa antecipadamente, desde o momento do planeamento da viagem e não termina no final da viagem, mas estende-se aqueles momentos de memória e reflexão após a experiência vivida.

Para Carvalho et al. (2021) a experiência possui dimensões de interação social, oportunidades de aprendizagem e diferentes atores do destino, com ênfase nos guias e na comunidade local, aspeto fundamental para a criação de valor em experiências imersivas no ambiente turístico. Por

sua vez, os mesmos autores reconhecem a relevância da interação nas experiências e a atribuição de um papel central ao visitante, considerando-o coprodutor da sua experiência. Isto significa que eles devem participar ativamente, sentirem-se mais envolvidos, de forma a promover os contextos de aprendizagem.

Dentro de um contexto específico de comportamento do consumidor, a experiência é um evento pessoal, muitas vezes carregado de significados emocionais importantes, baseado na interação com os estímulos que são os produtos ou serviços consumidos (Holbrook & Hirschman, 1982). Esses eventos levam a pessoa a definir as experiências como extraordinárias (Arnould & Price, 1993; Tung & Ritchie, 2011).

Para Abrahams (1986) existem dois tipos de experiência: as que derivam diretamente do fluxo da vida cotidiana, com pouca ou nenhuma preparação explícita, e as que planejamos e procuramos, nas quais as pessoas se preparam e têm um papel em todo o processo. A experiência sinaliza o nosso desejo de atos autênticos, pois valorizamos mais aqueles momentos que podemos dizer que foram ótimos e significativos.

Os conceitos e dimensões da experiência aqui apresentados permitem-nos concluir que é plenamente possível compreender a relevância do estudo da experiência no universo do Turismo. Assim sendo, é sabido que, cada vez mais, existem novas e diferentes tendências turísticas e que os turistas não se contentam apenas com viagens e eventos superficiais. Para que certo roteiro turístico seja atrativo e competitivo, é imperativo que se promova diferentes sensações aos consumidores, daí a relevância da compreensão da experiência, enquanto vertente económica, no âmbito turístico.

Neste caso, pode-se afirmar que o Turismo é, por conseguinte, uma indústria de experiências que procura proporcionar aos turistas experiências extraordinárias e memoráveis (Lopes, 2020).

A procura dos turistas por novas experiências, fez surgir a necessidade de que os estudiosos do Turismo analisem e compreendam o que é a experiência, sob a perspectiva do fenómeno turístico.

1.3.1. Experiência Turística

No que diz respeito à relação Turismo -experiência, Moesch e Gastal (2007) afirmam que:

O Turismo envolveria processos de estranhamento, ou seja, o turista, em seus deslocamentos, ao se defrontar com o novo e com o inesperado, vivenciaria processos de mobilização subjetiva que o levariam a parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a resinificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas. (Moesch e Gastal citados em Pezzi & Vianna, 2015, p. 167)

Por seu lado, autores como Pine e Gilmore (1998) afirmam que a experiência no âmbito do Turismo acontece em três etapas: pré-viagem, durante a viagem e pós viagem. Por seu lado Aho

(2001, citado em Marques, 2018), afirma que estas três etapas podem ainda ser divididas em sete fases: a orientação, o envolvimento, a visita, a avaliação, a recordação, a reflexão, e por fim, o enriquecimento.

Em outra perspectiva Kruger e Saayman (2017), em relação ao setor de Turismo, explicam a experiência em três fases: a) antecipação, que envolve as percepções e expectativas do destino; b) realização e objetivo da viagem; c) coleção, que é a memória na qual o visitante avalia em que medida a experiência atendeu às expectativas e decide se pode ser classificada como uma experiência memorável. Esses autores destacam que esta fase influencia as decisões futuras do turista, ou seja, de acordo com sua experiência e sua relação com seus sentimentos e emoções vivenciadas durante as atividades realizadas, o turista dá um certo sentido à sua vida.

No entanto, é de se realçar que apesar de se falar da relação experiência/ Turismo, o conceito Experiência Turística é um conceito relativamente recente, cuja finalidade é o de se afastar da ideia de massificação e apostar em produtos cada vez mais personalizados, que possam ir ao encontro do turista e proporcionar, ao mesmo tempo, momentos únicos e marcantes durante a sua viagem, através de ofertas inovadoras que compensem a viagem (Novo, 2020). Segundo Coelho et al. (2018), enquanto fenômeno, a experiência turística tem sido discutida desde a década de 1960, mas só se popularizou na década de 1970, com a discussão da fenomenologia da experiência. Para Mateiro (2018) a experiência turística é uma temática muito recente e que tem passado por algumas mudanças conceituais resultantes dos avanços dos mercados, do comportamento dos consumidores e da investigação académica que tem sido realizada ao longo do tempo. Tais fatores, de acordo com o referido autor, impedem a existência de um consenso entre os diversos autores que investigam este tema, o que leva a diferentes operacionalizações do conceito.

No que se refere à diferenciação entre Turismo de Experiência e Experiência Turística, os autores Pezzi e Vianna (2015, p.170), defendem que o primeiro é um termo atual que se utiliza “para descrever uma forma de formatar produtos turísticos, inserindo o turista como protagonista de sua própria viagem”. Aqueles autores afirmam ainda que é necessário que se entendam as expectativas do novo turista que vão para além da observação passiva dos atrativos. Por sua vez, Tung e Ritchie (2011, p. 1369), definem experiência turística como “uma avaliação individual subjetiva (afetiva, cognitiva e comportamental) de eventos relacionados à sua atividade turística que começa antes (ou seja, planeamento e preparação), durante (ou seja, no destino), e depois da viagem (ou seja, o recolhimento)”.

Jesus et al. (2018) trazem uma outra definição para o termo Turismo de Experiência afirmando que:

Turismo de Experiência é um conjunto de atividades que leva o ser humano a uma vivência pessoal em diferentes aspetos tangíveis e intangíveis, a partir de acontecimentos únicos e memoráveis, que geram emoções, encantamento, histórias, sonhos e vivências que resultam em conhecimento e valores (p. 17).

Os mesmos autores assinalam que o Turismo de experiência proporciona uma imersão na cultura local, sendo uma outra forma de redescobrir os lugares, sinalizando diferentes práticas que representam potenciais e que se aplicam ao segmento do Turismo, por agregarem emoções e impressões singulares aos turistas (Jesus et al., 2018). Para Jauhari (2017) a experiência no turismo proporciona uma rutura com as estruturas espaciais e temporais comuns da vida quotidiana e melhora a qualidade de vida. Dá aos visitantes a oportunidade de absorverem e mergulharem em novos lugares, coisas e ideias, enriquecendo-os cultural e socialmente.

O filósofo Benjamin (2012) ao estudar a experiência, traz uma abordagem bastante interessante, que pode ser aplicada à realidade do turismo. Para o autor, existem pelo menos três tipos de experiências distintas: uma científica, uma tradicional e uma de choque. A experiência tradicional, é aquela que é transmitida através de gerações, de pais para filhos, dos mais velhos para os mais jovens, em determinada realidade social. Conforme o referido autor,

[...] as pessoas mais velhas passavam-na [experiência] sempre aos mais novos. De forma concisa, com a autoridade da idade, nos provérbios; em termos mais prolixos e com maior loquacidade, nos contos; por vezes através de histórias de países distantes, à lareira, para filhos e netos [...]. (Benjamim, 2012,s.p)

Esta contrapõe-se à experiência de choque, que segundo o autor teve início a partir da primeira Guerra Mundial, quando os soldados “voltavam mudos do campo de batalha” (Benjamim, 2012,s.p), pois o trauma da guerra era de tal modo doloroso, que os impedia de partilhar tudo aquilo que havia sido vivenciado.

Dessa forma, é possível traçar um paralelo entre a experiência tradicional e a experiência de choque, no sentido de que, a primeira se baseia na partilha das experiências vividas, ao passo que a experiência de choque é impossível de ser partilhada, pois é mais pessoal, individual, intrínseca à subjetividade de quem a vivenciou.

Numa comparação entre a análise etimológica de “experiência” abordada por Turner (1982) e as distintas classificações de experiência definidas por Benjamim (2012) é notório que, de certo modo, não obstante a sua origem trágica, a experiência turística acaba por ser uma analogia, podendo ser comparada a uma experiência de choque. Isto porque o turista vivencia momentos que são marcantes e resultam para ele em experiências muito subjetivas e muito particulares que, ainda que sejam contadas a outros, jamais poderão ser transmitidas integralmente a outras pessoas e, ainda que sejam transmitidas, nunca serão convertidas em conhecimento.

A experiência turística pode ser interpretada no contexto social para o qual é essencial compreender a natureza económica do turismo como um bem de consumo (Wearing et al., 2010). Para Ryan (citado em Marujo, 2016), a experiência turística é uma atividade de lazer multifacetada que abrange todos os sentidos e vai além do visual, envolvendo aprendizagem e entretenimento. Para Hosany e Gilbert (2009) a experiência turística depende de certa forma do turista, tanto das suas experiências anteriores, quanto das suas emoções e participação nas

atividades. Isso significa que a experiência turística, de acordo com Kastenholz e Carneiro (2013), é a inter-relação do tangível e intangível.

A experiência turística não se resume apenas à viagem propriamente dita, pois, o turista inicia sua experiência anteriormente à viagem e apenas a encerra com o retorno a casa. Desse modo Laws (1995) defende que:

“o caminho no qual a experiência do turista pode ser entendida é como uma sequência de fases que se inicia com o desenvolvimento de uma intenção em visitar determinado destino, passando pela experiência de uma variedade de serviços durante a estadia no destino, e culminando com as lembranças do destino quando regressa ao lar”. (citado em Marujo, 2016, p. 2)

Importa salientar que os autores consideram que as Experiências Turísticas são intrinsecamente ligadas a elementos imaginativos, isto é, as “experiências são imaginativas e aparentemente sem limites” (Selstad, 2007, p. 20). O Turismo acaba, portanto, por se relacionar com a fantasia e constante expectativa de vivenciar experiências novas e diferentes das que se vivenciam no quotidiano (Marujo, 2016). Daí justifica-se a necessidade do mercado do turismo estar constantemente a criar meios para atrair o interesse dos turistas. O facto é que o turista viaja com o objetivo de experimentar ou consumir um certo destino e, igualmente, experiências que lhe interessam.

Segundo Ooi (2005, p.51-53), as Experiências Turísticas possuem três características indissociáveis:

- a) as experiências surgem dos backgrounds sociais e culturais das pessoas;
- b) as experiências são multifacetadas, ou seja, elas surgem das atividades e do ambiente físico, bem como dos significados sociais incorporados nas atividades;
- c) as experiências são existenciais, ou seja, elas são incorporadas pelas pessoas no que pessoalmente sentem e só podem ser expressas.

Isto significa que as pessoas, ainda que realizem a mesma viagem, com os mesmos programas, e mesmos eventos, não terão necessariamente a mesma experiência, uma vez que a experiência adquirida depende de fatores anteriores e subjetivos a cada indivíduo. Marujo (2016) explica que a experiência turística é afetada por diversos fatores, entre os quais o clima, as condições do visitante, o destino, o ambiente individual, a personalidade, o grau de comunicação com os outros, as expectativas e ideias pré-estabelecidas por um turista antes da visita a um destino.

A experiência turística está relacionada a processos culturais, psicológicos e sociais. Para Larsen (2007), a experiência turística, é na verdade, uma construção sócio-científica ambígua e bastante complexa para estabelecer um conceito claro. Do ponto de vista de Selstad, (2007) a experiência no campo do turismo é uma combinação de novidade e familiaridade, aliada a uma experiência pura que deriva dos atrativos dos turistas.

Quanto à experiência turística, Quan e Wang (2004) dividem-na em duas dimensões: experiência turística de pico e experiência de apoio. A primeira trata-se da vivência dos atrativos que constituem as principais motivações do turismo. A segunda refere-se às experiências de satisfação das necessidades básicas do consumidor, como alimentação, sono e transporte. Quan e Wang (2004) afirmam que, apesar de serem dois conceitos distintos, eles dependem um do outro, e que assumem um carácter importante na experiência turística como um todo, uma vez que a sua qualidade depende do apoio mútuo entre as duas dimensões.

Posto isto, entende-se que as Experiências Turísticas podem ser vistas de acordo com duas abordagens diferentes: a abordagem das ciências sociais e a abordagem do marketing (Quan & Wang, 2004). Em relação à primeira abordagem, a experiência é vista com um aspeto emocional, de transformação para o sujeito como turista. A segunda abordagem considera a experiência turística como um produto ou serviço, que promove a economia e proporciona a atribuição de valores.

Quan e Wang (2004, p. 298) consideram que a experiência turística pode ser:

- a) Pode ser vista do ponto de vista fenomenológico, centrando-se na experiência subjetiva do turista;*
- b) Analisada a partir de uma perspetiva durkeimiana e de uma experiência quase religiosa, oferece oportunidades de fuga da rotina e vivência da liberdade, autenticidade, identidade, novidade e mudança;*
- c) Abordada de uma perspetiva psicológica subjetiva onde é tratado como o objeto que pode ser estudado nos métodos positivistas;*
- d) Vista de uma perspetiva crítica, a experiência turística é uma atividade que visa o prazer institucional e que, inconscientemente, contribui para a manutenção do status quo;*
- e) Analisada como um tipo particular de visão que incorpora o poder das instituições na indústria do turismo que é moldado por culturas.*

No que se refere à abordagem psicológica da experiência turística, merece destaque o ponto de vista de Moscardo (2009) que elucida o quão importante é a subjetividade das sensações vivenciadas durante a experiência, sendo o resultado a aquisição de novos conhecimentos. Para a autora os turistas escolhem determinadas atividades ou destinos, com base em informações previamente disponíveis que, não raras vezes, são transmitidas por outros turistas, geralmente em forma de histórias.

Salienta-se que cada turista construirá as suas próprias experiências, de forma individual. Tal como ressaltam Mendes e Guerreiro (citado em Camarinha, 2016, p. 11) “a subjetividade da experiência turística é acentuada pela noção de que o valor esperado de uma experiência difere

de indivíduo para indivíduo e em função de cada contexto situacional”. No entanto, estas experiências quando compartilhadas podem influenciar as escolhas de outros turistas.

A experiência turística também é abordada sob um ponto de vista antropológico. Selstad (2007, p. 20) caracteriza a experiência turística como uma imensa variedade de atividades e “não pode existir uma explicação simples sobre comportamento e Experiências Turísticas. Um papel importante na antropologia social e na investigação interdisciplinar orienta-se para a exploração da diversidade das Experiências Turísticas”. O autor, tal como tantos outros, refere a dificuldade em conceitualizar a experiência turística, uma vez que se trata de uma atividade com múltiplas vertentes. Por outro lado, o mesmo refere que há uma intrínseca relação entre a experiência e a procura dos turistas por encontrar a sua identidade ou ainda atingir a autorrealização.

Estudiosos da antropologia têm opiniões semelhantes aos estudiosos da psicologia, no sentido de defenderem que cada turista procura experiências distintas quando realizam alguma atividade turística (Marujo, 2016). Salienta-se também que, ainda que estejam no mesmo lugar, realizando a mesma atividade, cada indivíduo interioriza para si diferentes Experiências Turísticas (Ooi, 2005). Tal como anteriormente referido, as experiências dependem das vivências subjetivas de cada indivíduo, isto porque ninguém vislumbra o mundo e as atividades da mesma forma, com os “mesmos olhos”.

Importa referir ainda a abordagem económica das Experiências Turísticas que se relaciona com as propostas de Pine e Gilmore (1998). Os autores referem que os consumidores, ao utilizar qualquer serviço ou produto, esperam vivenciar uma experiência, tal como ocorre no âmbito do turismo. Qualquer turista, por simples que seja a viagem, espera vivenciar uma experiência única, marcante. Isto justifica que as entidades que oferecem serviços turístico desenvolvam atividades que proporcionem experiências aos consumidores, ou seja, esta nova procura por experiência únicas e memoráveis, de acordo com Oh et al.,(2007) tem obrigado as empresas a desenvolver novas ofertas, que para além de serem diferenciadas e de qualidade, precisam ser específicas para cada consumidor e corresponder à expectativa dos mesmos.

Na ótica económica as Experiências Turísticas são interpretadas de diferentes formas, podendo produzir no indivíduo que as vivencia, distintas emoções, sensações físicas e até mesmo espirituais. Cabe ressaltar o posicionamento de Pine e Gilmore (1999) no sentido de que:

Nunca haverá duas experiências iguais, já que cada ‘apresentação’ da experiência interage com o estado mental anterior do indivíduo e depois permanece na sua memória. Nenhum pai leva os seus filhos à Disney só pelo passeio, mas sim pelos momentos compartilhados que se converterão em recordação indelével (citado em Marujo 2016, p.2).

Nesta perspectiva, a experiência não será restringida ao momento da viagem em si, pelo contrário, os seus reflexos serão perpetuados no tempo, tornando-se para o turista recordações de momentos vividos e atividades realizadas. Conforme descrevem Haahti e Kompula (2005).

Uma experiência pode ser apenas uma revelação emocional e intelectual instantânea que pode ter influência duradoura na pessoa. Pode ser um pequeno evento ou uma sequência de factos relacionados, ou pode ser revelado num processo de longa duração tal como uma viagem de férias cara ou muito antecipada, planeada com membros da família (pp. 102-103).

Nos estudos realizados por Cohen (citado em Marujo, 2016), que analisam as Experiências Turísticas sob um ponto de vista sociológico, a experiência turística é formada com base na relação do indivíduo e os vários campos com significado simbólico para o turista. Cohen (citado em Marujo, 2016), promoveu a análise de diferentes cenários com significado para o turista, tal como a valorização da cultura, a vida em sociedade, o meio ambiente, elementos essenciais, para o viajante. A partir dos seus estudos, o autor distinguiu cinco modalidades de experiências, baseadas na opinião dos consumidores:

- a)** *Recreacional: turistas que procuram entretenimento para recompor as forças psíquicas;*
- b)** *Diversiónária: turistas que procuram lazer e recreação organizados;*
- c)** *Experiencial: turistas que procuram o significado da vida dos outros e a autenticidade da cultural local;*
- d)** *Experimental: turistas que querem experimentar estilos de vida alternativos;*
- e)** *Existencial: turistas que procuram sair da rotina para um lugar que lhes transmita paz espiritual.*

(Cohen citado em Marujo, 2016,p.8)

Cohen (citado em Marujo, 2016, p. 8) entende que não basta apenas que as entidades promotoras de turismo criem atividades interessantes, é necessário que sejam criadas diferentes modalidades de experiência, pois existem diversos tipos de turistas, que procuram experiências distintas. A experiência turística está, desse modo, relacionada com a dimensão espiritual da vida do indivíduo, de modo que os vários modos da experiência turística diferem na facilidade da sua realização; quanto mais profunda é a experiência, mais difícil se torna realizá-la.

Por outro lado, para Agapito et al. (2017) as experiências sensoriais podem promover níveis mais elevados de envolvimento do turista, o que os leva a relembrar uma maior diversidade de impressões sensoriais significativas a respeito de seu planeamento de retorno ao destino para participar nas mesmas atividades. As Experiências Turísticas, vistas de uma perspectiva sensorial, visam explorar o potencial de nichos de mercado ou a criação de roteiros sensoriais

que atendam às motivações e necessidades específicas dos turistas. Nesse sentido, esforços para explorar criativamente todos os sentidos e o uso de indústrias criativas podem potencializar Experiências Turísticas únicas, atraentes e sustentáveis (Agapito et al., 2017).

Ao falar das Experiências Turísticas, Torres-Moraga et al. (2021) defendem que para que uma Experiência Turística seja sustentável e memorável há que se ter um certo cuidado com a beleza do entorno natural.

Do seu ponto de vista Richards (2011), Kastenholz et al. (2014), Mateiro (2018) e Kastenholz et al. (2020) defendem que as Experiências Turísticas devem ser desenvolvidas tendo em conta os princípios de consciência ecológica, responsabilidade social e responsabilidade de todos os agentes envolvidos, e ao mesmo tempo ser projetadas a partir de uma abordagem holística, que considera todas as perspetivas envolvidas incluindo os objetivos dos turistas, as expectativas das comunidades locais e o meio ambiente e o bem estar dos mesmos. Os mesmos autores enfatizam que é essencial que os agentes envolvidos tenham compreensão e conhecimento sobre a cultura local, a fim de proporcionar experiências mais enriquecedoras e memoráveis para os turistas.

De acordo com Novo (2020) os turistas normalmente escolhem locais específicos, em que esperam realizar atividades, e a própria viagem já representa elemento fundamental da experiência. Em regra, há uma busca pela contemplação e pelo registo de cada momento vivenciado durante a viagem, que compõe a experiência final do turista. Note-se que até mesmo atividades normais, como as refeições durante uma viagem turística, se tornam experiência, pois os viajantes tendem a procurar locais mais caros e mais elegantes do que normalmente escolheriam (Kastenholz et al., 2014; Mateiro, 2018; Novo, 2020).

A literatura científica sobre turismo indica que a experiência é geralmente o resultado de vários motivos, isso significa que a experiência está ligada a sentimentos, emoções e ideologias, bem como a serviços oferecidos, viagem ou destino (Pazini et al., 2017). Segundo Guzmán et al., (2018) a cultura é um dos principais motivos pelos quais os turistas buscam novas experiências. Estar rodeado de coisas, pessoas, lugares, sons, paisagens que normalmente não se vê no dia a dia passa a ser o principal eixo para buscar uma experiência única.

Deste modo, a experiência no universo do turismo acaba por constituir uma importante vertente, pois cada vez mais os turistas procuram atividades que resultarão em experiências marcantes. Dentre estas experiências podemos encontrar o TR que traz consigo uma grande diversidade de atividades: culturais, desportivas, gastronómicas, entre outras, que permitem ao turista não só observar como escolher, criar, viver e sentir as suas próprias experiências (Alarcão, 2021; An & Alarcón, 2021; Marques, 2018).

1.3.2. Experiência Turística em Zonas Rurais

Ainda há pouco tempo, as pessoas viam o campo como um lugar para praticar a agricultura e um meio para abastecer as grandes metrópoles ou, ainda, para visitar parentes (Moreira, Fernando João; Reis, 2017). Estes visitantes deram lugar a turistas mais experientes e, conseqüentemente, passaram a ver o campo como um local de fuga da rotina do trabalho. Como consequência, o campo reestruturou a sua oferta e tornou-se um produto turístico, permitindo a criação de experiências próprias, o que levou ao surgimento de um novo conceito de experiência turística no meio rural.

De acordo com Kastenholz et al. (2020) os turistas visitam os locais rurais motivados por uma variedade de expectativas e benefícios, frequentemente associados à oportunidade de ter experiências locais agradáveis, relaxantes, restauradoras e significativas: experiências de natureza, paisagens, pessoas, comida típica, produtos locais, tradições autênticas, ritmo lento, intimidade, tranquilidade e reconexão consigo mesmo.

Essa nova tendência [experiência] que os autores Pine e Gilmore (1998) denominaram como a quarta oferta econômica, revolucionou o mercado turístico rural, que se viu obrigado a adaptar-se às novas imposições do mercado e a aproveitar melhor os seus produtos endógenos, indo ao encontro das exigências e desejos do novo turista (Cooper et al., 2007) que almeja vivenciar experiências capazes de deslumbrar os seus sentidos, de o envolver pessoalmente e tocar o seu coração e a sua mente (Hosany & Witham, 2009), enquanto se entregam a fantasias, sentimentos e diversão (Holbrook & Hirschman, 1982).

As experiências de TR são cada vez mais procuradas em diversos contextos geográficos, culturais e sociais, por uma variedade de razões e propósitos, e correspondentemente condicionadas e cocriadas por uma multiplicidade de agentes e destinos de TR concorrentes, em busca de novas oportunidades de negócios e desenvolvimento rural sustentável (Kastenholz et al., 2020)

Esse aumento pela procura de viver experiências por parte dos turistas vem despertando, de acordo com Tung e Ritchie (2011), a curiosidade de estudiosos que se mostram cada vez mais interessados em estudar e compreender o conceito da experiência turística dos visitantes, tornando-o, assim, num ponto focal da atual investigação e gestão do turismo. Em contrapartida, Kastenholz e Carneiro (2013) afirmam que o mesmo não acontece quando se trata de analisar a experiência turística dos visitantes em áreas rurais.

São poucos os estudos realizados para avaliar a experiência dos visitantes em áreas rurais e, mesmo esses estudos, focam-se, maioritariamente, na análise da experiência associada a elementos muito específicos de algumas áreas rurais, por exemplo, experiências associadas ao vinho e a locais onde é produzido e a atividades muito específicas que podem ser praticadas em áreas rurais, como é o caso do montanhismo.

Estes estudos não permitem, deste modo, ter uma perspectiva abrangente da experiência dos visitantes no meio rural (p. 71) .

Seguindo esta linha de pensamento, An e Alarcón (2021) afirmam existir uma nítida falta de pesquisas de segmentação de mercado com base nas Experiências Turísticas no TR, uma vez que as pesquisas existentes têm-se concentrado apenas em pesquisas quantitativas baseadas nos pontos de vista dos investigadores.

Para Agapito et al. (2014) a melhor forma de se analisar as Experiências Turísticas nas zonas rurais é através do marketing sensorial por ser o mais adequado para o desenvolvimento sustentável das áreas rurais devido à riqueza multissensorial e à vulnerabilidade dos recursos endógenos existentes nessas áreas.

Schmitt (1999), por outro lado, analisam a experiência de consumo, afirmando tratar-se do resultado de “passar por” ou vivenciar situações que proporcionam valores ou benefícios sensoriais, emocionais, cognitivos, comportamentais, relacionais ou funcionais, envolvendo todo o ser humano.

No que se refere à definição da experiência turística rural Kastenholz et al. (2012, p. 248) definem-na como sendo uma realidade complexa que é vivida tanto pelos turistas como pelos moradores, do qual também fazem parte os recursos locais, as infraestruturas, a típica oferta do TR, “coordenadas por uma organização de gestão/ marketing do destino, no seio de um sistema lato de forças económicas, culturais e sociais.”

Quanto aos tipos de Experiências Turísticas que possivelmente podem ser associados aos espaços rurais, Cohen (1979, citado em Kastenholz et al., 2014, pp. 44-45), enumera cinco: (1) o modo recreativo, cuja finalidade é a de recuperar, “recarregar baterias”, (2) o modo de diversão, trata-se de uma procura de “distração” de uma vida aborrecida, sem “centro”, “sem sentido”, (3) o modo experiencial, objetivo da viagem é observar e “vivenciar passivamente a vida autêntica dos outros”, (4) o modo experimental, o turista vivência intensamente “a vida autêntica dos outros”, sem se envolver totalmente ao “centro”, e (5) o modo existencialista, o turista adere completamente ao “centro espiritual elegido lá fora”.

Ao procurar experiências nas zonas rurais, o turista pretende, de acordo com Borges e Silva (2019, p. 6282) “experimentar suas peculiaridades, a culinária, a hospedagem numa propriedade rural, a forma de produção, o consumo dos produtos agropecuários ou artesanais vindos diretamente do seu produtor e também o contacto com a natureza, mas com a predileção pela vista cénica modificada pela produção rural”

A experiência turística rural, na opinião de Eusébio et al. (2017) caracteriza-se por apresentar atividades agrícolas que são oferecidas em áreas rurais onde os turistas podem participar e ter um contacto mais profundo com as culturas rurais, como visitas guiadas a campos agrícolas, onde podem ser fornecidas explicações sobre a agricultura típica da região e os visitantes podem

até ser convidados a participar em atividades de colheita de produtos agrícolas ou outras atividades.

São essas atividades que tornam a experiência do turista rural significativa e que lhe permitem aprofundar seus conhecimentos sobre um artesanato típico e até mesmo aprender, experimentar ou auxiliar no seu processo produtivo (Eusébio et al., 2017). Os mesmos autores sugerem que a experiência turística no meio rural permite um contacto mais próximo do turista com a vida rural e os costumes ancestrais, isto significa que se reconstróem as origens de uma região ou país em que tal experiência cria um espaço de conhecimento cultural.

De uma perspectiva mais inovadora, Hernández Rojas et al. (2017) destacam que a culinária faz parte da identidade cultural, com facetas históricas e culturais, tornando-se um recurso turístico e não apenas um facilitador da experiência turística. Portanto, a comida tradicional rural pode ser o elemento diferenciador. Este tipo de experiência turística, de acordo com aquele autor, é habitualmente denominado turismo gastronómico, que consiste em visitas a produtores primários e secundários de alimentos, festas gastronómicas, restaurantes e locais específicos onde a degustação de pratos é o principal motivo de uma viagem.

O potencial desta experiência turística na área da gastronomia no meio rural pode oferecer novas oportunidades, uma vez que cria um importante estímulo para a economia e cultura dessas áreas. O desenvolvimento do turismo gastronómico rural contribui para integrar a função produtiva primária tradicional com uma função terciária especializada, aumentando as fontes de rendimento e melhorando, para além dos níveis de rendimento, os níveis de emprego da população local, ao mesmo tempo em que proporciona multifuncionalidade às áreas rurais (Hernández Rojas et al., 2017).

Por sua vez, Rosalina et al. (2021) referem que a multifuncionalidade da experiência turística rural é ampla, porque a maioria das formas de turismo pode ocorrer em meio rural e as experiências podem-se assemelhar a outros tipos de turismo, por exemplo, turismo religioso, turismo cultural, turismo de aventura e, em particular, turismo agrícola. Esses tipos de turismo podem diversificar as atrações e Experiências Turísticas rurais. No entanto, uma diversidade de atrações pode dissipar a singularidade da experiência. Esta pode ser concetualizada pelo estabelecimento de definições aplicáveis a um país ou contexto específico. Por isso, para se obter uma experiência significativa do TR deve-se buscar a singularidade na promoção dos valores da identidade cultural e patrimonial de uma região ou país (Rosalina et al., 2021). As Experiências Turísticas em áreas rurais, nas palavras de Carvalho et al. (2021), estão associadas à nostalgia e ao interesse por produtos locais autênticos.

Para o turista que busca uma experiência turística rural existe uma relação entre saudade e compras, pois a vivência nostálgica gerada pelo meio rural prolonga experiências agradáveis através do consumo e uso desses produtos em casa, compartilhando-os com outras pessoas importantes para si, trazendo lembranças tangíveis e melhorando o apego ao lugar (Carvalho et al., 2021). Em termos práticos, os resultados do estudo de Carvalho et al. (2021) confirmam que,

na experiência doTR, a nostalgia e os estímulos sensoriais valorizam a cultura e a economia local por meio da produção e venda de produtos locais, enquanto esses efeitos são visíveis apenas para os turistas e não para os visitantes.

Na análise feita por Kastenholz e Carneiro (2013) às redes de Aldeias do Xistos, estes autores chamam a atenção para a criação de experiências nas zonas rurais que, para além de serem apelativas, sejam assentes na sustentabilidade, que permita uma maior oportunidade de interação com residentes e outros visitantes, desenvolvimento de atividades que permitam um maior envolvimento e uma participação mais ativa em atividades locais.

Autores como Fong et al. (2017), Torres-Moraga et al. (2021) e Kastenholz e Figueiredo (2012) defendem, por seu lado, que para que o TR e as Experiências Turísticas nas zonas rurais sejam positivas e diminuam os aspetos negativos tanto para a comunidade quanto para os turistas e as zonas rurais em si é necessário que se adote o conceito de sustentabilidade de modo a obter benefícios sociais, culturais, económicos e ambientais de longo prazo. No entanto, defendem ainda que para que isso aconteça é necessário que as comunidades locais e os demais *stakeholders* envolvidos estejam conscientes e sensibilizados para a importância que isso tem para as comunidades locais e o papel de cada um dos responsáveis pela implementação de práticas turísticas sustentáveis e conscientes como por exemplo a conservação da cultura local dos recursos culturais, e ambiente natural melhoria da qualidade de vida dos residentes locais, otimização dos recursos locais.

Para além disso, aqueles autores defendem ainda que as práticas turísticas sustentáveis devem assentar numa gestão participativa e numa complementaridade entre as ações locais e as macro estratégias nacionais, para que desta forma se possa garantir o crescimento da qualidade do TR e das Experiências Turísticas, bem como o desenvolvimento de práticas de turismo responsável, que sejam geradoras de benefícios para todos os intervenientes.

1.4. Caracterização de Cabo Verde

Neste capítulo procura-se fazer um breve enquadramento histórico sobre Cabo Verde, e de um modo mais específico, das ilhas em estudo Santiago, Fogo e Santo Antão, ilhas onde o TR é mais predominante. Assim sendo, abordar-se-á o contexto sociodemográfico e a sua atividade económica e turística.

Belas paisagens, que vão desde as suas belas e imponentes montanhas e vales, às aldeias dos pescadores, diversidade cultural, ricas tradições, uma requintada e diversificada gastronomia, espalhadas pelas dez ilhas que constituem o arquipélago, fazem de Cabo Verde um santuário turístico, que uma vez bem aproveitado pode potencializar Cabo Verde enquanto destino turístico rural de excelência e, conseqüentemente, alavancar a economia do país e principalmente das localidades.

1.4.1. Cabo Verde

Cabo Verde é um Estado insular que faz parte de um grupo de ilhas vulcânicas localizadas ao largo da costa noroeste de África. Está localizado na zona sub-saheliana e possui um clima subtropical seco moderado pelos ventos alísios. Trata-se de um arquipélago constituído por 10 ilhas, que por sua vez está dividido em duas regiões a do Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista) e a do Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava). Com uma área total de 4 033 km², e uma população de 483 628 habitantes, sendo que 73,9% vive no meio urbano e 26,1% no meio rural. Somente 10% do seu território é classificado como solo cultivável, e o país tem recursos minerais limitados (Brito et al., 2010; Hermann et al., 2020; INE, 2021b; World Bank Group, 2018).



Figura 2: Bandeira e mapa das ilhas de Cabo Verde

Fontes: Disponível em Esquina do Tempo: <https://brito-semedo.blogs.sapo.pt/>

Cerca de 88% da população vive atualmente em quatro ilhas: Santiago (56%), São Vicente (15%), Santo Antão (9%) e Fogo (8%) (World Bank Group, 2018). Na tabela 3 visualiza-se o número de habitantes por ilha.

Tabela 3

Nº de Habitantes por ilha

| Ano | Número de Habitantes | | |
|------|----------------------|-------|-------------|
| | Santiago | Fogo | Santo Antão |
| 2010 | 274044 | 37071 | 43.915 |
| 2015 | 294135 | 35837 | 40547 |
| 2019 | 327367 | 35015 | 38195 |

Fonte: Adaptado de Anuário 2010, 2015, 2019

A ilha que possui o maior número de habitantes é a ilha de Santiago com um total de 327.367 habitantes, e a ilha com menor número de habitantes é a ilha de Fogo com 35.015 habitantes. É possível também perceber que ao longo dos anos a população das ilhas de Fogo e Santo Antão tem diminuído.

As particularidades geográficas e culturais específicas de cada uma das ilhas de Cabo Verde permitem ao país oferecer uma diversidade de tipos de Turismo, tais como o Turismo náutico (prática de desportos náuticos, desde o *surf*, *windsurf* e *kitesurf*, ao mergulho, pesca e natação), o TR (que visa um contato mais direto com a agricultura e tradições campestres), o Turismo cultural (assente em elementos históricos e artísticos) e o ecoturismo (trilhas, montanhas, entre outros) (Cruz, 2013; Fernandes et al., 2019; Sousa, 2020).

Conhecido pela sua cultura crioula afro-portuguesa, o País tem como língua materna o crioulo, e a língua oficial o português. Cada uma das ilhas apresenta um sotaque de linguagem diferente, resultado da miscigenação de povos que passaram pelo arquipélago enquanto colónia portuguesa. Para além de ser um dos elementos do património histórico e cultural de Cabo Verde, “as diferentes variantes linguísticas regionais” das ilhas constituem também um atrativo turístico, pela sua riqueza e diversidade de pronúncias e vocabulários (Ferreira, 1997; Madeira, 2015).

O clima temperado durante todo o ano (entre 25 e 28 graus Celsius), as belas praias e paisagens, o baixo risco de insegurança, proximidade com o continente europeu, e a paz reinante no país da “morabeza”, fizeram de Cabo Verde um destino turístico de excelência, fator que contribuiu para alavancar a economia cabo-verdiana, convertendo o turismo no setor que mais tem contribuído para o desenvolvimento do país. Em concreto, 25,6% do PIB é gerado pelo setor que também é responsável por movimentar 40% de toda a atividade económica do arquipélago (INE, 2019).

Apesar do seu grande contributo para o país, o Turismo em Cabo Verde é uma atividade bastante jovem que só começou a dar os seus primeiros passos a partir dos anos 60 com a construção do aeroporto internacional e a primeira pousada na ilha do Sal (Reis, 2021). No entanto, o Turismo só começou a ganhar relevo como eixo estratégico para o desenvolvimento do país em 1991 com as primeiras eleições multipartidárias, e conseqüentemente a abertura da economia cabo-verdiana ao investimento externo, momento em que esse investimento começou a ser usado na promoção do sector turístico (Lorena, 2009)

De acordo com Popinsky (2019) o Turismo em Cabo Verde expandiu-se de forma heterogénea entre as ilhas. Conforme explica o autor ao comparar-se o desenvolvimento turístico da ilha da Boavista com a do Fogo verifica-se que enquanto na primeira ilha predomina o Turismo de massa, cujos atrativos se baseiam em sol e praia, na da ilha do Fogo, embora numa pequena escala, predomina o designado Turismo de natureza, onde a principal atração turística é o vulcão. As diferenças das ofertas turísticas, segundo Popinsky (2019) estão relacionadas com os

diferentes tipos de turistas que procuram estas ilhas e com as estratégias e os atores sociais envolvidos nesta atividade.

1.4.2 Caracterização das Ilhas

As ilhas de Cabo Verde possuem características distintas em termos de Turismo e oferecem, conforme suas especificidades, várias atividades para os turistas. No caso das ilhas em estudo, Santo Antão, Santiago e Fogo, oferecem cultura, história, montanhas, agroturismo, diversas experiências baseadas no saber e fazer da população local, além de praias, piscinas naturais e belas paisagens de costa (Ministério das Finanças, 2019).

1.4.2.1 Ilha de Santiago

Santiago é a maior ilha de Cabo Verde, com 991 Km², representa cerca de 24,6% do território nacional, e uma população de 327.367 habitantes dividida pelos 9 concelhos da ilha (Tabela 4). Está dividida em nove concelhos: Tarrafal, Santa Catarina, Santa Cruz, Praia, São Domingos, São Miguel, S. Salvador do Mundo, S. Lourenço dos Órgãos e Ribeira Grande de Santiago (Figura 3) (INE, 2019; INE, 2021a). É nesta ilha que se encontra a cidade capital do país, Praia (Figura 5), elevada a esta categoria em 1858, e os principais órgãos administrativos e do governo. É também nesta ilha que fica situada a Cidade Velha, Património da Humanidade (Figura 4), título dado pela UNESCO em 2009, antigamente denominada de Ribeira Grande de Santiago (Conceição, 2014).

De origem vulcânica e uma paisagem na sua maioria desértica, a ilha de Santiago, é constituída por várias zonas montanhosas, sendo o pico mais alto do território, o Pico de António, com 1392 metros de altura. Assim, a ilha é formada por profundos vales e uma costa cheia de recifes, rodeadas por praias de areia. A sua economia é baseada na agricultura e pesca. A capital, Praia, anteriormente conhecida por Praia de Santa Maria, tem cerca de 70.000 habitantes e fica no extremo sul da ilha. Anteriormente, a capital era a Cidade da Ribeira Grande (que hoje se chama Cidade Velha), a 15 km da Praia (Baessa, 2020; Â. Borges, 2014).

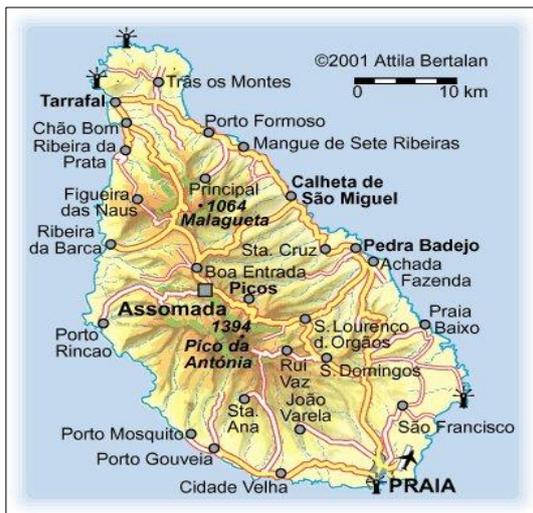


Figura 3: Mapa da ilha de Santiago

Fonte: <https://www.researchgate.net/>



Figura 4: Praça Alexandre Albuquerque (Cidade da Praia)

Fonte: <https://www.capeverdeislands.org/>



Figura 5: Largo do Pelourinho - Cidade Velha (Património da Humanidade)

Fonte: Própria

Tabela 4*População Residente por Concelho (Santiago)*

| Concelhos da ilha Santiago | Total de Residente Concelho | Total de Residentes Zonas Rurais |
|-----------------------------------|------------------------------------|---|
| Tarrafal | 16.620 | 3.137 |
| Santa Catarina | 3.747.225 | 16.175 |
| Santa Cruz | 25.004 | 14.966 |
| Praia | 142.009 | 4.141 |
| São Domingos | 13.958 | 10.998 |
| São Miguel | 12.906 | 6.577 |
| S. Salvador do Mundo | 7.452 | 5.412 |
| S. Lourenço dos Órgãos | 6.317 | 5.690 |
| Cidade Velha | 7.632 | 4.313 |

Fonte: INE (2021b)

1.4.2.2 Ilha de Fogo

Dividida em três municípios, Mosteiro, Santa Catarina e São Felipe, a ilha do Fogo (Figura 6) está situada a sul do Arquipélago de Cabo Verde, a Este da ilha da Brava e a Oeste de Santiago, sendo a cidade capital São Felipe. A ilha possui um total de 33,519 habitantes que se encontram divididas entre os três concelhos da ilha (Tabela 5). Com uma área de 476 kms² e cerca de 25 km de comprimento de norte a sul, trata-se de uma ilha de origem vulcânica, cujo episódio vulcânico mais recente ocorreu em 2014. É nesta ilha que fica situada o pico mais alto do país, o Pico do Fogo, com cerca de 2.829 metros de altitude.(Direção Geral do Turismo, 2015) Caracterizada por um vasto património natural e cultural, devido à sua composição geográfica, influenciada pela colonização portuguesa, a ilha do Fogo é marcada por um majestoso vulcão ativo e um conjunto de elementos histórico-culturais.

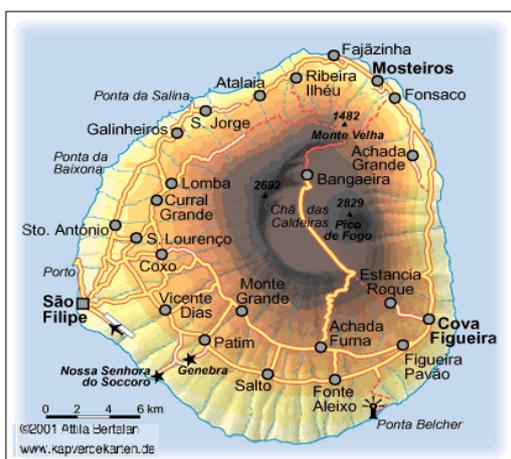


Figura 6: Mapa da ilha de Fogo

Fonte: <http://topicos123.com/ILHA-DO-FOGO.HTML>

À semelhança da ilha de Santiago, o setor económico da ilha está baseado no setor primário, mais concretamente na agricultura de sequeiro, com preponderância do café e das uvas. O setor industrial é limitado à pequena transformação de matérias-primas ligadas à produção do vinho, queijo e atividades ligadas à construção civil. Na tabela 5 encontram-se os números dos habitantes por concelhos.

Tabela 5

População Residente por Concelho -Fogo

| Concelhos da ilha do Fogo | Residentes do Concelho | Residentes nas Zonas Rurais |
|---------------------------|------------------------|-----------------------------|
| Mosteiros | 8.062 | 3.978 |
| São Filipe | 20.732 | 10.635 |
| Santa Catarina - Fogo | 4.725 | 4.005 |

Fonte: INE (2021b)

1.4.2.3 Ilha de Santo Antão

Com uma população de 38.195 habitantes, e uma área de 779 km², fica no lado Barlavento a noroeste, a ilha de Santo Antão foi descoberta entre os anos de 1460 ou 1462. Povoada no ano de 1548 é a segunda maior ilha de Cabo Verde, de origem vulcânica, e a terceira em população, tendo uma extensão longitudinal de aproximadamente 40km e de 20 km de largura. A ilha possui atualmente um total de 23,112 habitantes que se encontram divididas entre os três concelhos da ilha (Tabela 6) Das ilhas de Cabo Verde, Santo Antão é a mais ocidental e a mais afastada do continente africano. O ponto mais alto mede cerca de 1979m e chama-se Topo da Coroa

(Ministério das Finanças, 2019). Santo Antão está dividida em três concelhos – Paul, Porto Novo e Ribeira Grande (Figura 7) e tem sete freguesias – Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Livramento, Santo Crucifixo, São Pedro Apóstolo, Santo António das Pombas, São João Baptista e Santo André.

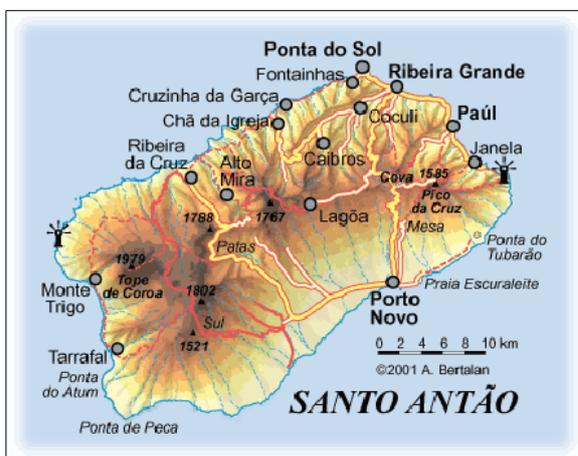


Figura 7: Mapa da ilha de Santo Antão

Fonte: <https://brito-semedo.blogspot.pt/>

A Ilha destaca-se pelos seus aspetos geográficos e paisagens que possibilitam o desenvolvimento de setores económicos como a agricultura, pecuária, pesca e o Turismo. Entre 2007 e 2016, o PIB relacionado com o setor de alojamento e restauração teve um aumento de 233%, sendo o setor com maior crescimento no período. Em termos de participação atual no PIB da ilha, em 2016, o setor do alojamento e restauração corresponde apenas a 2%, bem atrás do comércio (7%), da agricultura e pecuária (18%) e dos transportes (15%). De acordo com dados do INE, em 2018, a ilha contabilizou um total de 31.206 hóspedes, ocupando a quinta posição neste indicador, quando comparada com as demais ilhas (DGT, 2014; Estrela et al., 2017; Ministério das Finanças, 2019).

Tabela 6

População Residente por Concelho – Santo Antão

| Concelhos da ilha do Santo Antão | Total de Residente Concelho | Total de Residentes Zonas Rurais |
|----------------------------------|-----------------------------|----------------------------------|
| Ribeira Grande | 1.502 | 8.748 |
| Paul | 5.696 | 4.267 |
| Porto Novo | 15.914 | 4.776 |

Fonte: INE (2021b)

1.4.3 Turismo Rural entre as Ilhas de Cabo Verde

Com uma taxa média de crescimento de mais de 8% ao ano, o turismo tem-se tornado numa das maiores fontes de crescimento económico de Cabo Verde. No entanto, a sua falta de sustentabilidade é notória, principalmente nas ilhas onde as especificidades do turismo não são o de Sol e Mar, como é o caso das outras seis ilhas, entre as quais Santo Antão, Fogo, Santiago, em que o foco do turismo é o de Natureza e o TR (Estrela et al., 2017; Ministério das Finanças, 2019; Rosário, 2020).

No entanto, ao falar do turismo em Cabo Verde, seja a nível internacional, como a nível nacional o normal é se pensar no turismo de Sol e Praia, isto por ser o principal modelo turístico praticado no país (Fernandes et al., 2019) no entanto, à procura de um novo modelo turístico que seja capaz de abranger todas as ilhas do arquipélago, sem comprometer a qualidade e sustentabilidade das mesmas, e ao mesmo tempo trazer ganhos para toda a população cabo-verdiana os investidores turísticos, o governo cabo-verdiano e a própria população têm procurado novas formas de atrair novos tipos de turistas e diversificar Cabo Verde enquanto destino turístico.

À semelhança de muitos países insulares e de pequena dimensão, Cabo Verde tem procurado afirmar-se como um destino turístico exótico, e autêntico. É neste contexto, que o TR, Turismo de Natureza vem ganhando espaço e posicionando Cabo Verde como um destino diversificado e competitivo.

A necessidade de definir uma estratégia para o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde numa base de sustentabilidade a curto, médio e longo prazos, de mitigar os problemas de ordem ambiental e social causados pelo monopolização do turismo de sol e mar nas ilhas de Boa Vista e Sal e ainda a exclusão das demais ilhas e o crescimento da pobreza, tem levado o governo Cabo-verdiano a pensar em novas estratégias que sejam capazes de contribuir para a evolução de um turismo inclusivo, tendo em conta as especificidades de cada ilha e que, para além de diversificado, seja sustentável e viável. Uma dessas estratégias passa pelo TR e a consequente criação de uma lei específica (Estrela et al., 2017; Ministério do Turismo, 2018; Boletim Oficial, 2019; Rosário, 2020).

No que diz respeito ao TR, Santiago, Santo Antão e Fogo são as ilhas onde esta vertente se encontra mais desenvolvida, isto porque são as ilhas onde se encontram os recursos endémicos e paisagísticos e naturais e as que possuem também uma diversidade de produtos que podem contribuir para o desenvolvimento desta tipologia de turismo como por exemplo a agricultura, a floresta, a pecuária, as pescas, a gastronomia, a observação da fauna e da flora, passeios em ambiente ecológico, visitas a parques e reservas naturais e a centros interpretativos, atividades as mais diversas em terra e no mar (Carvalho, 2010; Ministério das Finanças, 2019).

De acordo com Carvalho (2010) a biodiversidade constitui um importante recurso turístico nacional, em concreto cerca de uma centena de plantas endémicas, quatro dezenas de aves

reprodutoras, das quais dezenas são endêmicas e mais de uma dezena de répteis endêmicos. Tal diversidade, de acordo com a autora, atrai o interesse dos amantes do turismo de natureza, que poderão contemplar não só flora e fauna terrestres e marinhas, como também participar em safaris aquáticos e na observação de golfinhos e baleias, frequentes nestas paragens. Ainda, de acordo com Carvalho (2010) o arquipélago possui também uma diversidade de produtos que podem contribuir para o desenvolvimento desta tipologia de turismo como é o caso da agricultura, a floresta, a pecuária, as pescas, a gastronomia, a observação da fauna e da flora, passeios em ambiente ecológico, visitas a parques e reservas naturais e a centros interpretativos e portanto, as mais diversas atividades em terra e no mar (Figura 8). Neste sentido, pode-se dizer que Cabo Verde é muito mais do que praia e sol, o arquipélago oferece também experiência desde paisagens naturais e exóticas, a cultura vibrante das ilhas, a deliciosa culinária crioula e às diversas atividades culturais e naturais para desfrutar dentre os quais: escalar uma montanha, percorrer percursos pedestres ou ainda passear e encantar-se com a diversidade da cultura crioula (Tabelas 7, 8,9).

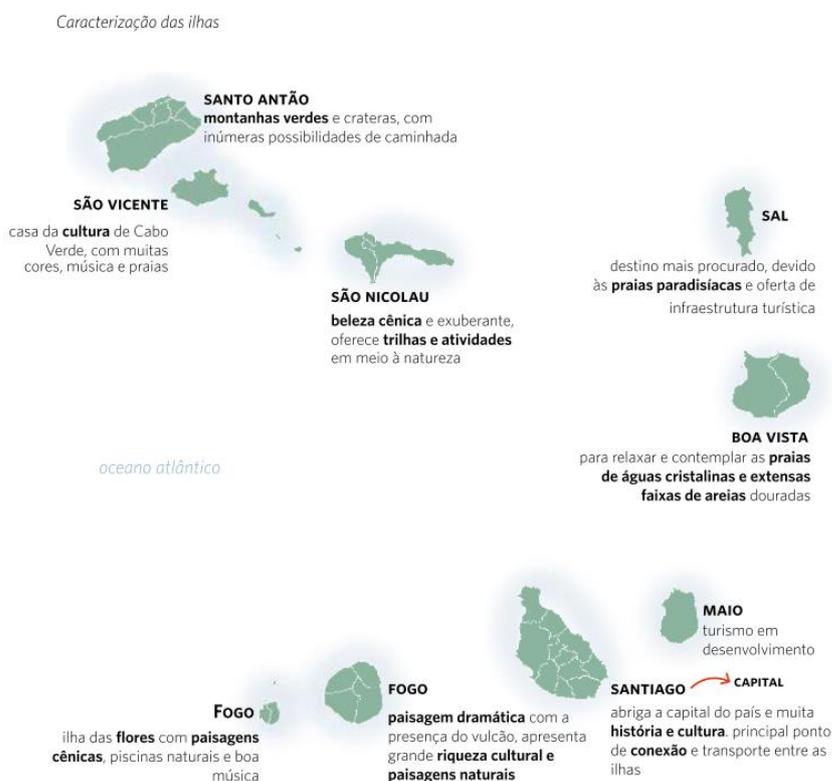


Figura 8: Ilhas de Cabo Verde e as Ofertas Turísticas

Fonte: Master Plan Draft, Ministério das Finanças 2019

Tabela 7

Tipos de Experiências ilha de Santiago

| Concelho | Tipos de Experiências ofertadas |
|------------------------|--|
| Tarrafal | e-coturismo; caminhadas; observação de aves e animais endémicos; visitas a nascentes; escalada; boulder; trekking; corridas de aventura; tirolesa; off road; contemplação do fundo marinho; pesca desportiva; passeios de bote; |
| Santa Catarina | Caminhadas; campismo; trilhas, paisagismo; geoturismo; passeios de bote, mergulho, espeleoturismo; turismo balnear; turismo náutico; pesca desportivo; gastronomia; agroturismo; ecoturismo; |
| Santa Cruz | Agroturismo; caminhada; excursões; gastronomia; birdwatching; plantas e animais endémicos (tartarugas); pesca desportiva; paisagens; turismo balnear; |
| São Domingos | Turismo de natureza; TR; ecoturismo; turismo de montanha; escalada; percurso pedestre; piqueniques; observação da fauna e flora; agroturismo; degustação de gastronomia local; atividades culturais; roteiro de aguardente; preparação e degustação; acampar; campismo; caminhadas; contemplação das paisagens; turismo científico; espeleoturismo; desportos náuticos; passeio de botes e mergulho; turismo balnear; festas de romaria; |
| São Miguel | Agroturismo; ecoturismo; desportos radicais como a escalada; Boulder; trekking; corridas de aventura; prática desportiva na areia; turismo balnear; rota do grogue; experiências gastronómicas; contemplação de paisagens; festas de romaria; artesanato; |
| S. Salvador do Mundo | Festas de Romarias e Folclore; gastronomia local; agroturismo; ecoturismo; contemplação de paisagens, fauna e flora; trekkings; campismo; espeleoturismo; turismo de habitação; festas de romarias; feiras agropecuárias e de artesanatos; eventos culturais, como teatro, música, dança; birdwatching; gastronomia; turismo religioso; |
| S. Lourenço dos Órgãos | Turismo de montanha; ecoturismo; aventura; paisagismo; alpinismo; observação de aves endémicas; contemplação; caminhadas e percursos pedestres, piqueniques; turismo de natureza; ecoturismo; turismo científico; conviver com a comunidade local; preparação e degustação de aguardente; turismo ecológico e paisagístico; gastronomia local; feiras gastronómicas, eventos culturais com atividades de animação; exposição artesanal; turismo cultural e turismo de habitação; |
| Cidade Velha | Desportos náuticos, passeios e corridas de botes; mergulho; rotas de aguardente, visita guiada aos campos de cultivo, prova de aguardente e suco de cana subaquático; agroturismo, caminhadas, piqueniques e contemplação da paisagem; espeleoturismo; passeatas de burro; atividades tradicionais como bailes populares; atividade pecuária; como ordenhar as vacas, cabras e degustar um cuscuz; contemplação das lavas submarinas e da paisagem marinha e terrestre, pesca à linha; |

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 8*Tipos de Experiências ilha de Fogo*

| Concelho | Tipos de Experiências ofertadas |
|-----------------|---|
| São Felipe | Banho; mergulho; pesca desportiva e surf; atividades de lazer; passeios de botes, fotografias, e contemplação das lavas submarinas; turismo de natureza; espeleoturismo; ecoturismo e turismo ecocientífico; festas de romaria; turismo cultural, com pendor etnográfico; espeleoturismo; |
| Mosteiros | turismo de natureza; com destaque para o turismo ecocientífico; ecoturismo; turismo ambiental e de aventura; pesca tradicional; apreciar o processo produtivo; visitar a adega; degustar o vinho e fazer a aquisição do vinho; rotas de vinho integrando outras cooperativas da ilha; visitas guiadas aos campos vinícolas; e à adega, provas de vinho; |
| Santa Catarina | Roteiro turístico geocientífico e paisagístico; escalada, contemplação, sessões de fotografia; trilhos temáticos voltados para a geodiversidade; geoturismo; contemplação da paisagem, sessões fotográficas; turismo balnear, podendo ser explorada para o nudismo; desporto náutico e de animação de praia, ecoturismo; desportos radicais; |

Fonte: Elaboração Própria**Tabela 9***Tipos de Experiências ilha de Santo Antão*

| Concelho | Tipos de Experiências ofertadas |
|-----------------|--|
| Paúl | Caminhadas, escaladas; música (mornas e coladeiras), da dança (mazurca, contradança e valsa), da arte, do teatro, do Colá, das romarias de Santo António (no caso concreto do Paul) da gastronomia; artesanato, da pintura e da escultura, da gastronomia; animação musical; Gastronomia: Pratos típicos: cachupa, caldo de peixe e guisado; Doçaria: doces de papaia, goiaba e bolo de mel; Bebida: grogues, ponches e licores. |
| Ribeira Grande | Caminhadas, escaladas, contemplação das paisagens, visita a grutas, banhos de cachoeira; atividades desportivas, festas de romaria, gastronomia, da música, da dança ("mazurca", contradança, valsa, morna e coladeira), teatro, festivais |
| Porto Novo | Caminhadas, contemplação da natureza; observação de animais, tais como, a tartaruga, mergulho; experiências medicinais através de plantas medicinais; degustação de pratos, doces e bebidas típicas; participação na agricultura; música, da dança, da arte, do teatro, das festas de romaria |

Fonte: Elaboração Própria

2. Metodologia de Investigação

A presente investigação que se apresenta tem como principal objetivo analisar o desenvolvimento turístico das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo em termos de TR e de Experiências Turísticas.

Inicialmente realizou-se um enquadramento teórico, no sentido de obter mais informação sobre os temas a desenvolver, nomeadamente nas temáticas de Turismo, TR, e Experiência Turística. Para o efeito foram consultados artigos científicos e trabalhos académicos como dissertações de mestrado.

Assim, no presente capítulo, efetua-se uma descrição da metodologia adotada para o desenvolvimento empírico da investigação, tendo em conta os objetivos do estudo. Apresenta-se o instrumento de recolha de dados, o guião de entrevista semiestruturada e a metodologia de aplicação. Identificam-se também a população, e amostra do estudo, e a estratégia de recolha de dados. Por último, descreve-se a técnica utilizada para o tratamento dos dados recolhidos.

2.1. Enquadramento Metodológico da Investigação

Os paradigmas de investigação constituem de acordo com Coutinho (2021, p. 24) “o sistema de pressupostos e valores que guiam a pesquisa, determinando as várias opções que o investigador terá de tomar no caminho que o conduzirá rumo às “respostas” ao “problema/questão a investigar”. Ainda de acordo com a autora, nos paradigmas da investigação em Ciências Sociais e Humanas (CSH), são identificadas as perspetivas quantitativa, qualitativa e a perspetiva orientada que apesar de ser um referencial para a maioria das pesquisas em CSH, está mais direcionada à investigação em Ciências da Educação, Psicologia e Sociologia. Devido ao seu desenho, a presente investigação desenvolve-se dentro de um estudo qualitativo.

Para Arias et al. (2022) a metodologia qualitativa relaciona-se com a qualidade de algo, com o modo de ser ou com as propriedades de um objeto, de um indivíduo, de uma entidade ou de um estado. Uma qualidade é uma propriedade que existe em qualquer objeto, indivíduo, entidade ou estado, que pode ser analisado comparando-o com outro semelhante. Assim sendo, conforme aquele investigador o qualitativo depende da perceção social, cultural ou subjetiva do objeto.

O que diferencia a pesquisa qualitativa da quantitativa, de acordo com Patton (2017) são sobretudo as características pertencentes a cada uma delas, conforme se pode analisar na Tabela 10 .

Tabela 10

Diferença das Pesquisas

| Pesquisa Qualitativa | Pesquisa Quantitativa |
|---|--|
| O investigador é o instrumento principal; | Procura comprovar hipóteses e modelos premeditados; |
| A pesquisa qualitativa é descritiva; | Medidas numéricas e análises estatísticas para testar constructos científicos e hipóteses; |
| A ênfase é colocada no processo e não nos resultados; | Método sistemático e informações objetivas; |
| O significado é de vital importância; | Ligada a estudos positivistas confirmatórios; |
| É indutivo, pois o investigador desenvolve conceitos, ideias a partir de padrões encontrados nos dados. | Método dedutivo, pois o investigador parte da observação de uma situação geral, para explicar as características particulares de um objeto individual. |

Fontes: Adaptado de Patton (2017)

Ao contrário da abordagem quantitativa, em que uma teoria é justificada através do método dedutivo para ser analisada, na abordagem qualitativa, uma teoria é justificada através do método indutivo, recorrendo-se à interpretação, observação e significado dos dados (Coutinho, 2011).

Assim, no presente trabalho de investigação utilizou-se, somente, a abordagem qualitativa considerando o objetivo principal do estudo. Optou-se por esta abordagem metodológica porque produz e analisa dados descritivos dentro de um método de análise que não é matemático, razão pela qual o facto social se dinamiza a partir da própria dinâmica do processo de evolução do TR, das oportunidades, da procura de respostas, da investigação, da avaliação e compreensão da evolução da atividade turística e dos desafios do atual sistema turístico das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo. Assim, permite desenvolver práticas significativas e adaptadas às novas procuras, que favoreçam a promoção do TR (Dwyer et al., 2012). Em termos metodológicos, o presente trabalho assenta numa abordagem qualitativa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas.

2.2. Objetivos do Estudo

O presente estudo tem como principal objetivo analisar o desenvolvimento turístico das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo em termos de TR e de Experiências Turísticas. Para a concretização do objetivo principal definiram-se os seguintes objetivos específicos:

OE.1 Analisar o desenvolvimento do TR nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.

OE.2 Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.

OE.3 Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.

Com base nos objetivos definidos pretende-se dar resposta à seguinte pergunta de investigação:

De que forma o TR e as Experiências Turísticas podem contribuir para o desenvolvimento turístico das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo?

2.3. Instrumento de Recolha de Dados

A entrevista é uma técnica de pesquisa qualitativa, cujo objetivo é recolher dados das próprias palavras, pensamentos, reflexões, entre outras, do sujeito da entrevista. Dentro dos diferentes tipos de entrevistas na pesquisa qualitativa, distinguem-se as seguintes: entrevistas estruturadas, semiestruturadas e em profundidade (Silva et al., 2018). Com o intuito de dar suporte à investigação qualitativa do presente estudo, elaborou-se um guião de entrevista semiestruturada para poder obter informação exata de todos os atores intervenientes no desenvolvimento do TR. Este tipo de entrevista caracteriza-se por proporcionar ao entrevistado um maior grau de liberdade e autonomia do que a entrevista estruturada, mas menor do que a entrevista em profundidade (Batista et al., 2017).

A entrevista foi estruturada em duas partes (Apêndice IV). A primeira parte incluiu perguntas que permitem identificar o perfil do entrevistado, designadamente, dados sociodemográficos (género, idade, habilitações literárias, área de formação, e o tempo que desempenha o cargo e o tipo de entrevista (via zoom, presencial ou email). A segunda parte é constituída por 17 questões sobre TR, Experiências Turísticas e TR versus Experiência Turística que se encontram subdivididas em 3 grupos. O Grupo I (TR) é constituído por sete perguntas, o Grupo II (Experiências Turísticas) é constituído por quatro perguntas, e o Grupo III (TR versus Experiência Turística) é constituído por seis perguntas que procuram dar respostas a cada um dos objetivos específicos definidos na investigação. Para cada grupo do guião da entrevista, foram inquiridas pessoas de diferentes cargos/ funções, das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo, para que os seus contributos possam dar resposta aos objetivos específicos definidos.

As Tabelas (11, 12 e 13) que se seguem apresentam as questões formuladas para cada grupo, considerando os objetivos específicos do estudo.

Tabela 11

Guião da Entrevista versus Grupo I

| Objetivo da investigação | Questões do Grupo I |
|------------------------------------|---|
| OE1. Analisar o desenvolvimento do | 1. Como se posiciona o Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão em Cabo Verde? |

| | |
|---|---|
| <p>Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.</p> | <ol style="list-style-type: none"> 2. Quais as potencialidades das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que favorecem o desenvolvimento do Turismo Rural? 3. Que fragilidades têm as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que condicione o desenvolvimento do Turismo Rural? 4. Acredita que a população está consciente do que é o Turismo Rural e da sua potencialidade/ contribuição para as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? 5. O que tem sido feito por parte dos diversos agentes locais, para o desenvolvimento do Turismo Rural das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? 6. Quais são os principais desafios que o Turismo Rural enfrenta nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? Existe algum plano em ação para dar resposta aos desafios identificados? 7. De que forma o país pretende projetar o Turismo Rural de modo a garantir que este venha a ser sustentável? |
|---|---|

Fonte: Elaboração própria

Tabela 12

Guião da Entrevista versus Grupo II

| <p>Objetivo da investigação</p> | <p>Questões do Grupo II</p> |
|---|--|
| <p>OE2. Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.</p> | <ol style="list-style-type: none"> 1. As ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo oferecem Experiências Turísticas? 2. Se sim, que Experiências Turísticas oferecem? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes? 3. Se não, identifique as razões (ex.: falta de recursos humanos qualificados, de recursos financeiros, de cultura da comunidade local, de atividades, outro). 4. Os diversos agentes locais estão sensibilizados da importância da Experiência Turística, para o desenvolvimento do setor turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? |

Fonte: Elaboração própria

Tabela 13

Guião da Entrevista versus Grupo III

| Objetivo da investigação | Questões do Grupo III |
|---|---|
| OE3. Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo. | <ol style="list-style-type: none">1. A prática de Turismo Rural nas ilhas Santiago, Fogo e Santo Antão permite a oferta de Experiências Turísticas?2. Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?3. Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?4. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?5. Quais são as maiores dificuldades para a oferta e a prática do Turismo Rural e das Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?6. Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha? |

Fonte: Elaboração própria

2.4. Amostra do Estudo

A população é um grupo de sujeitos, casos, definidos, limitados e acessíveis, que formarão a referência para a escolha da amostra que atenda a uma série de critérios pré-determinados (Freixo, 2011). A amostra, segundo o mesmo autor é constituída por um conjunto de sujeitos retirados de uma população que permite escolher elementos representativos da população estudada. A amostra do presente estudo é não probabilística, por conveniência, considerando o interesse em selecionar os participantes, que não se rege por nenhum critério ou estratégia, mas pela disponibilidade que existe para aceder às pessoas que participam (Mejía, 2000). Deste modo, optou-se por selecionar uma amostra composta por todos os *players* do mercado turístico das três ilhas em análise, que possam contribuir para dar resposta aos objetivos da investigação. A amostra do estudo é constituída pelo Diretor de Serviço do Turismo de Cabo Verde, pelos Guias intérpretes de Santiago, Santo Antão e Fogo, e pelos dirigentes dos Hotéis Rurais das ilhas em estudo.

Assim, foram entrevistados 12 *players* das três ilhas, o técnico da Direção Geral de Turismo de Cabo Verde, quatro guias intérpretes e o gerente do Atelier Mar e responsável pela criação dos conteúdos para a oferta das Experiências Turísticas e seis dirigentes dos hotéis. As 12 pessoas entrevistadas subdividem-se equitativamente pelas três ilhas (quatro da ilha de Santiago, quatro da ilha do Fogo e quatro da ilha de Santo Antão). As entrevistas realizaram-se entre o 8 de abril e o 27 de maio, ou seja, uma parte foi realizada virtualmente (via zoom e por email) dado que na altura a autora se encontrava em Portugal e os entrevistados em Cabo Verde. Uma vez em Cabo Verde, numa visita de 15 dias, foram realizadas algumas entrevistas presenciais.

2.5. Procedimentos da Recolha de Dados

Para estabelecer um panorama exato no processo de pesquisa, a investigação empírica encontra-se organizada em quatro fases:

Numa primeira fase identificaram-se os potenciais entrevistados em cada uma das ilhas, através de pesquisas na internet e através do contacto com amigos.

Na segunda fase, contactaram-se os entrevistados, por email e via telefone. As pessoas contactadas foram o Diretor de Serviço do Turismo de Cabo Verde, os guias intérpretes das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo e os dirigentes dos empreendimentos turísticos de Turismo em Espaço Rural. Neste contacto identificaram-se, a autora do estudo, a escola, o tema de investigação e o método de recolha de dados (entrevista semiestruturada gravada), finalizando com o pedido de colaboração no estudo, e o agendamento das entrevistas via zoom, por email e presencialmente. Aos entrevistados foi assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos, garantindo que os mesmos serão utilizados apenas para fins académicos.

Na terceira fase, o instrumento de recolha de dados foi aplicado via zoom e presencialmente, aos diversos intervenientes contactados na fase anterior que se disponibilizaram em colaborar no estudo. Na quarta fase efetuaram-se as diversas transcrições das entrevistas, para posterior análise e tratamento.

De um modo resumido, as entrevistas foram realizadas em dois formatos, online via zoom e presencialmente. Nas entrevistas realizadas pessoalmente, a autora viajou para Cabo Verde, tendo percorrido as ilhas em estudo a fim de realizar as entrevistas.

2.6. Técnica de Tratamento de Dados

Após a transcrição das entrevistas, as quais foram realizadas online e pessoalmente, recorreu-se ao tratamento dos dados, com recurso ao Software de análise qualitativa ATLAS.ti. Para tal, optou-se pela análise de conteúdo, que de acordo com Vilelas (2017) e Coutinho (2021), trata-se de um conjunto de técnicas de interpretação da comunicação que procura através de procedimentos sistemáticos e objetivos, analisar e quantificar a ocorrência de palavras, frases e

temas considerados chave que permitam adquirir conhecimentos acerca de um determinado assunto.

De acordo com Vilelas (2017) na análise de conteúdo são identificados os *corpus*, ou seja, conjunto de documentos a serem analisados, o *recorte*, isto é, processo de seleção dos seguimentos, parte do texto selecionado para análise, denominado de *unidade de registo*, a *unidade de contexto*, de onde é tirado a unidade de registo, o *sistema de categorização*, que pode ser dividida em subtemas ou subcategoria, com seus respectivos códigos.

Existem, de acordo com os autores Ghiglione e Matalon (cit.in Coutinho, 2021) dois tipos de análise de conteúdo, aqueles cujas categorias são pré-definidas antes de se fazer a análise e aqueles que não existem nenhuma categoria definida e a mesma não influencia na análise.

Para a realização desta investigação optou-se pela análise de conteúdo, que de acordo com Vilelas (2017) e Coutinho (2021) é realizado em três diferentes etapas:

1. Pré-análise, fase em que após a leitura flutuante são escolhidos, organizados os documentos a serem analisados, e conseqüentemente deve-se escolher os índices, que surgirão das questões, e organizá-los em indicadores;
2. Exploração do material, em que os dados são agregados em unidades de análise, ou codificados, que vão permitir uma descrição das características pertinentes do conteúdo;
3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação, quando um tema é descoberto nos dados, é preciso comparar enunciados e ações entre si, para ver se existe um conceito que os unifique. Nesta etapa, o investigador tira as suas conclusões, realiza as suas interpretações de acordo com os objetivos propostos.

3. Apresentação e Análise dos Resultados Obtidos

No presente capítulo, pretende-se analisar as informações obtidas a partir das entrevistas realizadas ao técnico de turismo, aos guias-intérpretes e aos Gerente dos Hotéis em Cabo Verde. As entrevistas foram aplicadas entre o 8 de abril e o 27 de maio, ou seja, 1 mês, via zoom e presencialmente. No primeiro ponto apresentam-se os resultados do guião das entrevistas semiestruturadas. No segundo ponto realiza-se a análise dos resultados tendo em conta as informações obtidas no primeiro capítulo do trabalho, ou seja, a parte da revisão da literatura.

3.1. Análise Empírica

Assim como já mencionado no capítulo precedente, realizaram-se um total de 12 entrevistas cujo público-alvo foram o técnico de turismo, os guias-intérpretes, ao gerente do Atelier Mar e responsável pela criação dos conteúdos para a oferta das Experiências Turísticas o gerente do atelier mar e responsável pela criação dos conteúdos para a oferta das Experiências Turísticas e os Gerente dos Hotéis turísticos em Cabo Verde.

As entrevistas foram realizadas a partir de dois formatos diferentes: o presencial e o virtual. Devido ao fato de a autora Janice Pipa se encontrar em Portugal, as entrevistas realizadas de forma virtual foram necessárias para dialogar com os entrevistados que vivem em Cabo Verde. Contudo, durante a viagem de férias da autora para Cabo Verde, foi possível realizar algumas entrevistas presencialmente. Porém, devido à distância entre as ilhas e os concelhos, assim como ao pouco tempo disponível (15 dias) não foi possível abarcar todos os entrevistados de forma pessoal.

Ainda, de referir que, para dar resposta ao objetivo 2 foram entrevistados quatro guias intérpretes, devidamente numerados (ex.: GI1, GI2), e ainda Leão Lopes que, apesar de não ser guia-intérprete, é o responsável pelo projeto Rota das Aldeias Rurais nas ilhas de Santo Antão e Fogo, cuja finalidade é a criação de conteúdos para a promoção e realização das Experiências Turísticas, e Leão Lopes responsável pelo Atelier Mar e das Rotas das Aldeias Rurais. O mesmo procedimento será feito no objetivo 3, em que foram entrevistados 6 Gerente dos Hotéis (ex.: G1, G2).

3.1.1. Análise da I.ª Parte da Entrevista

Na primeira parte da entrevista analisaram-se alguns dados sociodemográficos dos entrevistados, mais especificamente, o género, a idade, as habilitações literárias, a área de formação e o tempo que desempenha o cargo. A Tabela 14 apresenta as informações relativas às variáveis sociodemográficas mencionadas.

Tabela 14

Variáveis sociodemográficas dos entrevistados

| Variáveis sociodemográficas | Amostra (N=12) | Percentagem (%) |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------------|
| Género | | |
| Masculino | N=12 | 100% |
| Idade | | |
| 30-40 anos | N=4 | 33,3% |
| 41-50 anos | N=3 | 25% |
| 51-60 | N=3 | 25% |
| 61-70 | N=1 | 8,3% |
| 70-80 | N=1 | 8,3% |
| Habilitações Literárias | | |
| Secundário | N=4 | 33,3% |
| Licenciatura | N=7 | 58,3% |
| Doutoramento | N=1 | 8,3% |
| Área de Formação | | |
| Teologia | N=1 | 8,3% |
| Gestão de Empresas Turísticas | N=1 | 8,3% |
| Língua inglesa | N=1 | 8,3% |
| Artes Plásticas | N=1 | 8,3% |
| Engenharia Agronómica | N=1 | 8,3% |
| Engenharia Civil | N=1 | 8,3% |
| Contabilidade e Administração | N=1 | 8,3% |
| Planeamento Turístico | N=1 | 8,3% |
| Nenhuma Formação | N=4 | 33,3% |
| Tempo que exerce o cargo | | |
| Técnico de Turismo | | |
| 22 anos | N=1 | 8.3% |
| Guia-intérprete | | |
| 17 anos | N=2 | 17% |
| 20 anos | N=1 | 8,3% |
| 22 anos | N=1 | 8,3% |
| 40 anos | N=1 | 8,3% |

| Gerentes dos Hotéis | | |
|----------------------------|-----|------|
| 3 anos | N=1 | 8,3% |
| 5 anos | N=2 | 17% |
| 7 anos | N=1 | 8,3% |
| 17 anos | N=1 | 8,3% |
| 20 anos | N=1 | 8,3% |

Fonte: Elaboração Própria

Pela análise da tabela verifica-se que 100% dos entrevistados são do sexo masculino. A maior parte tem entre 30-60 anos (83% o que corresponde a 10 entrevistados). Dos entrevistados, 4 (33%) possuem ensino secundário, 7 (58%) possuem licenciatura e 1 (%) doutoramento. No que se refere à área de formação, verificou-se que os entrevistados possuem formação em áreas diversificadas, destacando-se Gestão de Empresas Turísticas (n=1) e Planeamento Turístico (n=1) e quatro pessoas (33%) concluíram apenas o ensino secundário, tendo feito apenas formações profissionais. Dos entrevistados dois dos guias-intérpretes exercem a função há 17 anos e dois há 20 ou mais anos. O técnico de turismo exerce o cargo há 22 anos. Dos seis gerentes de hotéis entrevistados, todos são pessoas com experiência, variando de 3 a 20 anos.

3.1.2. Análise da II.ª Parte da Entrevista

Neste ponto procede-se à análise da segunda parte das entrevistas, que pretende dar resposta aos três objetivos específicos da investigação (OE1; OE2; OE3), onde estão identificados os nomes dos entrevistados, o cargo que desempenham, o tipo de entrevistas (via zoom, presencial ou emails) e o tempo de duração de cada uma das entrevistas (Tabela 15). A tabela está dividida por três grupos, uma vez que para cada objetivo específico, foram entrevistadas pessoas diferentes - para o OE1 entrevistou-se o técnico de turismo, para o OE2 os guias-intérpretes e para o OE3 os Gerentes dos Hotéis das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão.

Tabela 15

Aplicação das Entrevistas

| Grupo I - OE1 | | | |
|------------------------|---|---------------------------|--|
| Nome | Cargo/Função Desempenhada | Tipo de Entrevista | Tempo de duração das Entrevista (minutos) |
| Francisco Silva | Técnico de Serviço do Turismo de Cabo Verde | Via Zoom | 28:03 |
| Grupo II – OE2 | | | |
| Fredilson | Guia Intérprete - Ilha de | Via Zoom | 30:00 |

| | | | |
|---|--|-------------------|-------------|
| Cardoso | Santiago | | |
| Francisco Lopes Moreira | Guia Intérprete - Ilha de Santiago – Cidade Velha | Presencial | 15:38 |
| João Pedro | Guia Intérprete – Ilha do Fogo - Presidente da Associação dos Guias Intérpretes | Presencial | 20:00 |
| Odair Gomes | Guia Intérprete – Ilha de Santo Antão - Presidente da Associação dos Guias Intérpretes | Presencial | 15:27 |
| Leão Lopes* | Responsável do projeto Rota das Aldeias Rurais – Ilha de Santo Antão | Presencial | 52:35 |
| Grupo III – OE3 | | | |
| Lindorfo Ortet – Santiago Santa Cruz | Gerente do Hotel Quinta da Montanha | Enviada por Email | Por escrito |
| Mustafá Erin-Fogo – Chã das Caldeiras | Gerente do Hotel Casa Marisa | Presencial | 41:52 |
| Euclides Pires -Fogo- São Felipe | Aldeias Turísticas Casas do Sol | Presencial | 22.30 |
| Elói Lopes– Fogo – Santa Catarina | Gerente do Hotel -Pedra Negra Salina | Presencial | 20:23 |
| Neftali Ricardo Delgado – Santo Antão – Ribeira Grande | Gerente do Hotel Casa Pedrina | Via zoom | 10:05 |
| Adelton Jorge Santos | Subgerente do Hotel na ilha de Santo Antão | Presencial | 16:23 |

Fonte: Elaboração Própria

* **OBS:** Na parte dos Guias-Intérpretes introduziu-se mais um entrevistado Leão Lopes, doutor em Artes Plásticas, que apesar de não ser guia-intérprete é o responsável pelo Atelier Mar, e do projeto Rota das Aldeias Rurais nas ilhas de Santo Antão e Fogo, cuja finalidade é a criação de conteúdos para a promoção e realização das Experiências Turísticas.

Das 12 entrevistas verifica-se que apenas uma ultrapassou os 50 minutos (52:35 minutos), a menor entrevista teve a duração de 10:05 minutos. De salientar que a entrevista do Gerente do Hotel Quinta da Montanha foi enviada pelo entrevistado por escrito, considerando a distância geográfica (Ilha de Santiago) que impossibilitou a aplicação presencial da entrevista. O facto de as entrevistas serem semiestruturadas, proporcionou aos entrevistados uma maior liberdade de resposta quanto às questões pré-definidas.

3.1.3. Objetivo: OE1

A primeira entrevista feita ao Técnico de Turismo de Cabo Verde, Francisco Silva¹ tinha como finalidade dar respostas ao primeiro objetivo definido nesta investigação (**OE1** - Analisar o desenvolvimento do TR nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo).

No que diz respeito à primeira questão - **Como posiciona o Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão em Cabo Verde?** o Técnico da Direção Geral de Turismo de Cabo Verde, Francisco Silva, responde dizendo que as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão têm um grande potencial para o TR, pois possuem um ambiente natural preservado, com paisagens deslumbrantes e áreas rurais onde o turismo pode ser desenvolvido. De acordo com Silva, o TR nessas ilhas permite que os turistas conheçam as culturas e costumes locais, além de proporcionar experiências gastronómicas únicas, isto porque, a nível do TR, o arquipélago *“posiciona-se em três principais vertentes: cultural, agroturística (os turistas participam nas atividades turísticas diárias) e gastronómica (acaba por ser incluída dentro da vertente cultural).”* No entanto, afirma que o TR *em Cabo Verde é um setor que se encontra numa fase inicial, “introduzido com o objetivo de diversificar as ofertas turísticas e trazer o desenvolvimento turístico mais próximo das populações e locais turísticos”.* E explica também que *“neste momento, as ilhas que têm maior vocação turística para o segmento do TR são as ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo.”* Ainda de acordo com aquele técnico se comparado com outros países como Portugal, França e Espanha, onde o TR já tem uma presença significativa, Cabo Verde está atrasado, mas, estamos perante um processo”.. Em relação à ausência de dados estatísticos detalhados para este setor em específico, Francisco Silva explica *“neste momento, estamos a trabalhar a conta satélite do turismo que é precisamente o que irá retratar os impactos e também fornecer os dados estatísticos de todo esse processo de desenvolvimento do TR.”*

Em relação à questão - **Quais as potencialidades das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que favoreça o desenvolvimento do Turismo Rural?** o entrevistado Francisco Silva responde

¹ Para ver mais detalhes da entrevista feita ao Técnico da Direção Geral de Turismo, consultar o anexo

dizendo que *“Santo Antão tem particularidades em termos da agricultura e também potencialidades culturais, por isso, o turismo praticado situa-se mais na vertente do agroturismo e cultural, sem esquecer também a vertente gastronómica.”* Explicando ainda que *“a diferença que existe entre o TR praticado nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão pouco ou nada se diferenciam um do outro”*. Mas, de acordo ainda com o referido autor a maior similitude está entre as ilhas de Santiago e Santo Antão, onde a prática do agroturismo é mais evidente do que na ilha do Fogo, por serem as ilhas com maior vocação agrícola (regadio e sequeiro). No caso da ilha do Fogo em particular, Francisco aponta a potencialidade da ilha a nível da vinicultura *“os turistas fazem visitas, degustação, participam no processo da plantação das uvas e da produção do vinho e também a parte do contacto com a natureza, fazer o trekking e a parte cultural, devido às condições climáticas da ilha que é um pouco mais árida do que as outras ilhas em questão.”*

Relativamente à questão - **Que fragilidades têm as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que condicione o desenvolvimento do Turismo Rural?** o Técnico da Direção do Turismo em Cabo Verde é categórico em responder *“As nossas fragilidades são a acessibilidade, a formação, a consciencialização da população para a valorização do turismo e criar todo o mecanismo de financiamento dessas economias para o desenvolvimento do TR.”*

À pergunta - **Acredita que a população está consciente do que é o Turismo Rural e da sua potencialidade/contribuição para as zonas Santo Antão, Fogo e Santiago?** o entrevistado em foco responde que se comparado com alguns anos atrás existe sim uma consciência por parte da população e que há todo um trabalho de formação e sensibilização feito neste sentido, no entanto lembra que *“A parte da consciencialização da população local é um aspeto que ainda precisa ser trabalhado, por exemplo a consciencialização e formação da população que em vez de estragar o ambiente para o sustento, vão preservá-lo e criar projetos ligados ao turismo sem pôr em causa as gerações vindouras.”*

Em resposta à questão - **O que tem sido feito por parte dos diversos agentes locais, para o desenvolvimento do Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?** o Técnico da Direção Geral do Turismo refere que o Governo pretende diversificar as ofertas turísticas, para além das já consolidadas, baseando-se nas potencialidades, configuração e dimensão de cada ilha, principalmente as ilhas como Santiago, Santo Antão e Fogo, *“em que a parte rural é maior do que as outras ilhas além de que há todo um histórico, em termo arquitetónico, cultural e de vivência no espaço rural”*. Mas para isso o mesmo afirma ser necessário *“A visão da criação da lei para a área do TR”* o que segundo afirma está a ser feito pelo Governo, e acrescenta ainda que *“Estamos neste momento a tentar introduzir um conceito que também em Portugal já se faz sentir que é o “Revive”, que tem como objetivo revitalizar os monumentos e alguns edifícios históricos não só a nível do agrícola, mas também a nível militar e outros, para fomentarmos o TR. Outro aspeto ainda é que nós vamos fazer o inventário das aldeias rurais com potencialidade para enquadrá-las dentro do TR, por forma a termos vários circuitos com o mesmo intuito de fomentar o TR”*.

Questionado sobre - Quais são os principais desafios que o Turismo Rural enfrenta nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? Existe algum plano em ação para dar resposta aos desafios identificados? o entrevistado identificou a falta de financiamento como o maior entrave para o desenvolvimento do TR nas três ilhas *“O maior desafio que enfrentamos no momento é o financiamento de desenvolvimento do turismo no espaço rural, porque, como se sabe, requer um avolumar de investimento, sobretudo na criação de acessibilidade, na identificação dos pontos turísticos, consciencialização e formação da população; a criação do quadro legal que estamos a efetuar e a criação de produtos”*. No que diz respeito aos planos a serem feitos para dar resposta aos desafios identificados Francisco Silva responde *“As medidas que o Governo está a tomar prendem-se sobretudo com a criação do quadro legal para poder qualificar, inventariar os possíveis sítios de desenvolvimento desses produtos e depois a socialização, mobilização de recursos e criação de parcerias, tanto nacionais como internacionais para a materialização desses projetos”*.

A propósito da pergunta - **De que forma o país pretende projetar o Turismo Rural de modo a garantir que este venha a ser sustentável?** o entrevistado afirma que *“A sustentabilidade é o pilar central para o desenvolvimento do turismo, sobretudo quando estamos a falar do turismo no espaço rural, cujo espaço de realização das atividades é muito frágil, portanto neste quesito o Governo tem estado a fazer, apesar da transversalidade, é delimitar os espaços de reservas naturais e delimitar os espaços de conservação das áreas protegidas e ter pronto uma outra forma de desenvolver o turismo, sobretudo na delimitação de número de quartos... para isso criou-se linhas de financiamento para financiar as famílias que eventualmente queiram enveredar por esta via de subsídio à economia, mas que não têm capacidades financeiras para tal.”*

Depois de analisadas as questões do guião, feito com o propósito de dar resposta ao primeiro objetivo desta investigação, realizou-se uma análise de conteúdo, através do programa atlas.ti. Considerou-se uma categoria de palavra TR e várias subcategorias à volta da temática. A tabela seguinte (16) apresenta os resultados desta análise considerando a frequência das subcategorias de palavras.

Tabela 16

Categorias versus Subcategorias

| Categorias | Subcategorias | Frequência |
|-------------------|------------------------|-------------------|
| | Turismo | 30 |
| | Rural | 26 |
| | Turismo Rural | 25 |
| | Desenvolvimento | 20 |
| | Santo Antão | 13 |

| | | |
|---------------|------------------|----|
| Turismo Rural | Fogo | 12 |
| | Santiago | 10 |
| | Turista | 9 |
| | População | 10 |
| | Potencialidade | 8 |
| | Sustentabilidade | 5 |
| | Financiamento | 5 |

Fonte: Elaboração Própria

Na categoria TR, foi possível observar que as palavras mais citadas pelo entrevistado foram: Turismo (n=30), Rural (n=26), TR (n=25) e Desenvolvimento (n=20). Assim, foi criada a Figura 1 com destaque para as palavras usadas com mais frequência.



Figura 9: Nuvem de Palavras: Objetivo 1

Fonte: Elaboração Própria

3.1.4. Objetivo: OE2

O segundo grupo de entrevistas foi aplicado aos guias intérpretes (GI1, GI2, GI3 e GI4)² das ilhas em estudo, Santiago, Fogo e Santo Antão, e ao responsável pelo Atelier Mar, e do projeto Rota das Aldeias Rurais nas ilhas de Santo Antão e Fogo, Leão Lopes (LL), cuja finalidade é a criação de conteúdos para a promoção e realização das Experiências Turísticas com o intuito de dar

² Para ver mais detalhes da entrevista feita aos Guias-intérpretes e ao responsável do Atelier Mar consultar o anexo

resposta ao segundo objetivo desta investigação (OE2 - Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo).

À primeira questão - **As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?** os quatro entrevistados, sendo três guias intérpretes e um responsável pelas rotas das aldeias rurais, foram unânimes em responder que “sim” e afirmaram ainda que “*Falando especificamente da ilha de Santiago onde nasci e trabalho, todos os dias há a prática do turismo de experiência*” (G11); “*As três ilhas possuem potenciais enormes no que diz respeito tanto ao TR como à prática de Experiências Turísticas*” (G12); “*A ilha do Fogo tem um grande potencial para diferentes tipos de Experiências Turísticas*” (G13); “*Sim, a ilha de Santo Antão, oferece sim experiências.*” (G14); “*A prova é que isto vem funcionando há já vários anos, há muitas experiências*” (LL). De acordo com os entrevistados, das experiências existentes algumas já são consolidadas, outras encontram-se em progressão, os mesmos acrescentam ainda que das que já são consolidadas, podem ser realizadas de duas formas, espontâneas ou programadas pelos guias-intérpretes em acordo com a comunidade visitada.

Uma vez que as respostas de todos os entrevistados foram afirmativas, foram direcionados para a segunda pergunta - **Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?**

No que se refere à ilha de Santiago, os guias intérpretes (G11 e G12) responderam que por ser uma ilha com 9 municípios, em que os centros rurais são constituídos por vales, ribeiras e montanhas onde existem aldeias, as ofertas de experiências são diversificadas. “*Por exemplo Santiago a experiência é muito à volta das lidas do campo, agricultura, irrigação, cuidar dos animais, a apanha da lenha. Por exemplo no Trás-os-Montes, localidade do concelho de Tarrafal, têm oferecido uma outra experiência ligada ao artesanato, produção de peças de barros, que hoje é usado como fonte de rendimento, a produção do grogue, em São Lourenço dos Órgãos por exemplo podemos visitar a comunidade dos “Rabelados”, onde o turista pode ir, dormir vivenciar o dia-a-dia da comunidade, como por exemplo passar a noite à luz da vela, aprender a fazer esteiras, a pintar, ir à pesca, jantar típico, temos também São Jorge nos Órgãos que é muito procurado pela sua atração natural, o ambiente microclima, uma zona botânica com muitas plantas...no concelho de Santa Cruz é a questão do ecossistema, conservação do ambiente, conservação de tartaruga que tem sido mais destacada, mas também é sempre possível se envolver na experiência do Agroturismo...Ainda por exemplo em Santa Cruz nós oferecemos a experiência da observação dos pássaros...*” (G11).

No caso da Cidade Velha, um dos 9 concelhos da ilha de Santiago, considerado Património da Humanidade, as ofertas de experiências, de acordo com um dos nossos entrevistados estão mais fundamentadas no turismo cultural, ecológico e de natureza. “*Tem um Vale que serviu como uma espécie de laboratório das espécies de plantas, animais e adaptação dos homens e ainda se trata de um vale agrícola, esse vale é património natural, classificado pela Unesco, o que influencia muito a nível do turismo ecológico, para além disso também a nível do turismo de*

aventura porque os turistas e visitantes quando vão ali fazem todo o percurso e depois regressam para o centro... Temos a praia do mar, onde existem vários artefactos no fundo que podem ser conservados para visitas guiadas no mar, como por exemplo âncoras, peças cerâmicas, entre outras coisas deixadas pelos navios que aqui naufragaram. Temos o Porto Mosquito onde se pode fazer a pesca desportiva, o Pico Leão onde se pode fazer o TR, caso se invista nisso, os turistas podem conviver com os moradores, fazer parte do dia-a-dia deles, como por exemplo a ordenha das cabras...” (G12).

No que diz respeito à ilha do Fogo, as experiências são *“A nível de experiência turística Fogo é mais conhecido por uma ilha de caminhada, mas também existem outras ofertas a nível histórico, do seu valor geológico, a nível botânico, a nível de biodiversidade. Até o momento o que mais os turistas têm procurado nas suas visitas à ilha é a parte geológica que é a visita ao pico do Fogo, o vulcão é a maior atração a nível nacional (G13).* Conforme o entrevistado em questão, a ilha do Fogo é constituída por três concelhos, São Felipe, Mosteiro e Santa Catarina, que são muito diferentes um do outro no que se refere às suas paisagens, enquanto um é constituído por belas paisagens verdejantes, *“onde reside a maior floresta de Cabo Verde”* (Mosteiro) e conhecida como zona do café, os outros dois (Mosteiro e Santa Catarina) tratam-se de paisagens áridas, no entanto, São Felipe, devido aos sobrados deixados pelos colonos portugueses apresenta-se como uma cidade colorida, *“o que faz com que aqueles que viajam pelos três municípios da ilha se sintam como se estivessem a visitar três ilhas ou três países diferentes”* (G13) . Para além destas experiências o mesmo aponta ainda a oferta da pesca desportiva, a visita para a preparação e degustação do café, a prática de agricultura no Mosteiro, a degustação de pratos típicos da ilha e do país, isto nos três concelhos.

Em relação a Santo Antão, a ilha mais montanhosa de Cabo Verde e onde a oferta do TR e das Experiências Turísticas, *“estão mais consolidados o segredo para o sucesso e sustentabilidade das experiências está na criação de conteúdos, é necessário criar conteúdo como a cultura do gosto, gastronomia, entretenimento, experiências geológicas, alpinismo, conteúdos que se criam para levar a pessoa à experiência”* (LL). No que diz respeito às experiências que podem ser vivenciadas dentro do TR nesta ilha, os entrevistados garantem *“são diversificadas”* (G14 e LL). *“Além da caminhada temos outros tipos de modalidades tais como o trekking, agroturismo, onde dentro do alojamento os turistas podem andar a cavalo; podem ajudar uma família na colheita de batata-doce, de banana...turismo habitacional fishing, o snorkeling temos um conjunto de rotas elaboradas e sinalizadas, Rota do Vale (Cova-Paúl), Rota das Bruxas, entre outras durante essas rotas o guia vai contando essas histórias que são experiências fantásticas. Mas também temos um conjunto de recursos naturais... as plantas endémicas, da biodiversidade, falamos do Parque Natural Cova – Paúl – Ribeira da Torre, temos plantas endémicas que possuem um valor patrimonial e extraordinário, temos também a observação de animais, conjunto de recifes, entre outros”* (G14). No que diz respeito ao responsável do atelier e das rotas, é necessário esclarecer que os conteúdos criados para as experiências não são oferecidos diretamente aos turistas, mas sim aos guias intérpretes, aos operadores turísticos que depois oferecem aos clientes *“Nós*

enquanto instituição sempre priorizamos isso, primeiro vamos criar conteúdo e depois falamos com os operadores e com quem interessa o negócio de modo que saibam os conteúdos existentes para que possam fazer a parte deles”. Os conteúdos são criados normalmente baseando-se em contos tradicionais das ilhas e quando não existem são criados. “Em Santo Antão trabalhamos no conceito “Caminhos de Blimundo” na Ribeira da Torre, o nosso foco, a nossa abordagem primeira é o conteúdo, para nós não existe sustentabilidade nesse negócio, ou em qualquer outro negócio e em especial no negócio do turismo, claramente a sua premissa cultural sem conteúdo. E na ilha do Fogo estamos agora a trabalhar numa comunidade, onde se vive do queijo e vamos criar conteúdos à volta disso de modo a dar visibilidade nacional” (LL). Os turistas que procuram essas ilhas, principalmente Fogo e Santo Antão são na sua maioria franceses e alemães.

Quanto à questão - **Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?** os quatro entrevistados responderam que quer na ilha de Santiago, Fogo ou Santo Antão as caminhadas, as excursões e a contemplação da natureza são as mais procuradas, e no Fogo acrescenta-se a visita ao vulcão e sua eventual subida. No entanto, os mesmos defendem ainda que todas as outras experiências existentes nessas ilhas têm grandes potencialidades de serem oferecidas, mas que para isso é necessário que se invista na criação de um catálogo com a informação de todas as experiências existentes, criação de conteúdos para essas experiências, uma maior publicitação das mesmas quer a nível nacional quanto internacional e uma melhor coesão entre os intervenientes neste nicho do mercado.

Questionados se - **Os diversos agentes locais estão sensibilizados da importância da Experiência Turística, para o desenvolvimento do setor turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?** os entrevistados divergem nas respostas, enquanto uns defendem que não e afirmam tratar-se de um tema complexo, outros acreditam que os agentes locais estão sensibilizados nesta matéria, mas, admitem ser necessário uma sensibilização contínua, tendo em conta as constantes mudanças a que este setor está sujeito. “Os agentes locais não estão ainda bem sensibilizados para a importância que a experiência turística tem para as suas comunidades...Há muitas iniciativas por parte do ministério da cultura através do banco de cultura, das bolsas de cultura, selo de produto de artesanato de qualidades, mas não é tao fácil para que o mercado turístico tenha acesso...não há uma lista disponível para que os operadores económicos e turísticos saibam quais aldeias e os serviços que cada uma oferece...Falta também a educação académica, cívica e também política, os próprios políticos precisam aprender a ver potencialidades nessas comunidades” (G11); “Olha já se nota um pouco dessa consciencialização, por exemplo as câmaras e os responsáveis por esta área já começaram a dar formações na área do artesanato para que se possa tirar proveito do nosso património...Há uma necessidade de se ter em atenção a uma certa perda da nossa identidade enquanto zonas rurais, uma vez que com a tentativa da modernização, a construção de novas casas, muito se está a perder ou a deixar-se para trás aquilo que nos identifica como rurais” (G12); “A questão da sensibilização é bastante complexa, temos o problema da criminalidade... e isso pode ser

fatal para o turismo do país...Sim as pessoas estão bastante sensibilizadas na questão de receber os turistas e de saber oferecer aquilo que eles querem, mas falta ainda sensibilização nesta parte de modo que a população seja mais aberta” (G13). “Aqui em Santo Antão não temos nenhum problema com o turismo, pelo contrário, temos um povo acolhedor. Os próprios turistas testemunham a mesma coisa. O povo possui a amabilidade de receber o turista. As comunidades, por vezes, veem o turista a passar, mas não veem o benefício do turista. O turismo sustentável, em que o próprio alarga a nível de Santo Antão e mesmo de Cabo Verde, na prática não é uma realidade. Porque a sustentabilidade não é só o lado económico” (G14); “As pessoas começaram a perceber que esse turismo endógeno, turismo com base local, estes serviços que se pode oferecer a quem chega, uma refeição, uma experiência nova para essa pessoa, um alojamento, tinha resultados para a sua economia, para a sua vida mas não perturbava o funcionamento normal da própria comunidade e mais tarde perceberam que esses visitantes também procuravam isso, procuravam ser recebidos como visitantes e não como alguém que vem com aquela áurea que tem dinheiro para gastar...” (LL)

Outro problema apresentado pelos entrevistados é o facto de as autoridades políticas do país não estarem ainda sensibilizados para o turismo praticado nas ilhas como Sal e Boa Vista e a construção de grandes hotéis não são os mais adequados para as ilhas de Fogo, Santo Antão e para as zonas rurais da Ilha de Santiago cuja vocação é o TR e a oferta de Experiências Turísticas. Os mesmos sugerem ainda que para que este setor funcione em todo o seu potencial há uma necessidade de que as autoridades políticas, as agências turísticas acreditem nesse tipo de turismo e invistam.

No que se refere à questão - **Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas enfrentam nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?** as respostas dos entrevistados convergem e a dificuldade mais apontada foi o problema de acessibilidade. *“Ter o preparo de infraestrutura da comunidade no sentido de ter acessibilidade, ou seja, acessos fáceis e simples para chegar a uma ladeira ou à casa das pessoas” (G11); “Aqui na Cidade Velha temos muitos problemas com a acessibilidade das zonas turísticas” (G12); “No momento a maior dificuldade que a ilha do Fogo enfrenta é a nível de acessibilidade, há falta de transporte” (G13);*

Os entrevistados em questão apontam ainda outras dificuldades que, segundo alegam, podem ser outros grandes obstáculos para o desenvolvimento das zonas rurais. *“Quanto às dificuldades que encontramos para oferecer experiências aos turistas pode-se apontar a falta de preparação e de treinamento das comunidades para receber esses turistas...falta de percepção acerca desta potencialidade, não conseguem nem imaginar que pode se tratar de um produto turístico e quanto mais trabalhar nesta vertente de fazer catalogação, inventariado, promoção de marketing...Temos a barreira da linguagem...” (G11); “Outra dificuldade que temos é o facto de muitos guias intérpretes não conhecerem bem a história dos lugares a serem visitados e muitas das vezes acabam por inventar histórias que nem sequer são verídicas” (G12); “No momento a maior dificuldade que a ilha enfrenta é a nível de acessibilidade, há falta de transporte; a questão do marketing, há pouca publicitação a nível dos produtos que existem na ilha, a ilha só é*

“vendida” pelo seu vulcão, mas não existe somente isso” (G13);: “No momento, penso que o único constrangimento, é o associativismo. A forma de promover o produto. Observa-se que o marketing não está a ser muito bem desenvolvida. Temos desencontros de informações e quando relacionada com o turismo com o intuito de promover o destino não é saudável, visto que, cada um oferece diferentes informações de um mesmo assunto. Outro constrangimento é a própria forma de fazer marketing com um produto bem especificado, com as respetivas características, com cabeça, tronco e membro. Isso ainda não temos” (G14);

Em relação às dificuldades para a criação de conteúdos para a potencialização das experiências, o responsável das rotas e do Atelier Mar por seu lado defende que *“Eu acho que não há dificuldade nenhuma, talvez há ausência de determinados tipos de agentes, pessoas com outro tipo de abordagem para esse tipo de negócio...É preciso uma outra geração de empreendedores, que pegue nessa linha de desenvolvimento do turismo” (LL)*. Outro ponto mencionado por Leão Lopes é o fato de se pensar que por haver uma grande similaridade entre as ilhas e as experiências oferecidas, visitar uma ilha e viver as experiências é igual a visitar a todas as outras, o autor defende que ainda que se viva a mesma experiência a forma de sentir e viver a experiência varia de acordo com cada turista e o que o mesmo espera vivenciar, acrescentando ainda que *“não é uma questão de troca, nem compensação, mas sim uma questão de somatório de experiência, não é uma questão de opção de uma ilha para a outra, porque cada ilha e cada comunidade tem a sua especificidade, isso envolve as pessoas, os lugares, experiência humano, etc.,”*

O entrevistado sugere ainda que, para ter uma experiência única e realmente valorizar o destino, é necessário conhecer a história das ilhas, suas culturas, costumes e patrimônios. Isso significa que, além de conhecer estruturas turísticas, é importante conhecer as tradições e o dia a dia das comunidades locais, o que torna a viagem muito mais rica.

Na Tabela 17 estão sistematizados as respostas e os tipos de Experiências Turísticas que as ilhas em estudo oferecem de acordo com os guias-intérpretes e o responsável da Rota das Aldeias Rurais nas ilhas de Santo Antão e Fogo e pelo Atelier Mar.

Tabela 17

Experiência Turística - Grupo II

| Guias-Intérpretes | Ilhas | Experiências Turísticas |
|--------------------------|--------------|--|
| G11- | Santiago | Atividades de vigilância noturna nas praias de mar à noite para ver as tartarugas; agroturismo; participação nas festas de romarias; artesanato; preparação dos alimentos, dos doces típicos da ilha, do grogue, participar das atividades quotidianas dos moradores; aprender as danças, batuque, funaná, <i>birdwatching</i> , |

| | | |
|------------|-----------------------|---|
| | | observação das paisagens; visitas guiadas ao ecocentro, jardim botânico; passeios de catamarã, caiaque; experiência, relacionando história, arqueologia e antropologia. |
| GI2 | Santiago-Cidade Velha | Turismo Cultural; turismo ecológico; visitas guiadas no mar; pesca desportiva; turismo de excursão. |
| GI3 | Fogo | Caminhada, experiências arqueológicas e geológicas; pesca desportiva; preparação e torrefação do café; visitas ao vulcão; caminhadas, a nível histórico e cultural; contemplação de paisagens; agroturismo. |
| GI4 | Santo Antão | Agroturismo; caminhadas; andar a cavalo, ajudar as famílias; turismo habitacional; <i>fishing</i> ; visita às sete Rotas existentes na ilha; excursões; observação de animais, tais como, a tartaruga; degustação dos produtos alimentares típicos da ilha. |

Fonte: Elaboração Própria

Após a análise das questões do guião, realizado com o propósito de dar resposta ao segundo objetivo desta investigação, realizou-se uma análise de conteúdo. Considerou-se uma categoria de palavra, Experiências Turísticas e várias subcategorias (Tabela 18).

Tabela 18

Categoria / Subcategoria

| Categoria | Subcategoria | Frequência |
|-------------------------|--------------------------------------|-------------------|
| Experiências Turísticas | Experiência (s) | 71 |
| | Turismo | 61 |
| | Turista | 60 |
| | Comunidade | 36 |
| | Experiência (s) Turística (s) | 24 |
| | Produto | 23 |
| | Atividades | 15 |
| | Caminhada (s) | 15 |
| | Turismo Rural | 12 |
| | Vulcão | 11 |
| | Degustação | 6 |
| | Excursão (ões) | 4 |

Fonte: Elaboração Própria

Na categoria Experiências Turísticas, foi possível constatar que as palavras mais citadas pelos entrevistados foram: Experiência (s), Turismo, Turista, Comunidade, Experiência(s) Turística(s) e Produto. A palavra Experiência (s) Turística (s) foi mencionada 24 vezes pelos entrevistados. Assim sendo, foi criada a figura 10 com destaque para as subcategorias de palavras.



Figura 10: Nuvem de Palavras - Objetivo 2

Fonte: Elaboração Própria

3.1.5. Objetivo: OE3

A terceira e última entrevista foi realizada, aos Gerentes dos Hotéis³ das ilhas em estudo, Santiago, Fogo e Santo Antão, com o intuito de dar resposta ao terceiro objetivo desta investigação (OE3 - Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo.)

Esta parte da entrevista tinha como finalidade dar resposta à pergunta - **O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?** De acordo com os Gerentes dos Hotéis entrevistados, a resposta é sim para as três ilhas em estudo e são diversificadas. *“Sim para a ilha de Santiago, e ...muito distintas e uma diversidade de ofertas que permitem tanto a oferta como a prática de experiências”* (G1); *“Sim, a ilha do Fogo permite sim a oferta de Experiências Turísticas dentro do Turismo Rural, é uma ilha que tem muito a oferecer em qualquer um dos três concelhos que a constituem, seja São Felipe, Santa Catarina ou Mosteiros”* (G2); *“Sim a ilha do Fogo tem sim capacidade para oferecer não só o TR como para oferecer também Experiências Turísticas, diversificadas para os turistas que procuram esse tipo de turismo”* (G3); *“Sim, no que diz respeito*

³ Para ver mais detalhes da entrevista feita aos Dirigentes dos Hoteis consultar o anexo

à ilha do Fogo posso afirmar com toda a certeza, é uma ilha onde a prática do TR é muito forte. E sim permite a prática de Experiências Turísticas. Existe sim uma diversidade de experiências a serem oferecidas” (G4); “Sim a ilha de Santo Antão é uma ilha muito rica e com capacidade para oferecer Experiências Turísticas dentro do TR” (G5); “Sim, Santo Antão tem muito a oferecer em termos de Experiências Turísticas” (G6).

Uma vez que as respostas de todos os entrevistados foram afirmativas, foram direcionados para a segunda pergunta - **Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?** As ofertas segundo os entrevistados são muitas, e variam entre si, começando pelo próprio alojamento em que muito se diferenciam um do outro tendo em conta a estrutura arquitetónica tradicional de cada ilha, e que permite a individualidade e privacidade dos turistas, ou seja, uns oferecem casas com formatos de “funco”, outros casa de traça colonial, e outros ainda casas em pedra basáltica cobertas de palha, entre outras. Contudo, as demais Experiências Turísticas oferecidas pelos hotéis entrevistados apesar de serem em ilhas e concelhos diferentes muito se assemelham entre si, como por exemplo a oferta do agroturismo, degustação dos pratos e bebidas típicos, as excursões e caminhadas. “A Pausada Quinta da Montanha, dispõe de uma propriedade agrícola, que serve para produzir produtos agrícola...o turista pode também aproveitar do passeio de burros que são alugados pela comunidade, caminhadas para o jardim botânico que fica ali perto e também para as outras localidades de São Domingos, ou outras localidades da Ilha de Santiago...A Pausada oferece também a experiência da degustação dos produtos típicos começando pelas bebidas e comidas típicas... passeios para observação de pássaros, caminhadas para os picos e montanhas existente tanto dentro como fora da localidade, pescas desportivas” (G1); Temos uma diversidade de caminhadas que o turista pode fazer aqui, desde caminhadas simples que podem ser feitas por uma pessoa de 80 a 90 anos com uma saúde mais fragilizada até escaladas profissionais, como via ferrata, escalada esportiva, hiking, andar dentro da montanha em locais inclinados...Nossa outra oferta é a gastronomia, onde os turistas podem degustar as comidas tradicionais da ilha (leite, queijo, vinho, produtos locais) e de todo o país, os turistas podem ver como é feito e participar da confeção dos mesmos. Temos também a degustação de vinho, queijo, café, ao consumirem acabam sempre por comprar e levar... No Hotel casa Marisa oferecemos ainda aos turistas volta à ilha, de modo a conhecerem de uma forma mais autêntica a vida rural. No que diz respeito à subida ao vulcão da ilha existem três alternativas...excursão, excursão para o canal da larva, há duas grutas onde os turistas podem descer nas escadas e temos também a possibilidade de subir as bordes e ver a floresta.” (G2); “No caso da Aldeia Turística CASAS DO SOL, temos espaços onde os turistas podem fazer os seus meetings, espaços de lazer, por exemplo a piscina, usufruir de auditório, verem as exposições ali presentes, sobre a história da orla marítima, as conchas, o que permite ao turista conhecer a história do nosso mar, dos animais marinhos, ouvir músicas ao vivo, festas. Temos uma adega de Engarrafamento de vinho, e água, que fazem parte do enoturismo, temos excursão com volta à ilha, temos uma escada que dá acesso à praia de mar, onde o turista caso queira pode sair logo de manhã e dar à volta aos quase 5 km da praia” (G3); “No que diz respeito às Experiências Turísticas, O hotel Pedra Negra

Salina oferece caminhadas, excursões, também temos a baía, onde oferecemos pesca desportiva, passeio de “bote”, visitação de dunas em carros ou motos, visita às grutas, se quiserem também levamos a outros pontos turísticos existentes nos outros concelhos da ilha. No tempo das colheitas os turistas podem também participar na colheita dos feijões, milho que depois de preparados são para a alimentação dos próprios turistas, ensinamos aos turistas a confeccionarem as nossas comidas típicas e eles nos ensinam a fazer a comida deles” (G4); O hotel Casa Pedrina situado na Boca de Figueral Coculi-Ribeira Grande, trabalhamos na área de restauração e hoteleira, operador turístico. Aberto em 2020 o Hotel traz o conceito casa de vovó, com o objetivo de levar os turistas a conviverem com a comunidade e com outros turistas... Nós oferecemos ao turista aulas de aulas de culinária (como fazer os alimentos cabo-verdianas, fazer os doces, pão entre outros), agroturismo, passeios a cavalos, passeio de burros para crianças, caminhadas volta à ilha, caminhadas de experiências, ioga” (G5); Para além dos alojamentos, oferecemos aos turistas a possibilidade de participarem na plantação e colheita dos produtos agrícolas como por exemplo cana-de-açúcar, papaieiras, bananeiras e mangueiras, se assim o desejarem, visita a alguns animais que temos como por exemplo pavões, antes tínhamos macacos, caminhadas, excursões, degustação das comidas e bebidas típicas do nosso país e também volta à ilha” (G6). As excursões, as caminhadas, o agroturismo são das experiências mais procuradas pelos turistas. No caso da ilha de Fogo, dentre os três concelhos existentes o mais procurado é o concelho de Santa Catarina, mais concretamente Chã das Caldeiras (Txã das Kaldeiras) para a subida do vulcão, os turistas que mais procuram esses tipos de experiências são franceses.

Para a questão - **Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?** as respostas não divergem muito, uns defendem que sim, outros afirmam que existe um longo caminho a ser feito quer a nível político quer a nível da comunidade local e os demais intervenientes nesta matéria, que precisam de ver o TR e as experiências para além dos benefícios económicos. *“Sim. A localidade a nível económico ganha, uma vez que elas vendem os seus produtos agrícolas e pecuárias...A nível social houve uma melhoria, agora dispõem de um ambiente mais limpos, saudável, uma vez que elas começaram a ter consciência da necessidade de manter o espaço limpo e preparado para receber os turistas, um trabalho de sensibilização que a Pausada tem feito junto da população... A câmara local tem apoiado muito, existe uma parceria muito boa, mas ainda há muito a ser feito, tanto a nível político quanto dos moradores (G1)”; “Infelizmente ainda falta a sensibilização das pessoas. Muitos dos projetos ligados a esta área não têm tido sucesso porque tem-se tentando aplicar um conceito de sustentabilidade que não é adequado nem para o país e nem para a ilha, as pessoas podem até entender o objetivo, mas não entendem o caminho a ser percorrido.... Temos tido muitos problemas com lixo atualmente, e isso as pessoas precisam de estar sensibilizadas nesta área para que não prejudique o nosso turismo. A nível dos políticos há uma necessidade de sensibilização dos nossos políticos para que possam entender a diferença do turismo que é praticado em cada uma das ilhas de modo que não venham implementar o mesmo turismo a todas as ilhas... Não é só o povo que precisa de*

sensibilização, também os políticos, para que possam entender os benefícios do TR e das experiências dentro do mesmo, e a necessidade de garantir que tudo funcione em harmonia, a acessibilidade, uma boa infraestrutura, uma boa formação daqueles que vão se dedicar a esta área, a boa consciencialização da comunidade” (G2); “Os nossos políticos têm sim noção da importância do Turismo e das experiências para as zonas rurais, mas muito pouco têm feito para o seu desenvolvimento, deviam dar uma atenção especial sobretudo no aspeto dos transportes que são essenciais para o desenvolvimento de qualquer ilha, tendo uma ligação constante temos desenvolvimento garantido...No que diz respeito à nossa população ainda falta muita sensibilização e consciencialização, não há uma cultura de encontro, por exemplo à noite cada um vai para a sua casa, e o turista quando chega quer encontrar com as pessoas, conviver, fazer parte das suas vidas e vivências...” (G3); “Precisamos de um maior engajamento por parte dos poderes políticos, da população em geral de modo que compreendam o que cada ilha tem a oferecer aos turistas e assim todos possam trabalhar em prol disso. Estamos num processo de consciencialização e sensibilização, mais ainda está muito lento se comparado a outros países...Precisamos de mais incentivos, principalmente por parte dos poderes políticos, que nos incentive a querer investir seriamente nesta área. Precisamos de uma população mais unida e sensibilizada nesta matéria e com melhores conhecimentos, recursos humanos mais profissionalizados” (G4); “Há uma necessidade de sensibilização por parte das pessoas, para que possam entender que o que os turistas procuram não é o luxo é a autenticidade, a simplicidade, experiência...Falta muita sensibilização da parte política, ver a importância em todos os níveis social económica e o desenvolvimento de um turismo sustentável, estão muito focados no turismo de massa e deixam de lado o TR que pode ajudar o país de uma forma sustentável” (G5); “Sim as pessoas estão conscientes da importância do TR e das Experiências Turísticas para a ilha...A comunidade tem evoluído muito no sentido de compreenderem que quando bem aproveitado o TR e a oferta de experiência podem ser benéficos para todos...A comunidade é muito preocupada com a parte da sustentabilidade...Quanto aos governantes eu acredito que existe ainda um longo caminho pela frente a ser trilhado” (G6).

No que diz respeito à questão **5 - Quais são as maiores dificuldades para a oferta e a prática do Turismo Rural e das Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?** apesar de serem três ilhas distintas e separadas umas das outras por uma distância de 25 minutos a duas horas de viagem (isso se for de avião), quatro a mais horas (isto se a viagem for de barco), as dificuldades revelam-se as mesmas de acordo com os seis gerentes dos hotéis entrevistados. A acessibilidade, dificuldade essa que tem afetado e muito o TR e a oferta das *Experiências Turísticas* e impedido que o país esteja num outro patamar quer nacional como internacionalmente. “As dificuldades que enfrentamos hoje é questão da acessibilidade, principalmente para pessoas com deficiência, falta de água, poucos voos diretos para Santiago para fins turísticos, à semelhança do que existe nas ilhas de Sal e Boa Vista, falta de sinalização e identificação dos lugares turísticos, o problema de muitas crianças a pedirem dinheiro aos turistas” (G1); “Neste caso podemos falar das dificuldades, como por exemplo a chegada dos

clientes é um pouco complicada, isto porque o acesso de São Felipe para Chã das Caldeiras, o lugar mais procurado pelos turistas, não é fácil, há poucas alternativas e são muito caras, pouco voo para a ilha, e os turistas não encontram voo ou lugares no barco para vir, o acesso não é suficiente para o pedido de turista... A falta de um sistema de educação para o serviço de turismo, os guias têm de terminar o 12º ano e depois fazer formação e estágio, temos de ter uma escola na área do turismo...Necessidades de ambulâncias e macas bem equipadas para transporte de turistas em caso de alguma doença ou acidentes” (G2); “O TR na ilha trata-se de uma coisa embrionária, ainda está em fase de crescimento, não é tudo aquilo que se vende, mas tem potencialidades para o ser. Existem ainda dificuldades que podem afetar o seu saudável desenvolvimento, como por exemplo a dificuldade de transportes quer a nível do país aéreo, marítimo ou a nível terrestre, a inconstância de barcos para entrar e sair da ilha, o que impede os turistas que querem vir visitar a ilha e dificulta a saída dos turistas da ilha” (G3); “A única coisa que tem travado o desenvolvimento do TR e a oferta de Experiências Turísticas nesta ilha são as dificuldades de acesso à ilha, não temos transportes frequentes seja de avião ou barco... A ilha não tem espaço suficiente para acolher todos os turistas que visitam o país, porque a problemática dos transportes não permiti fazer investimentos maiores para a ilha.... Outro problema é a dificuldade que encontramos para investir no nosso país, a demora nas licenças de construção no transporte, despacho de equipamentos e mercadorias necessários de outros países para Cabo Verde” (G4); “Acredito que o que tem condicionado a oferta são: a pouca divulgação a nível internacional, quando Cabo Verde é apresentado nas feiras de turismo são somente os grandes operadores internacionais que representam e defendem somente os seus produtos os resorts de Boa Vista e Sal e as outras vertentes de TR e entre outros ficam de fora. Dificuldades de transporte, voos, barcos, os elevados preços de viagens...Precisamos de mais recursos humanos qualificados, mais investimentos em infraestruturas, entre outros” (G5); “É preciso que arranjem soluções no que diz respeito a dificuldades de acessibilidade, principalmente nas zonas rurais, como por exemplo caminhos destruídos, falta de estradas e calçamentos, que permitam aos turistas caminharem tranquilamente e em segurança, principalmente na época da chuva, energias, a construção de um aeroporto na ilha” (G6).

Para que o Turismo seja sustentável, eficaz e rentável é necessário que haja um ganho para todos, seja ele a nível económico, ambiental ou social, é também necessário um sentimento de pertença e de responsabilização por parte de todos. Para que isso aconteça é necessário que todos se envolvam, o que desencadeou uma questão aos entrevistados - **Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha?** A oportunidade de emprego para os moradores das localidades onde os hotéis se encontram integrados e projetos beneficentes foram os mais realçados de entre todos os benefícios. *“Para começar os nossos funcionários são todos do concelho de São Domingos, os produtos utilizados para confeccionar os alimentos são todos comprados nos produtores locais, são os moradores locais que alugam os burros, compramos artesanatos nos artesãos locais, fazemos sensibilização da população sobre a importância de tratar bem os turistas, de manter os locais sempre limpos, entre outros...” (G1); “No momento a Casa Marisa investe 5% do seu ganho para investir nos estudos dos jovens de*

Chã, temos uma associação cujo objetivo é dar a todos os jovens de Chã e mais tarde a toda a ilha... Também aceitamos alunos de escolas para fazerem estágio aqui e eu mesmo dou formações a eles no terreno, e mostro como ser guias, técnicos de escalada, ensino geologia... Os nossos funcionários são todos trabalhadores locais, os produtos consumidos são também daqui” (G2); “O nosso espaço é aberto não só para os turistas, mas também para os moradores locais que podem usufruir das nossas piscinas, do parque de diversão para as crianças e do espaço de convívio, das exposições que temos. Os nossos funcionários são os residentes. Temos Casa de Acolhimento de Jovens Mães Solteiras-Casa Manuela Irgher, em Santa Cruz, Santiago, o centro de acolhimento de mulheres vítimas de violência baseada no género – Centro Mama Pina em São Filipe Fogo e o Centro de Acolhimento de Doentes em Fase Terminal...” (G3); “Para começar os nossos funcionários são todos do concelho de São Felipe, os produtos utilizados para confeccionar os alimentos são todos comprados nos produtores locais, são os moradores locais que alugam os botes.” (G4); “O nosso contributo para a sociedade é que os nossos funcionários são todos da ilha em que trabalhamos, no momento empregamos 15 pessoas entre São Vicente e Santo Antão, o que facilita a vida daqueles que querem estudar, fazemos também projetos sociais com o intuito de ajudar aqueles que mais necessitam, por exemplo, colaboramos com as escolas primárias, recolhemos vestuários, entre outros para ajudar a nossa comunidade” (G5); “Os Nossos funcionários são todos residentes da ilha, compramos produtos aos produtores da ilha...” (G6).

Na Tabela 19 que se segue estão sistematizados as respostas e os tipos de *Experiências Turísticas* oferecidas nas zonas rurais de Santiago, Fogo e Santo Antão de acordo com os gerentes dos hotéis.

Tabela 19

Turismo Rural versus Experiência Turística – Grupo III

| Gerentes dos Hotéis | Ilhas | Tipos de Experiências Turísticas |
|----------------------------|---------------------------------|---|
| G1- | Santiago | Contemplação das paisagens, através de caminhadas, passeios de burros, a prática da agricultura, a degustação dos pratos, bebidas e doces típicos da ilha, caminhadas para o jardim botânico e outras localidades de São Domingos, ou outras localidades da Ilha de Santiago. |
| G2- | Fogo-Mosteiro-Chã das Caldeiras | Gastronómica; caminhadas; alojamentos; escaladas profissionais: como via ferrata, escalada esportiva, hiking, degustação de vinho; excursão; caminhadas e volta à ilha; subida ao vulcão. |
| G3- | Fogo-São Filipe | Espaços de lazer, por exemplo a piscina, usufruir de auditório, verem as exposições ali presentes, sobre a |

| | | |
|-------------|--|--|
| | | história da orla marítima, as conchas, o que permite ao turista conhecer a história do nosso mar, dos animais marinhos, ouvir músicas ao vivo, festas; enoturismo; excursões, volta à ilha, turismo religioso; degustação de vinho, pratos típicos da ilha. |
| G4 - | Fogo São Filipe - Salina | Caminhadas, excursões; pesca desportiva; passeio de bote; visitação de dunas em carros ou motos, visita às grutas, turistas podem também participar na colheita dos feijões, milho que depois de preparados são para a alimentação dos próprios turistas, ensinamos aos turistas a confeccionarem as nossas comidas típicas e eles nos ensinam a fazer a comida deles. |
| G5- | Santo Antão-Ribeira Grande-Boca de Figueral Coculi | Aulas de culinária (como fazer os alimentos cabo-verdianas, fazer os doces, pão entre outros), agroturismo, passeios a cavalos, passeio de burros para crianças, caminhadas volta à ilha, caminhadas de experiências, ioga; interação com a comunidade. |
| G6- | Santo Antão- Ribeira Grande-Boca Coruja | Alojamentos, participação em plantação e colheita dos produtos agrícolas; visita a alguns animais que temos como por exemplo pavões, volta à ilha; caminhadas, excursões. |

Fonte: Elaboração Própria

Uma vez analisadas as questões do primeiro guião, com o intuito de dar resposta ao terceiro objetivo desta investigação, realizou-se uma análise de conteúdo. Considerou-se duas categorias de palavra TR e Experiências Turísticas e subcategorias de palavras (Tabela 20).

Tabela 20

Categoria/Subcategoria

| Categoria | Subcategoria | Frequência |
|------------------|----------------------|-------------------|
| Turismo Rural | Turista | 71 |
| | Rural | 48 |
| | Turismo Rural | 45 |
| | Turismo | 37 |
| | Hotel | 28 |
| | Pessoa (s) | 26 |
| | Sensibilização | 10 |
| | Produto | 17 |
| | Comunidade | 16 |
| | Dificuldade (s) | 16 |

| | | |
|-------------------------|--------------------------------|-----------|
| Experiências Turísticas | Experiência (s) | 59 |
| | Experiências Turísticas | 40 |
| | Caminhada (s) | 15 |
| | Vulcão | 10 |
| | Vinho | 9 |
| | Excursão (ões) | 7 |
| | Degustação | 5 |

Fonte: Elaboração Própria

Na categoria TR versus Experiências Turísticas, foi possível observar que as palavras mais citadas pelos entrevistados na categoria *TR* foram: Turista, Rural, TR, Turismo, Hotel e Pessoas. Na categoria Experiências Turísticas, as palavras mais referenciadas foram Experiências, Experiências Turísticas e Caminhadas. A palavra TR foi mencionada 45 e Experiências Turísticas 40 vezes pelos entrevistados. Assim sendo, foi criada a figura 3 com destaque para as palavras usadas com maior frequência.



Figura 11: Nuvem de Palavras: Objetivo 3

Fonte: Elaboração Própria

3.2. Análise dos Resultados

Uma vez analisados os dados procedentes das entrevistas, torna-se crucial a análise dos resultados atendendo aos objetivos específicos previamente definidos nesta investigação. Desta forma, nesta etapa, pretende-se confrontar as informações obtidas da análise empírica com as informações e estudos da revisão da literatura.

3.2.1. Análise do objetivo OE1

No que diz respeito ao objetivo específico **OE1 - Analisar o desenvolvimento do Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo**, pode-se constatar, que apesar do TR em Cabo Verde se encontrar numa fase inicial, trata-se de um turismo que se destaca em três principais vertentes: cultural, agroturística e gastronómica e que tem como principais objetivos: a diversificação das ofertas turísticas existentes, para além do turismo de massa (Sol e mar), o desenvolvimento e a valorização das zonas rurais de cada uma das ilhas em análise, Santiago, Fogo e Santo Antão. É importante realçar que se comparada à Europa o TR em Cabo Verde encontra-se numa fase embrionária, carecendo de dados estatísticos e leis específicos. Esta análise reforça os estudos de autores como Martins (2012), Kastenholtz (2014), Mesquita (2009) e Pereiro (2018) nos quais afirmam que o turismo tem-se transformado em uma das estratégias para estimular o desenvolvimento das zonas rurais em todo o mundo e acrescentam ainda que as mudanças ocorridas no turismo praticado nas zonas rurais mostraram-se não só necessárias como fundamentais enquanto novas opções para fazer frente ao turismo de massa e combater os problemas que os espaços rurais vêm enfrentando, entre os quais: o declínio da agricultura, a perda de mão-de-obra devido ao êxodo da camada mais jovem, o envelhecimento da população, a necessidade de preservar a paisagem rural, a necessidade de manter equilíbrio ambiental saudável e proporcionar a solvência económica de milhares de famílias.

Apesar de se encontrar em uma fase embrionária o TR nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão tem enfrentado os mesmos desafios ou fragilidades apontados na literatura (Cunha et al., 2020; Godinho, 2004; Mesquita, 2009; Pereiro, 2018; Lewis et al., 2021) por exemplo a falta de qualificação da mão-de-obra, em lugares onde os residentes não estão familiarizados com a prestação de serviços, muito menos com as atividades regulares de turismo, é difícil abrir empreendimentos turísticos, a falta de cooperação interindustrial, de fundos de investimento/ financiamento limitados ou inexistentes e de visão de pesquisa e de infraestrutura turística de baixa qualidade, entre outros.

Pode-se notar que de entre as nove ilhas habitadas de Cabo Verde, apenas essas três Santo Antão, Santiago e Fogo têm maior vocação turística para o segmento do TR, facto que corrobora Figueiredo (2012), Kastenholtz et al. (2014) e Marques (2018) quando estes advertem que nem todas as ilhas estão preparadas ou têm capacidade para receber o turismo, e que este não se trata de um instrumento milagroso de revitalização de qualquer área rural remota que sofra de

falta de alternativas e nem se trata de uma solução infalível, dado que nem todas as zonas possuem recursos financeiros suficientes e à sua disposição para tornar o turismo numa solução para restaurar a economia das mesmas e que nem todas as zonas rurais serão consideradas atrativas enquanto destino turístico.

A preocupação com a sustentabilidade do turismo nas zonas rurais, por parte das autoridades políticas cabo-verdianas colabora com a ideia de autores como Serra et al. (2021), Kastenholz (2014) que defendem que, para que o TR seja sustentável é necessário o envolvimento e participação da comunidade local, dos agentes políticos e demais stakeholders no processo de planeamento e gestão turística, para que o mesmo possa trazer benefícios económicos e sociais, e contribua para valorização do património cultural e ambiental das diversas localidades e minimize os impactos negativos.

3.2.2. Análise do objetivo OE2

Relativamente ao objetivo específico **OE2 - Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo** foi possível averiguar que é possível sim a oferta de Experiências Turísticas, e que existe uma variedade de experiências a serem vividas nas três ilhas em análise, Santiago, Fogo e Santo Antão, sendo que algumas já estão consolidadas e outras em progressão. Dos quatro guias-intérpretes entrevistados todos afirmaram oferecer experiências aos turistas, dentre as quais caminhadas, o *trekking*, as escaladas, a contemplação das paisagens, as experiências agroturísticas, excursões, degustação, e de acordo com os mesmos, estes estão entre as experiências mais oferecidas e procuradas nas ilhas em análises. Aqueles entrevistados afirmaram ainda que de as experiências oferecidas podem ser feitas de forma espontâneas ou programadas pelos guias-intérpretes em acordo com a comunidade e com o próprio turista. Abrahams (1986) corrobora esta ideia ao afirmar que existem dois tipos de experiência: as que derivam diretamente do fluxo da vida cotidiana, com pouca ou nenhuma preparação explícita, e as que são planeadas e procuradas, nas quais as pessoas se preparam e têm um papel em todo o desempenho. Pode-se dizer que Santiago oferece aos turistas Experiências Turísticas bastante diversificadas. Os turistas podem visitar as paisagens naturais, as praias, as aldeias e, finalmente, participar em atividades de lazer, como excursões, caminhadas, visita ao património histórico e cultural, degustação, experiências agroturísticas (participação nas colheitas, lida do campo e dos animais), entre outros. Em Santo Antão, por ser a ilha mais montanhosa de Cabo Verde, os turistas também podem usufruir de Experiências Turísticas variadas, tais como *trekking*, camping, visitar parques naturais, rota das aldeias locais, entre outros. Finalmente, Fogo oferece aos turistas Experiências Turísticas tão diversificadas quanto as das outras ilhas. Os turistas podem desfrutar de vistas panorâmicas, visitar aldeias locais, explorar grutas, praticar mergulho e desportos náuticos, excursões escaladas tendo como foco principal a subida do vulcão. Esta variedade de ofertas de experiência, tendo em conta as especificidades de cada uma das ilhas alinha com o pensamento de Selstad (2007) que caracteriza a experiência turística como uma imensa variedade de atividades e de múltiplas vertentes.

De entre as experiências em progresso está a criação de conteúdo para a promoção e realização de experiências, baseando-se em contos ou em produtos tradicionais das ilhas (projeto iniciado na ilha de Santo Antão e Fogo) de modo a não só garantir a visibilidade das zonas rurais em declínio ou com pouca visibilidade, como a sustentabilidade das mesmas. Essa preocupação por parte das entidades turísticas em criar novas experiências de modo a corresponder as expectativas dos turistas vai de encontro a literatura de Oh et al. (2007, p. 119), quando este afirma que “justifica que as entidades que oferecem serviços turístico desenvolvam atividades que proporcionem experiências aos consumidores”.

Pode-se perceber também que apesar das entidades turísticas (a população, os agentes turísticos e os agentes políticos responsáveis pela área do turismo) terem uma ideia da importância das Experiências Turísticas para o desenvolvimento turístico das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, ainda falta, de acordo com os guias intérpretes entrevistados, uma certa consciencialização e sensibilização, como por exemplo a *falta* da educação académica, cívica e também política, necessidade de os próprios políticos de aprenderem a ver potencialidades nessas comunidades e o cuidado para com a perda da identidade que as zonas rurais vêm sofrendo ao longo dos anos e a necessidade de se investir em serviços de transporte para facilitar o acesso das pessoas aos locais turísticos, a falta de promoção das atrações turísticas locais e a falta de equipamentos para os guias intérpretes, construção de novas e melhoria das infraestrutura turísticas existentes que possam melhorar o turismo em todas as suas vertentes.

Pode-se perceber também que a prática de Experiências Turísticas enfrenta ainda alguns desafios que têm impedido a sua potencialização nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão tais como: a falta de infraestruturas adequadas; a falta de acessibilidade, a falta de informações sobre os produtos turísticos locais; a falta de profissionais qualificados; a falta de promoção dos destinos; a dificuldade em aceder a financiamento para o desenvolvimento de novos projetos; e a falta de uma política de turismo integrada, a necessidade de garantir a qualidade do serviço oferecido, a preservação dos atrativos naturais e culturais, bem como a redução dos impactos ambientais gerados. Esta análise vai na linha de pensamento de Richards (2011), Kastenholz et al. (2014), Mateiro (2018) e Kastenholz et al. (2020) quando defendem a necessidade de consciencialização acerca da importância e dos cuidados que se deve ter na oferta das Experiências Turísticas nas zonas rurais. Se bem desenvolvidas, as Experiências Turísticas podem proporcionar benefícios económicos a todos os *stakeholders* envolvidos. Para isso, é necessário olhar para o turismo de uma forma mais sustentável, promovendo o desenvolvimento económico, mas também protegendo o meio ambiente e promovendo a inclusão social. Para tal, é essencial que o planeamento e a gestão destas experiências sejam rigorosos, nomeadamente na avaliação dos impactos dos mesmos e na forma como estes são controlados. Somente assim, é possível garantir que as Experiências Turísticas sejam desenvolvidas de forma responsável e considerem todos os interesses envolvidos.

Esta análise, permitiu verificar também que apesar de existir muitas similitudes entre as ilhas no que diz respeito às paisagens, e aos tipos de Experiências Turísticas oferecidas, como por

exemplo as excursões, caminhadas, contemplação da natureza, entre outras, as experiências vividas pelos turistas ainda que sejam as mesmas acabam sempre por serem diferentes. A análise apresentada mostra ainda que apesar de partilharem muitas características, cada ilha tem a sua própria identidade e, portanto, cada experiência turística é única e inimitável. Cada ilha oferece aos visitantes uma atmosfera única, que não pode ser replicada em outro lugar, tornando cada experiência única. Estas constatações são complementadas pela ideia apresentada por Ooi (2005) de que cada experiência turística é única e que depende dos backgrounds sociais e culturais das pessoas; das atividades e do ambiente físico, bem como dos significados sociais incorporados nas atividades.

3.2.3. Análise do objetivo OE3

Em relação ao objetivo específico **OE3 - Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo** verificou-se que dos seis gerentes dos hotéis entrevistados todos concordaram que existe sim uma relação entre o TR e as Experiências Turísticas, e afirmam oferecem Experiências Turísticas, nos hotéis que gerem, seja na ilha de Santiago, Fogo ou Santo Antão. De acordo com os entrevistados, os turistas que visitam essas ilhas (zonas rurais) e os hotéis em questão vão sempre à procura de ver, experimentar e viver experiências dentre as quais degustação de pratos e bebidas típicos das ilhas, passeios de cavalos, escaladas de vulcão, caminhadas, excursões, contemplação da natureza, trekking participação na plantação, colheita dos produtos agrícolas e nas lidas diárias da população, entre outros. Esta constatação vai na linha de pensamento de autores como Figueiredo (2015), Eusébio et al. (2017), Borges e Silva (2019), Kastenholz et al. (2020) e Menezes, et al. (2020) quando afirmam que os turistas visitam os locais rurais à procura de experiências: ter um contacto mais profundo com as culturas rurais, como visitas guiadas a campos agrícolas, onde podem ser fornecidas explicações sobre a agricultura típica da região e os visitantes podem até ser convidados a participar em atividades de colheita de produtos agrícolas como milho, feijão, entre outros ou outras atividades, experiência de natureza, paisagens, pessoas, comida típica, produtos locais, tradições autênticas, a hospedagem, consumo de produtos agropecuários.

Neste ponto foi também possível verificar, de acordo com as entrevistas feitas, que apesar da população participar na oferta das experiências, conforme mencionam a literatura consultada (Fong et al. (2017) Torres-Moraga et al. (2021) Kastenholz e Figueiredo (2012) falta ainda uma maior necessidade de consciencialização e sensibilização para a importância das Experiências Turísticas nas zonas rurais e da participação de todos os *stakeholders* envolvidos na conceção, implementação e gestão de produtos turísticos, no seu envolvimento na criação de Experiências Turísticas autênticas e de qualidade, que permitam uma melhor compreensão das tradições, cultura e paisagem da região, bem como promover a consciência do impacto dos turistas na zona rural e no seu envolvimento para a oferta de uma experiência sustentável, e capaz de minimizar os impactos negativos e os desafios mencionados tanto na literatura como pelos entrevistados

Conclusão, Limitações do Estudo e Futuras Linhas de Investigação

A presente investigação teve como principal objetivo analisar o desenvolvimento turístico das ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo em termos de *TR* e de Experiências Turísticas. Com esta investigação pretendeu-se: i) despertar a atenção dos governantes para a relevância da implementação de políticas e programas capazes de não só proteger o meio ambiente, o tecido social, e os patrimónios material e imaterial como também, o planeamento e ações voltadas para o estímulo do *TR*; ii) despertar a atenção de investidores privados, associações, turismólogos e a comunidade cabo-verdiana, em geral, para a necessidade do *TR* ir além das pousadas e aldeamentos turísticos, e converter-se numa prática social e económica que catalise o desenvolvimento rural, regional e territorial das ilhas em análise

Baseando-se nos objetivos específicos formulados para a investigação empírica, apresentam-se os resultados obtidos:

Em relação ao primeiro objetivo específico **OE1 - Analisar o desenvolvimento do Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo** pode-se constatar, que apesar do *TR* em Cabo Verde se encontrar numa fase inicial, trata-se de um tipo turismo que se destaca em três principais vertentes: cultural, agroturística e gastronómica.

OE2 - Analisar a oferta de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo foi possível averiguar que todos os quatro guias-intérpretes entrevistados oferecem experiências aos turistas, de entre as quais: caminhadas, *trekking*, escaladas, contemplação das paisagens, experiências agroturísticas, excursões, degustação e subida ao vulcão. Na ilha de Santiago as experiências mais oferecidas são: atividades de vigilância noturna nas praias de mar à noite para ver as tartarugas, agroturismo, participação nas festas de romarias, artesanato, preparação dos alimentos, visita aos museus, aprender e participar de danças tradicionais, artesanatos, observação de aves, observação da fauna e da flora Na ilha do Fogo as experiências mais oferecidas são: caminhadas, experiências arqueológicas e geológicas, pesca desportiva, preparação e torrefação do café, visitas ao vulcão, contemplação de paisagens e degustação. Por sua vez, Santo Antão oferece: agroturismo, caminhadas, andar a cavalo, ajudar as famílias nas lidas diárias, turismo habitacional, *fishing*, visita às sete rotas das aldeias existentes na ilha. Foi também possível verificar que Cabo Verde tem se preocupado em investir também em criação de conteúdos (históricos, culturais, gastronómicos), a fim de promover e oferecer novas Experiências Turísticas aos turistas

OE3 - Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo verificou-se que dos seis gerentes dos hotéis entrevistados todos concordaram que existe uma relação entre o *TR* e as Experiências Turísticas, e afirmam que oferecem Experiências Turísticas nos hotéis que gerem, seja na ilha de Santiago, Fogo ou Santo Antão. A Pausada Quinta da Montanha (situada na ilha de Santiago),

oferece passeio de burros, degustação de bebidas e comidas típicas da ilha, caminhadas ao jardim botânico, a outras localidades de São Domingos e também a outras localidades da Ilha de Santiago, passeios para observação de pássaros, caminhadas para os picos e montanhas, tanto dentro como fora da localidade e pesca desportiva. O Hotel casa Marisa (ilha do Fogo, Chã das Caldeiras) oferece aos turistas a possibilidade de dar uma volta à ilha, subida ao vulcão da ilha (excursão ao canal da larva, há duas grutas onde os turistas podem descer nas escadas e subir as bordas e ver a floresta) e a degustação de bebidas e pratos típicos. *No caso da Aldeia Turística CASAS DO SOL Fogo São Felipe*, existem espaços para os turistas podem fazer os seus meetings, espaços de lazer, experimentar vinhos, degustação dos pratos típicos, piscina. O hotel Pedra Negra Salina (Fogo, São Felipe) oferece caminhadas, excursões, pesca desportiva e passeio de “bote” na baía, visita a dunas em carros ou motos, visita às grutas e a outros pontos turísticos existentes nos outros concelhos da ilha. No tempo das colheitas os turistas podem também participar na colheita de produtos agrícolas. O hotel Casa Pedrina (Ribeira Grande) leva os turistas a conviver com a comunidade e com outros turistas, oferece aulas de culinária, agroturismo, passeios a cavalos, passeio de burros para crianças, caminhadas volta à ilha, caminhadas de experiências e ioga. O Hotel Pedra de Cin (Santo Antão) proporciona aos turistas a participação na plantação e colheita dos produtos agrícolas, caminhadas, excursões, degustação das comidas e bebidas típicas e a volta à ilha.

Das três categorias criadas, ao nível da análise de conteúdo TR, Experiências Turísticas, e TR/Experiências Turísticas os entrevistados associam com maior frequência à categoria ‘TR, as subcategorias criadas: Turismo, TR e Desenvolvimento. Em relação à categoria ‘Experiências Turísticas’ os entrevistados associam com maior frequência as subcategorias criadas: Experiência (s); Turismo; Turista; Comunidade; Experiência (s) Turística (s); Produto: No que diz respeito às categorias ‘TR/ ‘Experiências Turísticas’ os entrevistados associam com maior frequência as subcategorias criadas: Turista; Rural; TR; Turismo; Hotel; Pessoa (s); Experiência (s); Experiências Turísticas: Caminhada (s).

Os resultados do estudo permitem efetuar a uma análise sobre o perfil dos entrevistados (Diretor de Serviço do Turismo de Cabo Verde, aos Guias intérpretes de Santiago, ao Gerente do Atelier Mar e responsável pela criação dos conteúdos para a oferta das *Experiências Turísticas* Santo Antão e Fogo, e aos Gerentes dos Hotéis Rurais). Todos os entrevistados são do sexo masculino com a idade compreendida entre 30 e 80 anos e com uma experiência profissional de 3 e 22 anos. A maior parte dos entrevistados, 7, possui formação superior (58%). No entanto, apenas dois possuem formação na área do Turismo. Dos 12 entrevistados, todos têm experiência no cargo que exercem, e têm uma clara perceção da importância do TR e da oferta das Experiências Turísticas para o desenvolvimento das localidades rurais onde se encontram inseridos. Ainda, foi possível verificar que todos os entrevistados, em qualquer uma das três ilhas analisadas oferecem Experiências Turísticas (excursões, caminhadas, degustação, contemplação das paisagens, trekking, escaladas, entre outros).

Esta investigação mostrou que as ilhas de Santiago, Santo Antão e Fogo têm potencial para o desenvolvimento do TR e oferta de Experiências Turísticas, sendo que algumas já se encontram consolidadas, e que ambos podem ser um importante instrumento para o desenvolvimento local, contribuindo para a preservação da cultura e do meio ambiente, melhoria das condições de vida e capacitação económica e educacional das comunidades. Contudo, faltam ainda infraestruturas, serviços de transporte, promoção das atrações turísticas e dos destinos turísticos rurais. Para alcançar o seu potencial é necessário que as entidades turísticas sensibilizem a população local, os agentes turísticos e políticos, sobre a importância da Experiência Turística para o desenvolvimento turístico destas ilhas. É também necessária a implementação de projetos que visem tornar viável a Experiência Turística, melhorarem as infraestruturas, a promoção dos destinos, a qualificação profissional e a disponibilização de informações. Além disso, é importante criar mecanismos para a integração dos diferentes agentes envolvidos na criação e gestão dos produtos turísticos, de forma a ampliar os benefícios económicos, sociais e culturais da atividade turística. Tudo isso deve ser feito de forma responsável e sustentável para preservar as comunidades e a beleza das zonas rurais.

A investigação sugere que Cabo Verde crie leis específicas para empresas e entidades responsáveis pelo TR e Experiências Turísticas para garantir o cumprimento das leis e normas ambientais e do TR. É necessário também coletar dados estatísticos para entender o impacto do TR e Experiências Turísticas nestas áreas, bem como estabelecer um sistema de monitorização e controlo de qualidade. Além disso, Cabo Verde deve lançar campanhas de promoção e divulgação específicas para o TR e as Experiências, oferecer incentivos fiscais para as empresas ou entidades que queiram investir no desenvolvimento do TR e das Experiências no arquipélago e formar profissionais de turismo para garantir serviços de qualidade.

À semelhança de qualquer trabalho de investigação, a realização deste estudo enfrentou algumas limitações, como por exemplo a i) falta de estudos e dados sobre a temática em Cabo Verde, ii) a distância das ilhas e a dificuldade de acessibilidade, dado que não foi fácil encontrar voos ou barcos disponíveis para viajar de uma ilha para a outra.

Finalmente, como sugestões futuras realçam-se: i) a elaboração de um estudo semelhante, mas recorrendo ao método quantitativo, tendo como unidade de análise os turistas, de modo a conhecer as suas motivações para procurar o TR, quais as Experiências Turísticas mais procuradas e o perfil destes turistas; e ii) a análise do TR e das Experiências Turísticas, através da elaboração de um estudo sobre o Turismo de Experiência usando uma abordagem qualitativa, tendo como unidades de análise a comunidade local, de modo a compreender qual o contributo da mesma para a prática do TR e as Experiências Turísticas e as suas perceções sobre a mesma.

Referências

- Abrahams Roger D. (1986). Ordinary and Extraordinary Experience. In E. M. Turner, Victor W; Bruner (Ed.), *The Anthropology of Experience*. https://monoskop.org/images/f/f3/Turner_Victor_Bruner_Edward_The_Anthropology_of_experience_1986.pdf
- Agapito, D. L., da, C. M., Valle, P. S., & Almeida, H. M. de. (2014). Um contributo do marketing sensorial para o marketing da experiência turística rural. Sensory marketing rural tourist experiences. *PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 12(3), 611–621. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2014.12.045>
- Agapito, D., Pinto, P., & Mendes, J. (2017). Tourists' memories, sensory impressions and loyalty: In loco and post-visit study in Southwest Portugal. *Tourism Management*, 58, 108–118. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.10.015>
- Alarcão, M. G. M. P. (2021). *Entre as Brandas e as Inverneiras - Turismo com a Ecotura - Restruturação e Dinamização de uma empresa de Animação Turística no Parque Nacional da Peneda Gerês* [Politécnico de Leiria - Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar]. [https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/6330/1/Entre as Brandas e as Inverneiras-Turismo com a Ecotura Projeto Mariana Alarcao 2021.pdf](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/6330/1/Entre%20as%20Brandas%20e%20as%20Inverneiras-Turismo%20com%20a%20Ecotura%20Projeto%20Mariana%20Alarcao%202021.pdf)
- An, W., & Alarcón, S. (2021). From netnography to segmentation for the description of the rural tourism market based on tourist experiences in Spain. *Journal of Destination Marketing and Management*, 19(December 2019). <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100549>
- Arias, J., Holgado, J., Tafur, T., & Vasquez, M. (2022). *Metodología de la investigación: El método ARIAS para desarrollar un proyecto de tesis* (Issue June). Instituto Universitario de Innovación Ciencia y Tecnología Inudi Perú. <https://doi.org/10.35622/inudi.b.016>
- Arnould, E. J., & Price, L. L. (1993). River Magic: Extraordinary Experience and the Extended Service Encounter. *Journal of Consumer Research*, 20(1), 24. <https://doi.org/10.1086/209331>
- Baessa, E. O. dos S. (2020). *Produção Agrícola e Segurança Alimentar em Cabo Verde: Alternativa para Reorientar e Fortalecer o Desenvolvimento Rural Sustentável* [Universidade Federal da Grande Dourados]. [https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/mestrado-agronegocios/dissertações defendidas/produção agrícola e segurança alimentar em cabo verde alternativas para reorientar e fortalecer o desenvolvimento rural sustentável.pdf](https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/mestrado-agronegocios/dissertações%20defendidas/produção%20agrícola%20e%20segurança%20alimentar%20em%20cabo%20verde%20alternativas%20para%20reorientar%20e%20fortalecer%20o%20desenvolvimento%20rural%20sustentável.pdf)
- Baleiro, Rita; Quinteiro, S. (2017). *Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais* (1ª

- edição). [Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas]. <http://hdl.handle.net/10451/38441>
- Beleza, P. A. T. (2019). *Fatores Críticos de Sucesso do Turismo no Espaço Rural- Caso de Mirandela* [Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão]. <http://hdl.handle.net/10400.5/19831>
- Benjamim, W. (2012). *O anjo da história* (organização e tradução João Barreto (ed.)). <https://www.academia.edu/32736303/>
- Bernardo, A. R. M. (2018). *A Importância do Turismo de Negócios em Cascais* [ESHTE Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril]. <http://hdl.handle.net/10400.26/32599>
- Borges, Â. (2014). *O papel do turismo cultural em Santiago (Cabo Verde): o caso do artesanato*. <https://silو.tips/download/o-papel-do-turismo-cultural-em-santiago-cabo-verde-o-caso-do-artesanato>
- Borges, M. S., & Silva, P. C. B. da. (2019). O turismo rural pensado como política pública para o desenvolvimento econômico, social e a preservação histórica: o caso Caminhos do Brasil Imperial. *Brazilian Journal of Development*, 5(6), 6278–6294. <https://doi.org/10.34117/bjdv5n6-135>
- Brandão, F., Breda, Z., & Costa, C. (2019). Innovation and internationalization as development strategies for coastal tourism destinations: The role of organizational networks. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 41(xxxx), 219–230. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2019.10.004>
- Brito, B. R., Loloum, B., Pinto, J. R., Alarcão, N., & Duarte, A. (2010). *Turismo em meio insular africano: potencialidades, constrangimentos e impactos*. 179. <https://play.google.com/books?id=Tvq-CwAAQBAJ>
- Camarinha, N. (2016). *a Avaliação Da Experiência Turística: O Caso Dos Cruzeiristas No Porto De Portimão* [Universidade do Algarve - Faculdade de Economia]. <http://hdl.handle.net/10400.1/9814>
- Carù, A., & Cova, B. (2006). How to facilitate immersion in a consumption experience: appropriation operations and service elements. *Journal of Consumer Behaviour*, 5(1), 4–14. <https://doi.org/10.1002/cb.30>
- Carvalho, A. M. D. de. (2010). *A Imagem de Cabo Verde como destino turístico no mercado do destino português*. [Universidade de Aveiro].
- Carvalho, M. S. e S. C. de. (2013). *Cultura e Turismo Criativo na Experiência Integral do Turismo Rural*. [Universidade de Aveiro].

- Carvalho, M. S., Kastenholz, E., & Carneiro, M. J. (2021). Co-creating wine and food tourism experiences: The case of rota da bairrada. *Journal of Tourism and Development*, 2021(36), 325–339. <https://doi.org/10.34624/rtd.v1i36.10695>
- Coelho, Ana; Soares, Ana; Romão, Filipe; Honrado, Maria; Azevedo, João; Pedro, João; Domingos, Suzana; Figueira, L.; Oosterbeek, L. (2020). Turismo Mundial, Crise Sanitária e Futuro: Visões globais partilhadas. *Revista Pasos*. <https://pasosonline.org/en/collections/pasos-spreads/184-turismo-mundial-crise-sanitaria-e-futuro-visoes-globais-partilhadas>
- Coelho, M. de F., Gosling, M. de S., & Almeida, A. S. A. de. (2018). Tourism experiences: Core processes of memorable trips. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 37(September), 11–22. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.08.004>
- Conceição, I. E. P. da. (2014). *Potencial do turismo internacional de Cabo Verde* [Universidade Federal do Ceará]. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15093>
- Costa, J. C. da, & Allis, T. (2021). Como se move o turismo durante a pandemia da COVID-19? *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo*, 15(1), 2212. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2212>
- Coutinho, C. P. (2021). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática* (2ª edição). Almedina.
- Cruz, S. (2013). *O Impacto Do Património Cultural Na Economia Cabo-Verdiano* [Instituto Superior da Maia]. <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2540/1/T2-1 - Cópia.pdf>
- Cunha, C., Kastenholz, E., & Carneiro, M. J. (2020). Entrepreneurs in rural tourism: Do lifestyle motivations contribute to management practices that enhance sustainable entrepreneurial ecosystems? *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 44(July), 215–226. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2020.06.007>
- Cunha, L. (1997). *Economia e Política do Turismo* (1ª). McGraw-Hill, 1997.
- Cunha, L. (2010). *A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário*. <http://hdl.handle.net/10437/665>
- Cvijanovi, D., Pantovi, D., Dordevi, N., Subi?, J., Vukovi?, P., & Andrei, J. V. (2021). *Transformation from urban to rural tourism during the covid-19 pandemic: the case of Serbia*. Institute of Agricultural Economics, Belgrade (Serbia).
- de Souza, M., & Dolci, T. S. (2019). *Turismo Rural: fundamentos e reflexões* (UFRGS (ed.)). [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad504.pdf>

- den Breejen, L. (2007). The experiences of long distance walking: A case study of the West Highland Way in Scotland. *Tourism Management*, 28(6), 1417–1427. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2006.12.004>
- DGADR. (2013). *Turismo em Espaço Rural*. <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural#Definicoes>
- DGT. (2014). *Inventário Dos Recursos Turísticos Do Município Da Ribeira Grande , Ilha De Santo Antão*. 63.
- Dos, R. I. O., & Tur, R. (2015). *ILHA DO FOGO INVENTÁRIO DOS*.
- Estrela et al. (2017). *Mesa Redonda -Turismo Rural e de Natureza*. http://www.caboverde-info.com/content/download/8076/68729/version/1/file/Relatório_Turismo_Rural+e+de+Natureza+Santo+Antao_2017_web.pdf
- Eusébio, C., Carneiro, M. J., Kastenholz, E., Figueiredo, E., & Soares da Silva, D. (2017). Who is consuming the countryside? An activity-based segmentation analysis of the domestic rural tourism market in Portugal. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 31, 197–210. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2016.12.006>
- Farias, Mayara Ferreira de; Sonaglio, Kerlei Eniele; Ferreira, Lissa Valéria Fernandes; Alexandre, M. L. de O. (2019). Questões Paradigmáticas, Complexidade e multiplicidade: Um estudo sobre a teorização do turismo. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, n. 26 (Junio/Junho 2019), September. <https://www.researchgate.net/publication/354555961>
- Fernandes, F., Ribeiro, R. B., & Lima, L. (2019). A promoção turística de Cabo Verde no mercado português. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 17, 509–526. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.036>
- Ferreira, L. É. (1997). *CABO VERDE*. [Universidade Aberta]. [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5273/4/Cabo Verde.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5273/4/Cabo%20Verde.pdf)
- Figueiredo, E. (2015). *A investigação em Sociologia Rural e a sua Relevância para o Desenvolvimento*. July. <https://www.researchgate.net/publication/326468543%0AA>
- Figueiredo, L. G. (2015). *Turismo em Espaço Rural Vale do Côa como Rota do Agroturismo* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/5083/1/4322_8343.pdf
- Fong, S. F., Lo, M. C., Songan, P., & Nair, V. (2017). Self-efficacy and sustainable rural tourism development: local communities' perspectives from Kuching, Sarawak. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 22(2), 147–159. <https://doi.org/10.1080/10941665.2016.1208668>
- Gama Garduño, M. G., & Favila Cisneros, H. (2018). Una aproximación a la experiencia turística

- desde la Antropología del Turismo: una mirada mutua al encuentro entre turistas y locales. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 16(1), 197–211. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.013>
- Gilbert, D. . (2004). Conceptual issues in the meaning of tourism. In S. Williams (Ed.), *Tourism: The nature and structure of tourism* (p. 59). https://books.google.pt/books?id=DP9y1uOzYecC&pg=PA45&dq=Conceptual+issues+in+the+meaning+of+tourism&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiu78yL5K3wAhWqBmMBHf_CAWIQ6AEwAHoECAEQAg#v=onepage&q&f=false
- Godinho, C. (2004). O turismo em espaço rural em Portugal, problemas e desafios para o futuro. *Revista de Turismo e Desenvolvimento*, 1(1), 91–93. [file:///C:/Users/35192/Desktop/Turismo em espaço rural em Portugal Problemas e desafios para o futuro.pdf](file:///C:/Users/35192/Desktop/Turismo%20em%20espa%C3%A7o%20rural%20em%20Portugal%20Problemas%20e%20desafios%20para%20o%20futuro.pdf) tu. *Revista de Turismo e Desenvolvimento*, 1(1), 91–93. [file:///C:/Users/35192/Desktop/Turismo em espaço rural em Portugal Problemas e desafios para o futuro.pdf](file:///C:/Users/35192/Desktop/Turismo%20em%20espa%C3%A7o%20rural%20em%20Portugal%20Problemas%20e%20desafios%20para%20o%20futuro.pdf)
- Goeldner, Charles R.; Ritchie, J.R. Brent; McIntosh, R. W. (2000). *Tourism, Principles, Practices, Philosophies* (I. John Wiley & Sons (ed.); 8ª).
- Gomes, B. S. (2021). *O Impacto do Novo Coronavírus (COVID-19) na Hotelaria através da perspectiva dos Colaboradores* [Universidade Portucalense Infante D. Henrique para]. http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/3566/1/exemplar_1702.pdf
- Gomes, T. I. C. (2017). *O perfil e as motivações turísticas: os turistas do concelho de Baião* [Dissertação de Mestrado- Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/108625>
- Haahti, Antti Haahti; Komppula, R. (2005). Experience design in tourism. In C. Buhalis, Dimitrios; Costa (Ed.), *Tourism Business Frontiers: Consumers, Products and Industry* (pp. 56–66). Elsevier Butterworth-Heinemann. <https://doi.org/10.4324/9780080455914>
- Hermann, K., Kouadio, K., & Audit, K. (2020). *Anuário sobre o Financiamento à Habitação 2020 Cabo*. file:///C:/Users/35192/Downloads/2021-Cape-Verde_5.3.2021.pdf
- Hernández Rojas, R. D., Rivera Mateos, M., & Millán Vázquez de la Torre, M. G. (2017). La integración de los productos agroalimentarios de las tiendas “ gourmet ” en la oferta turística gastronómica de la ciudad de Córdoba Integration of food products from gourmet stores in the culinary tourism offering in the city of Córdoba. *Investigaciones Turísticas*, 13, 178–203.
- Holbrook, M. B. ., & Hirschman, E. C. (1982). The Experiential Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings, and Fun. *The Journal of Consumer Research*, 9(2). <https://www.semanticscholar.org/paper/The-Experiential-Aspects-of-Consumption%3A->

- Hosany, S., & Gilbert, D. (2009). Measuring tourists' emotional experiences toward hedonic holiday destinations. *Journal of Travel Research*, 49(4), 513–526. <https://doi.org/10.1177/0047287509349267>
- INE. (2019). *Anuário Estatístico*. Instituto Nacional de Estatística. https://ine.cv/wp-content/uploads/2021/08/anuario_2019__08_10_2021_1.pdf
- INE. (2021a). *Anuário Estatístico 2019*. file:///C:/Users/35192/Downloads/2021-Cape-Verde_5.3.2021.pdf
- INE. (2021b). *V Recenseamento Geral Da População E Habitação (Rgph – 2021). Resultados Preliminares*. 22–34. <https://ine.cv/fr/publicacoes/resultados-preliminares-do-v-recenseamento-geral-da-populacao-habitacao-rgph-2021/>
- Jauhari, V. (2017). Hospitality Marketing and Consumer Behavior: Creating Memorable Experiences. In *The SAGE Handbook of Hospitality Management*. Apple Academic Press Inc. <https://pt1lib.org/book/3318890/590353?dsource=recommend>
- Jesus, D. L. N. de, Gonçalves, D. F., & Silva-Melo, M. R. da. (2018). Perspectivas das territorialidades e desenvolvimento do turismo de experiência em Mato Grosso do Sul, Brasil. *ENTRE-LUGAR*, 9,nº18. <https://doi.org/10.30612/el.v9i18.8883>
- Kastenholz, E. (2013). Turismo Rural – Perspetivas e Desafios. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 20(20), 69–79. <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/12467>
- Kastenholz, E., & Carneiro, M. J. (2013). *Capítulo 7 . Experiência turística rural vivida e cocriada pelos visitantes*. January. <https://www.researchgate.net/publication/326693705>
- Kastenholz, E., Carneiro, M. J., & Marques, C. (2012). Marketing the Rural Tourism Experience. *Strategic Marketing in Tourism Services*. <https://www.researchgate.net/publication/236971050>
- Kastenholz, E., Eusébio, C., Figueiredo, E., Carneiro, M. J., & Lima, J. (2014). Reinventar o turismo rural em Portugal: Cocriação de experiencias turísticas sustentáveis. In *Cocriação de experiencias turísticas sustentáveis* (UA Editora, Vol. 1). UA Editora. <http://hdl.handle.net/10773/11848>
- Kastenholz, E., & Figueiredo, E. (2012). *Social Dimensions of the rural tourism experience : host-guest interaction in two Portuguese villages*. https://www.researchgate.net/publication/259149819_
- Kastenholz, E., Marques, C. P., & Carneiro, M. J. (2020). Place attachment through sensory-rich, emotion-generating place experiences in rural tourism. *Journal of Destination Marketing &*

- Management*, 17(June), 100455. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100455>
- Kruger, M., & Saayman, M. (2017). An experience-based typology for natural event tourists. *International Journal of Tourism Research*, 19(5), 605–617. <https://doi.org/10.1002/jtr.2133>
- Lane, B. (2009). Rural tourism: An Overview. In M. Jamal, Tazim; Robinson (Ed.), *The SAGE handbook of tourism studies*. Sage Publications. <https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=fX3g0AIRas0C&oi=fnd&pg=PA354&dq=Lan#v=onepage&q&f=false>
- Lewis, C., Nelson, K., & Black, R. (2021). Moving Millennials out of the too hard basket: Exploring the challenges of attracting Millennial tourists to rural destinations. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 46(November 2020), 96–103. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2020.11.012>
- Lopes, A. M. L. (2020). *Produtos e serviços turísticos de experiência: caraterização da oferta na cidade do Porto*. Católica Portuguesa.
- López-Guzmán, T., Pérez Gálvez, J. C., & Muñoz-Fernández, G. A. (2018). Satisfaction, motivation, loyalty and segmentation of tourists in World Heritage cities. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 16(1), 73–86. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.005>
- Lorena, C. (2009). *Turismo em Cabo Verde um estudo exploratorio*. 101. http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/297/1/20585_ulsd_dep.17915_M_1.pdf
- Luz, P. S. (2022). Turismo. Portugueses redescobriram o mundo rural com a pandemia. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/sociedade/turismo-estudo-revela-que-portugueses-redescobriram-o-mundo-rural-com-a-pandemia--14769209.html>
- Madeira, J. P. (2015). Manifestações culturais da identidade cabo-verdeana. *Revista Cabo-Verdeana de Ciências Sociais*, 2 e 3, 233–242.
- Magalhães, F. (2021). *Os grandes desafios do Turismo no século XXI: da pré à pós-pandemia*. 11, 1–4. <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/4176/3009>
- Marques, M. S. G. (2018). *A influência do design e da criatividade na experiência turística , no contexto de empreendimentos TER* [Dissertação de Mestrado em Turismo de Interior-Instituto Politécnico de Coimbra]. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/24814>
- Martins, C. I. M. (2012). *Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável: O Papel da Arquitetura Vernacular* [Dissertação de Mestrado-Universidade da Beira Interior Engenharia]. <http://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1937>
- Marujo, N. (2016). Turismo, Turistas e Experiências: Abordagens Teóricas. *Turismo y Desarrollo Local*, 9, Nº 20. <http://hdl.handle.net/10174/20116>
- Mateiro, B. M. de J. (2018). O contributo da experiência turística para o desenvolvimento do

- turismo nos destinos rurais: uma revisão da literatura. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 16(4), 939–956. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.066>
- Menezes, Sônia de Souza Mendonça; Almeida, Maria Geralda; Deus, J. A. S. de. (2020). *Novos usos do Espaço Rural e suas Resiliências : Transformações e Ruralidades em Goiás, Minas Gerais e Sergipe*. Criação Editora. <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Novos-usos-do-Espaco-final-2.pdf>
- Mesquita, A. (2009). *Sistemas de distribuição no turismo em espaço rural (TER): a região de Trás-os-Montes* [Dissertação de Mestrado-Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10198/5035>
- Ministério das Finanças, C. V. (2019). *Desenvolvimento do Master Plan de Turismo (2020-2030) para as ilhas de Santo Antão, São Vicente e São Nicolau, cabo Verde - Master Plan Draft*. http://www.caboverde-info.com/fre/content/download/10353/99064/version/1/file/20191108-055-MPD-SA_compressed+%283%29.pdf
- Ministério do Turismo. (2018). *Grandes Opções do Plano Estratégico De Desenvolvimento Sustentável Do Turismo Em Cabo Verde (2018-2030)* (pp. 1–67). Ministério do Turismo e Transporte.
- Boletim Oficial, I (2019). <http://www.caboverde-info.com/content/download/10016/87215>
- Moreira, Fernando João; Reis, J. (2017). Os Espaços Rurais e o Turismo (2017). In J. Silva Francisco; Umbelino (Ed.), *Planeamento e Desenvolvimento Turístico, 2017* (1ª edição, p. 435). Lidel-Edições Técnicas, Lda.
- Moscardo, G. (2009). Understanding Tourist Experience through Mindfulness Theory. In *Handbook of Tourist Behavior: Theory & Practice* (Metin Koza). [https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=LmORAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA99&dq=MOSCARDO,+G.+\(2009\):+“Und](https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=LmORAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA99&dq=MOSCARDO,+G.+(2009):+“Und)
- Neto, R. R. (2020). Em tempos de Pandemia, Turismo Rural reforça posicionamento único. *Publituris*. <https://www.publituris.pt/2020/08/18/em-tempos-de-pandemia-turismo-rural-reforca-posicionamento-unico/>
- Netto, A. P. (2013). *O que é turismo* (M. Welcman (ed.); 1º reimpre). Brasiliense. <https://books.google.pt/books?id=7mgvDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>
- Novo, A. R. F. (2020). *O conceito de experiência turística no desenvolvimento turístico de Cascais* [Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril]. <http://hdl.handle.net/10400.26/32754>

- Oh, H., Fiore, A. M., & Jeoung, M. (2007). Measuring experience economy concepts: Tourism applications. *Journal of Travel Research*, 46(2), 119–132. <https://doi.org/10.1177/0047287507304039>
- OMT. (2006). *Datos esenciales del turismo*. file:///C:/Users/35192/Desktop/dado essencial do turismo 2006.pdf
- OMT. (2017). *Role of the International Recommendations for Tourism Statistics 2008* (pp. 5–13). Organização Mundial do Turismo. <https://doi.org/10.18356/05265168-en>
- Ooi, C.-S. (2005). A theory of tourism experiences: The management of attention. In P. O'Dell, T. Billing (Ed.), *Experiencescapes: Tourism, Culture, and Economy* (Experience, Issue October). https://www.researchgate.net/publication/284036434_A_theory_of_tourism_experiences_The_management_of_attention
- Patton, G. (2017). Tipos de estudo. In J. Vilelas (Ed.), *Investigação. O processo de construção do conhecimento* (2ª Edição, p. 162).
- Pazini, R., Braga, D. C., & Gândara, J. M. G. (2017). A importância do guia de turismo na experiência turística: da teoria à prática das agências de receptivo de Curitiba- PR. *Caderno Virtual de Turismo*, 17(2), 162–182. <https://doi.org/10.18472/cvt.17n2.2017.1269>
- Pereiro, X. (2018). Abordagem exploratória do turismo rural de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). *Análise Social*, 53(226), 58–87. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2018226.03>.
- Pérez, X. P. (2009). *Turismo Cultural Uma visão antropológica* (R. de T. y P. C. Asociación Canaria de Antropología. PASOS (ed.); N°2). PASOS. <http://hdl.handle.net/10348/4613>
- Pezzi, E., & Vianna, S. L. G. (2015). A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. *Revista Turismo Em Análise*, 26(1). <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i1p165-187>
- Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (1998). Welcome to the experience economy. *Harvard Business Review*, 76(4), 97–105. <https://doi.org/Article>
- Pinto, Andreia; Ferreira, Isa Pais; Borges, M. (2020). *Turismo 2020: Propostas de uma nova geração* (U. Europeia (ed.)). https://bo.europeia.pt/content/files/e-book_turismo_2020.pdf
- Popinsky, V. (2019). A integração das actividades turísticas nas estratégias familiares da Chã das Caldeiras, Ilha do Fogo (Cabo Verde). *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 17, 569–582. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.040>
- Quan, S., & Wang, N. (2004). Towards a structural model of the tourist experience: An illustration

- from food experiences in tourism. *Tourism Management*, 25(3), 297–305.
[https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(03\)00130-4](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(03)00130-4)
- Quiñónez-Bedón, M. F., Tapia-Pazmiño, J. G., & Andrade-Naranjo, D. S. (2019). El turismo de aventura: Una estrategia para la nueva ruralidad. *Polo Del Conocimiento*, 4(3), 119.
<https://doi.org/10.23857/pc.v4i3.928>
- Reis, D. G. dos; C. P. F. (2018). *O grand Tour e o aprendizado ao longo da vida de Goethe*.
http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/PSrep_o-gran-tour.pdf
- Reis, J. A. L. dos. (2021). *O Papel e Impactos das Políticas Públicas sobre a Competitividade do Destino Turístico Cabo Verde*. Instituto Universitário de Lisboa.
- Remoaldo, P. (2020). *Criatividade em turismo em período de pandemia COVID-19 - a ambição e o papel do local no global* (pp. 255–277). <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.25.13>
- Rodrigues, R. G., de Souza, M., & Klein, Â. L. (2019). Turismo rural: conceitos, tipologias e funções. *Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul*, 2.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193834>
- Rosalina, P. D., Dupre, K., & Wang, Y. (2021). Rural tourism: A systematic literature review on definitions and challenges. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 47(March), 134–149. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.03.001>
- Rosário, I. C. M. (2020). *As Políticas Públicas Para o Turismo Em Cabo Verde: Da Sustentabilidade ao Desenvolvimento*.
- Sá, J. M. A. de. (2017). *Turismo Criativo Em Portugal: Reflexão Sobre Territórios Turísticos Alternativos No Caso Do Algarve* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. <http://hdl.handle.net/10316/85574>
- Santos, dos S. A. (2008). *O Turismo Rural sob a Perspectiva do “Novo Rural”: uma análise das políticas públicas para o setor nos Estados brasileiros* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Itajaí].
<https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1327>
- Saramago, T. F. A. (2021). *Paradigma de Desenvolvimento Turístico Sustentável e Pandemia da COVID-19: Espaços rurais enquanto destinos turísticos* [Instituto Politécnico da Guarda].
<http://hdl.handle.net/10314/5275>
- Schmitt, B. (1999). Experiential Marketing. *Journal of Marketing Management*, 15(1–3), 53–67.
<https://doi.org/10.1362/026725799784870496>
- Schmitt, B. H. (1999). Experiential marketing: how to get customers to sense, feel, think, act, and relate to your company and brands. In F. Press (Ed.), *Experiential Marketing*.

http://77.37.162.71:8080/pdf/Schmitt_Experiential_marketing_1999.pdf

- Selstad, L. (2007). The Social Anthropology of the Tourist Experience. Exploring the “Middle Role.” *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 7(1), 19–33.
<https://doi.org/10.1080/15022250701256771>
- Serra, J., Lima, J., Marujo, N., & Borges, M. do R. (2021). A complementaridade de produtos e a criação de redes no sucesso da experiência turística rural no Alentejo. *Turismo Rural e Turismo Comunitário No Espaço Ibero-Americano*, 2021.
<https://doi.org/10.4000/books.cidehus.16017>
- Solha, K. T. (2019). The Rural Universe and the Offer of Rural Tourism Experience in Brazil. *Revista Rosa Dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 11(3), 615–633.
<https://doi.org/10.18226/21789061.v11i3p615>
- Sousa, V. V. de. (2020). *Created in Cabo Verde : Discursos sobre a nação na produção de suvenires “ genuinamente ” cabo -verdianos na ilha de Santiago* [Universidade de Brasília].
<https://www.academia.edu/42264193>
- Souza, C. O. de. (2020). *Perspectivas de políticas públicas de turismo rural no Brasil* [Universidade Federal de Viçosa]. <https://locus.ufv.br//handle/123456789/28681>
- Teixeira, S. R. S. (2013). *Turismo de Experiencia: Uma Proposta de Desenvolvimento Turístico Sustentável para Ovar* [Relatório de Projeto de Mestrado-Universidade de Aveiro].
<http://hdl.handle.net/10773/12394>
- Torres-Moraga, E. I., Alonso-Dos-Santos, M., Quezada Arboleda, D., & Carvajal-Trujillo, E. (2021). The role of experience and trustworthiness on perception sustainable touristic destinations. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 49(April), 471–480.
<https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.11.002>
- Tung, V. W. S., & Ritchie, J. R. B. (2011). Exploring the essence of memorable tourism experiences. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1367–1386.
<https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.03.009>
- Turner, V. (1982). *From Ritual to Theatre -The Human Seriuos of Play*. PAJ Publications.
https://monoskop.org/images/7/79/Turner_Victor_From_Ritual_to_Theatre.pdf
- UNWTO. (2019). UNWTO Tourism Definitions | Définitions du tourisme de l'OMT | Definiciones de turismo de la OMT. In *UNWTO Tourism Definitions*. World Tourism Organization (UNWTO). <https://doi.org/10.18111/9789284420858>
- Wearing, Stephen; Stevenson, Deborah; Young, T. (2010). *Tourist Cultures: Identity, Place and the Traveller*. SAGE Publication.

Weyland, F., Colacci, P., Cardoni, A., & Estavillo, C. (2021). Can rural tourism stimulate biodiversity conservation and influence farmer's management decisions? *Journal for Nature Conservation*, 64(September), 126071. <https://doi.org/10.1016/j.jnc.2021.126071>

World Bank Group. (2018). *República de Cabo Verde Ajustando o Modelo de Desenvolvimento para Revitalizar o Crescimento e Fortalecer a Inclusão Social*. 123. <http://documents1.worldbank.org/curated/pt/320521541698395488/pdf/130289-SCD-REVISED-PORTUGUESE-P159323-PUBLIC.pdf>

Apêndice I - Guião da Entrevista

A presente entrevista está inserida no âmbito da dissertação de mestrado em Marketing Turístico de Janice Pipa, com o título – Impacto do *TR* e Experiências Turísticas nas zonas rurais-Estudo de caso - ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão em Cabo Verde, da Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo do Instituto Politécnico de Bragança. As informações e dados cedidos serão confidenciais e serão utilizadas apenas utilizados apenas para fins académicos.

| Objetivo Geral do Estudo: Analisar o desenvolvimento turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão em termos de Turismo Rural e de Experiências Turísticas. | | |
|--|-----------------|---|
| Objetivos Específicos | Questões | Entrevistados |
| OE1. Analisar o desenvolvimento do Turismo Rural nas ilhas em Cabo Verde | GRUPO I | Diretor de Serviço de Turismo de Cabo Verde & Técnico de turismo |
| OE2. Analisar a oferta de Experiências Turísticas em Cabo Verde. | GRUPO II | Guias intérpretes das ilhas onde o Turismo Rural é predominante |
| OE3. Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas em Cabo Verde. | GRUPO III | Gerente dos Hotéis em Cabo Verde |

Grupo I – Turismo Rural nas Ilhas de Cabo Verde

Questões sobre Turismo Rural – GRUPO I

“Turismo rural é uma modalidade do turismo que tem, por objetivo, permitir, a todos, um contato mais direto e genuíno com a natureza, a agricultura e as tradições locais, através da hospedagem domiciliar em ambiente rural e familiar.”

“**Turismo Rural**” consiste no conjunto de atividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados mediante remuneração, em zonas rurais.”

- 1. Como se posiciona o Turismo Rural nas ilhas de ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão em Cabo Verde?*
- 2. Quais as potencialidades têm as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que favoreça o desenvolvimento do Turismo Rural?*
- 3. Que fragilidades têm as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que condicione o desenvolvimento do Turismo Rural?*
- 4. O que tem sido feito por parte dos diversos agentes locais, para o desenvolvimento do Turismo Rural as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?*
- 5. Quais são os principais desafios que o Turismo Rural enfrenta nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? Existe algum plano em ação para dar resposta aos desafios identificados?*

Grupo II - Experiências Turísticas

Questões sobre Experiência Turística

“A experiência turística está relacionada com vivências, sentimentos e sensações, sendo por isso de carácter subjetivo e pessoal. Esta ocorre quando existe uma interação entre o consumidor e o ambiente, gerando impressões memoráveis.”

- 1. As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?*
- 2. Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?*
- 3. Se não, identifique as razões (ex.: falta de recursos humanos qualificados, de recursos financeiros, de cultura da comunidade local, de atividades, outro).*
- 4. Os diversos agentes locais estão sensibilizados da importância da Experiência Turística, para o desenvolvimento do setor turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?*

Grupo III - Turismo Rural versus Experiência Turística

Questões sobre Turismo

Turismo Rural versus Experiência Turística

- 1. O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?*

2. *Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?*

3. *Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?*

4. *Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?*

Apêndices II - Transcrição da Entrevista sobre Turismo Rural

OE1. Analisar o Desenvolvimento do Turismo Rural nas Ilhas em Cabo Verde

Transcrição da entrevista feita ao Técnico da Direção Geral de Turismo de Cabo Verde

No dia 8 de abril às 15 horas e 27 minutos, realizou-se a entrevista ao técnico de Turismo de Cabo Verde, Francisco Silva, do género masculino, com a licenciatura em Turismo, especialização em Gestão de Empresas Turísticas. Exerce, no momento, o cargo de Técnico da Direção Geral de Turismo de Cabo Verde (profissão que exerce há já 22 anos, “totalizando o tempo de entrada e saída dos governos”).

1. Como posiciona o Turismo Rural nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão em Cabo Verde?

Só para fazer um enquadramento: O TR em Cabo Verde foi introduzido enquanto segmento de produto turístico cabo-verdiano com o objetivo de diversificar as ofertas turísticas e também chegar o desenvolvimento turístico mais perto das populações e dos sítios turísticos.

Neste momento, as ilhas que têm maior vocação turística para o segmento do TR são as ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo. Em Santo Antão, foi implementado um projeto piloto “Turismo de Aldeia”, cuja estratégia é uma família, um turista, com o intuito de criar condições em que as pessoas, através do financiamento do Governo, em parceria com a Câmara Municipal, possam fazer a manutenção das suas habitações, permitindo criar espaço para oferecer alojamento e alimentação aos turistas que visitam e querem entrar em contato com a natureza, a cultura e a vivência da população local.

Um dos propósitos do projeto implementado é o de levar as pessoas a “voltar para a origem”, porque com o desenvolvimento turístico sobre o produto sol e praia, muitas pessoas, sobretudo da ilha de Santiago e Santo Antão, saíram das suas ilhas e foram trabalhar para o Sal e Boa Vista; e com o projeto em andamento, criaram-se novas oportunidades e novas janelas para que essas pessoas, as que voltaram e as que pretendem voltar para as suas ilhas, com as Experiências Turísticas que adquiriram nas ilhas de Sal e Boa Vista, possam desenvolver os seus projetos nas suas localidades de modo a contribuírem para o desenvolvimento do turismo. Nesta perspetiva, nós não temos dúvida de que este projeto do desenvolvimento do TR tem grande efeito sobretudo na luta contra o êxodo que se estava a verificar.

Cabo Verde a nível do turismo, posiciona-se em três principais vertentes: Cultural, agroturismo (os turistas participam nas atividades turísticas diária) e gastronomia (acaba por ser incluída dentro da vertente cultural). A vertente turismo de natureza, onde os turistas visitam paisagens, fazem o trekking.

Por outro lado, pode-se perceber que estamos um pouco atrasados se comparados ao TR praticado em países como Portugal, França, Espanha, mas estamos perante um processo. Por

exemplo, neste momento, estamos a trabalhar a conta satélite do turismo que é precisamente o que irá retratar os impactos e também fornecer os dados estatísticos de todo esse processo de desenvolvimento do TR. Grosso modo ainda são as receitas turísticas e as dormidas e o número de empreendimentos que nós temos. Mas o que nós podemos fornecer neste momento são dados estatísticos que, eventualmente, irão abstrair as informações precisas. Mas relativamente as estatísticas detalhadas, neste momento, há uma certa deficiência em fornecê-las, devido à fase inicial em que nos encontramos.

2. Quais as potencialidades têm as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que favoreça o desenvolvimento do Turismo Rural?

Santo Antão tem particularidades em termos da agricultura e também potencialidades culturais, por isso, o turismo praticado situa-se mais na vertente do agroturismo e também cultural, sem esquecer também a vertente gastronómica. Cabo Verde tem uma forte componente em termos da diversidade a nível da gastronomia.

Em Santo Antão e Santiago há mais similitudes em termos de atividades a participar, porque são as duas ilhas com maior vocação agrícola (regadio e sequeiro), daí que a nível do agroturismo a participação dos turistas é mais evidenciada do que na ilha do Fogo. No Fogo, também temos a parte da vinicultura, onde os turistas fazem visitas, degustação, participam no processo da plantação das uvas e da produção do vinho.

A diferença que existe entre o TR praticado nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão pouco ou nada se diferenciam um do outro. Na ilha do Fogo a parte agrícola conta com menos participação dos turistas; o TR segue mais a parte do contato com a natureza, fazer o trekking e a parte cultural, devido às condições climáticas da ilha que é um pouco mais árida do que as outras ilhas em questão.

3. Que fragilidades têm as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão, que condicione o desenvolvimento do Turismo Rural?

Os constrangimentos que temos a nível do desenvolvimento do TR prendem-se com a criação de acessibilidades, a revitalização dos caminhos vicinais, a formação e sensibilização da população local para a importância do desenvolvimento do turismo no espaço rural. Tendo em conta a nossa fragilidade em termo climatéricos, no que concerne à pluviosidade, então é preciso criar outro mecanismo de financiar ou de desenvolver a economia para criar condições a essas populações. Então, as nossas fragilidades são acessibilidade, a formação, a consciencialização da população para a valorização do turismo e criar todo o mecanismo de financiamento dessas economias para o desenvolvimento do TR.

4. Acredita que a população está consciente do que é o Turismo Rural e da sua potencialidade/ contribuição para as zonas Santo Antão, Fogo e Santiago?

A parte da consciencialização da população local é um aspeto que ainda precisa ser trabalhado, embora, nesta altura, comparando com alguns anos atrás, há já uma consciência de que nós

temos de preservar o ambiente para produzir e nos sustentar sem pôr em causa as gerações vindouras. Mas, neste sentido, há todo um trabalho a ser feito, por exemplo a consciencialização e formação da população que em vez de estragar o ambiente para o sustento, vão preservá-lo e criar projetos ligados ao turismo. Como exemplo, temos a apanha de areia pelas senhoras que neste momento foi substituído com outra atividade geradora de rendimento, isso acaba por criar consciência nas pessoas para preservar o ambiente e enveredar para o turismo.

5. O que tem sido feito por parte dos diversos agentes locais, para o desenvolvimento do Turismo Rural as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?

A visão da criação da lei para a área do TR advém da necessidade de diversificação das ofertas turísticas considerando que a oferta que nós já consideramos consolidada (sol e mar) nas ilhas de Boa Vista e Sal não abrangem a todas as ilhas de forma igual. O Governo entendeu diversificar as ofertas turísticas baseando-se nas potencialidades de cada ilha e as ilhas que apresentam maior potencialidade para o desenvolvimento do TR são as ilhas mencionadas, devido a sua configuração e a sua dimensão, em que a parte rural é maior do que as outras ilhas além de que há todo um histórico, em termo arquitetónico, cultural e de vivência no espaço rural. Até porque associado a isso, de forma a valorizar, estamos neste momento a tentar introduzir um conceito que também em Portugal já se faz sentir que é o “Revive”, que tem como objetivo revitalizar os monumentos e alguns edifícios históricos não só a nível do agrícola, mas também a nível militar e outros, para fomentarmos o TR.

Outro aspeto ainda é que nós vamos fazer o inventário das aldeias rurais com potencialidade para enquadrá-las dentro do TR, por forma a termos vários circuitos com o mesmo intuito de fomentar o TR.

6. Quais são os principais desafios que o Turismo Rural enfrenta nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão? Existe algum plano em ação para dar resposta aos desafios identificados?

O maior desafio que enfrentamos no momento é o financiamento de desenvolvimento do turismo no espaço rural, porque, como se sabe, requer um avolumar de investimento, sobretudo na criação de acessibilidade, na identificação dos pontos turísticos, consciencialização e formação da população; a criação do quadro legal que estamos a efetuar e a criação de produtos; apesar de termos produtos brutos é preciso qualificá-los para podermos vender e inserir dentro da cadeia de produção ou cadeia de valores do turismo.

As medidas que o Governo está a tomar prendem-se sobretudo a criação do quadro legal para poder qualificar, inventariar os possíveis sítios de desenvolvimento desses produtos e depois a socialização, mobilização de recursos e criação de parcerias, tanto nacionais como internacionais para a materialização desses projetos.

Há um conjunto de projetos “revive”, a criação e identificação das aldeias, o fomento da agricultura e dos focos culturais de cada ilha e concelho, criação das políticas dos DMO’s, por

exemplo, a organização e gestão dos destinos turísticos que se enquadram dentro da visão que o Governo tem relativamente ao desenvolvimento do turismo no espaço rural.

Mas há todo um trabalho a ser feito para que haja um melhor e maior posicionamento do TR em Cabo Verde, sobretudo nestas ilhas.

Planos: Neste momento estamos a trabalhar um quadro legal para o Turismo no Espaço Rural e todos os componentes da socialização da participação dos turistas vai ser introduzido: a visita, a degustação, entre outros, principalmente na ilha do Fogo, onde essa componente é menos visível, se comparado a Santo Antão onde há uma expressão maior em termos de atividade agrícola e da participação dos turistas.

7. De que forma o país pretende projetar o Turismo Rural de modo a garantir que este venha a ser sustentável?

A sustentabilidade é o pilar central para o desenvolvimento do turismo, sobretudo quando estamos a falar do turismo no espaço rural, cujo espaço de realização das atividades é muito frágil, portanto neste quesito o Governo tem estado a fazer, apesar da transversalidade, é delimitar os espaços de reservas naturais e delimitar os espaços de conservação das áreas protegidas e ter pronto uma outra forma de desenvolver o turismo, sobretudo na delimitação de número de quartos, por exemplo, não é permitido a construção de grandes hotéis que permitam grandes amontoados. São políticas voltadas para as famílias e para empreendimentos hoteleiros até 10 a 15 quartos por exemplo, mas com muita exceção. Dentro destas divisões, nós criamos zonas de desenvolvimento turístico integrado, zonas de preservação ambiental, zonas de reserva natural que é precisamente para garantir a sustentabilidade. Mas a sustentabilidade não é vista somente a nível ambiental, é vista também em termos sociais, para isso criou-se linhas de financiamento para financiar as famílias que eventualmente queiram enveredar por esta via de subsídio à economia, mas que não têm capacidades financeiras para tal. Então o Governo criou uma linha de financiamento através de fundo de desenvolvimento de sustentabilidade turística, para apoiar estas famílias que queiram enveredar por esta via. Há formação que é dada, por exemplo, à população local em termos de preservação do ambiente, em termo de gestão turística e em termos de procedimento. E para estes espaços de reservas naturais e preservação ambientais são criados, juntamente com a Direção Nacional do Ambiente, um plano de gestão e preservação ambiental. Tudo isto está dentro do projeto turismo sustentável que nós estamos a criar para que haja o desenvolvimento de um turismo sustentável, isto quer dizer que as potencialidades que temos agora sejam utilizados para produzir riquezas, mas que não ponham em causa a sustentabilidade da geração vindoura. É dentro desta perspetiva que se está a desenvolver o turismo e o TR, tendo em conta as fragilidades, mas também as potencialidades dos espaços.

Grupo II – Transcrição das Entrevistas sobre Experiência Turística

OE2. Analisar a oferta de Experiências Turísticas em Cabo Verde.

Transcrição da Entrevista aos Guia Intérpretes da Ilha de Santiago

No dia 20 de abril às 13 horas e 46 minutos realizou-se a entrevista ao Guia Interpretado da ilha de Santiago, Fredilson Cardoso, do género masculino, com a licenciatura em língua inglesa, pela Universidade de Cabo Verde (UNICV). Exerce o cargo de Guia Interpretado em Cabo Verde há 17 anos e atualmente representante da Confederação das Organizações Patronais da Indústria do Turismo (COPITOUR) da CEDEAO. Entrevista Feita via zoom.

“A experiência turística está relacionada com vivências, sentimentos e sensações, sendo por isso de carácter subjetivo e pessoal. Esta ocorre quando existe uma interação entre o consumidor e o ambiente, gerando impressões memoráveis.”

1. As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?

Sim é possível a prática de Experiências Turísticas nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão. Mas falando especificamente da ilha de Santiago onde nasci, cresci e ainda vivo e também onde trabalho enquanto guia intérprete praticamente todos os dias há a prática do turismo de experiência. Essas experiências podem ser espontâneas ou programadas.

2. Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?

Por exemplo temos a Cidade Velha, um dos nove concelhos de Santiago que nos oferece boa possibilidade de experiência, relacionando história, arqueologia e antropologia, as pessoas estão sempre à volta dos monumentos ali existentes, ou seja, aqueles monumentos não são monumentos mortos a nível de vivência local, então ao visitar os monumentos acaba-se por fazer a interação e experiência com os moradores. No vale da Ribeira da Cidade Velha passa pelos agricultores, o que pode proporcionar experiências que podem ser espontâneas ou programadas, ou seja, agendada com um agricultor da zona ou com uma cooperativa ou uma organização ou associação existente na localidade, seja a nível de atividade de comércio, atividade de conservação do ambiente, como por exemplo o caso da associação Caretta-Caretta na localidade de Pedra Badejo, Santa Cruz, onde proporcionamos aos turistas atividade de conservação ambiental, onde podem acampar connosco ou podem contribuir um pouco fazendo parte das nossas atividades de vigilância noturna nas praias de mar à noite, onde interagem com os voluntários e também com as tartarugas, e passam pela experiência de se equiparem com a lâmpada frontal, estar à noite ao relento a tomar o frio, passar a noite, perder o sono, andar vários

quilómetros, tudo quanto inclui esta experiência. A ilha de Santiago tem 9 municípios, divididas entre centros urbanos e zonas rurais, nos centros urbanos as experiências variam de natureza, nos centros rurais, o nosso foco, existem possibilidades para todos os municípios uma vez que todos têm ribeiras, vales e montanhas, onde também existem aldeias, ou seja, sociedade, populações que desenvolvem suas atividades do quotidiano baseadas em agricultura, criação de animais e pesca em algum vilarejo e costa. Nos meios rurais da ilha de Santiago temos muitos vales de produção e transformação agrícola e pecuária, onde sempre é possível fazer ponte entre visitantes e população no sentido de nos oferecer refeição ou um almoço local, intercalando com algum trabalho artesanal feito na localidade, como é o caso de Trás-os-Montes de Tarrafal de Santiago, aldeia dos “Rabelados” em São Lourenço dos Órgãos, Fonte Lima ou qualquer uma das aldeias que se encontram distribuídas por todas as montanhas da Ilha de Santiago, estas têm enorme potenciais para o desenvolvimento de experiências, temos também o caso da Ribeira dos Picos, Ribeira Riba, Tambrera, Cova de Barro, entre outros, ficam dentro da maior celeiro de agricultura, maior produção agrícola de coqueiros, bananeira, possuem potenciais enormes, onde os turistas podem alojar nas casas, almoçar, conviver e ainda participar nas lidas do dia-a-dia da população, como a irrigação de bananeira, coqueiros, e fazer toda a atividade de carregar cargas para animais ou então participar nas festas de romaria, batizados, casamentos, ou então festas locais de um santo (Nhô Santiago ou São Miguel), coisas que podem acontecer de um modo espontâneo ou combinado previamente na preparação dos festejos, que vai desde matar animais, caso o turista assim o quiser, ou a preparar a massa ou “totoco” (prato feito de farinha de milho), fazer lenha, descascar legumes, etc., participar no batuque que é feito antes do dia da festa de casamento.

As experiências são variadas, por isso digo sim há potenciais enormes para a prática de experiência turística nas ilhas de Santiago, principalmente nas zonas rurais, é só uma questão de saber trabalhá-las e fazer um **catálogo** de forma a saber o que vender, como vender e a quem vender estas experiências porque é necessário haver uma preparação das comunidades para que possam saber a forma de se relacionar, o limite das coisas, com aqueles que visitam e possam tirar o maior proveito do que têm a oferecer e daqueles que visitam no sentido de os fazer consumir as nossas culturas, os nossos artesanatos, as atividades quotidianas, por via de interesse, ou seja, quanto mais aberta a interação com os turistas, mais convidarem o turista para o seu meio, sua casa, no ambiente familiar e social, acabamos por maximizar a oportunidade do consumo da cultura através de experiências e turistas estão disposto a pagar ainda que seja uma quantia mais elevada para ter um turismo cheio de vida, cheio de experiência, que passa pela degustação, audição: músicas ao vivo, ou produção de algum instrumento junto com o artesão ou então o olfato, sentir o cheiro de ervas aromáticas, ervas medicinais e o cultivo das mesmas junto com as senhoras que o fazem ou degustação de pratos típicos, como a moreia frita, o doce de papaia, coco, linguiça de terra, cachupa, entre outros.

Muitas dessas experiências aplicam também a ilha do Fogo que é uma ilha particular, cuja característica é no seu todo ex-libris, um caso excepcional, por si só é a única ilha de Cabo Verde

com um vulcão ativo que entrou em erupção em 2006 e mais tarde em 2014, então tem nuance e todo um ambiente particular e toda a ilha e a população vive à volta e em torno da presença do vulcão. Consequentemente toda a sua produção agrícola e agropecuária é muito influenciada pela presença do vulcão e todo o habitat característico da areia vulcânica, de minerais de gases tóxico vulcânica que permite produzir produtos especiais de Cabo Verde como café, uva para fazer vinho e outros frutos particulares como o figo, a romã, Pêssego e congo verde e produção de queijo, por isso, podemos dizer que a ilha de Fogo em termos de experiência oferece possibilidades ainda maiores. Por exemplo temos a famosa aldeia de Chã Das Caldeiras, uma aldeia que vive dentro da cratera maior de 9km de diâmetros a 1700 metros a nível do mar e à frente do imponente Vulcão com mais 2800km. No Chã das Caldeiras é possível os visitantes alojarem com as famílias, o que também é possível em Santo Antão, a ilha que melhor se encontra posicionada a nível do TR, seja a nível de alojamentos familiares, sinalização de trilhas e também a nível de preparação e da compreensão da sociedade civil e sociedade empresarial à volta desse paradigma do TR, a seguir ao Santo Antão vem a ilha do Fogo que já há essa compreensão também e tudo é feito à volta do Vulcão e do queijo. Nessas três ilhas existem várias aldeias, mas em Santo Antão existe até uma rota, uma rede de aldeias que permitem visitar porque já estão trabalhadas e preparadas, na ilha do Fogo já há um trabalho bastante avançado, mas esta ilha destaca-se mais pelas experiências da degustação e pela observação da natureza dada a beleza cénica das suas paisagens, o aspeto de Chã das Caldeiras, as paisagens das larvas petrificadas e o próprio vulcão por si só são grandes atrações turísticas, onde a comunidade residente beneficia-se diretamente dos visitantes quando passam por lá.

Quando os turistas vão visitar a ilha do Fogo ao se aperceberem do modo de viver da comunidade ali existente e das suas formas de viver e de transformar os produtos e fornecer ao mercado, cria nestes turistas mais expectativas e curiosidades, o que faz com que ao optarem por visitar a ilha vão já mentalizados e preparados para viverem certas experiências, como por exemplo a degustação do vinho produzido na larva pela comunidade com técnicas ancestrais, as uvas são plantadas na terra, como qualquer outra planta e não em estruturas de madeira como as feitas na Europa, estando sujeitas ao vento às poeiras e ao sol, daí o gosto ser diferenciado e particular gosto a rocha e a vulcânica, transformação de frutas em compotas, como por exemplo a romã, pêssego, Goiaba e o famoso café. Os turistas quando visitam a localidade de Chã das caldeiras podem participar de todas essas experiências, que são feitas na sua maioria de forma espontânea quando os turistas durante as suas caminhadas passam pelo campo, neste caso o guia intérprete é responsável para fazer a ponte entre a comunidade e o turista que por um breve instante participa das atividades e depois continuam a caminhada. É possível sim nas três ilhas a prática do TR e de experiências, principalmente na ilha de Santo Antão, a ilha do Fogo e a ilha de Santiago começam a crescer organizações, ou a própria comunidade que se organizam e estão treinados para receberem grupos, mediante reservas preparam-se para receber os visitantes, que vão em uma visita guiada vivenciar as experiências oferecidas com a ajuda de um guia intérprete, seja ele local ou nacional, por exemplo no Fogo acompanham todo o processo da produção do vinho, queijo, em Santo Antão o grogue, o queijo,

artesanato e nas atividades do dia a dia das famílias (preparo das refeições, cuidado dos animais, apanha da lenha, lidas do campo) em Santiago a experiência é muito à volta das lidas do campo, agricultura, irrigação, cuidar dos animais, a apanha da lenha, por exemplo no Trás-os-Montes, localidade do concelho de Tarrafal, têm oferecido uma outra experiência ligada ao artesanato, produção de peças de barros, que hoje é usado como fonte de rendimento, a produção do grogue, em São Lourenço dos órgãos por exemplo podemos visitar a comunidade dos “Rabelados”, onde o turista pode ir, dormir vivenciar o dia a dia da comunidade, como por exemplo passar a noite à luz da vela, aprender a fazer esteiras, a pintar, ir à pesca, jantar típico etc..

Algumas comunidades em específico, de acordo com cada município pode ter algo bastante local para oferece, por exemplo São Jorge nos órgãos que é muito procurado pela sua atração natural, o ambiente microclima, uma zona botânica com muitas plantas, mas em termos de experiência mesmo de vida ainda não se encontra desenvolvida nas regiões e montanhas da ilha de Santiago, apesar de existirem precisam ser trabalhadas e transformadas em produtos turísticos, é possível ter acesso a elas de forma espontânea do que forma planeada. Mas os municípios estão a despertar a sua atenção para esta vertente e iniciativas estão a ser tomadas, por exemplo no concelho de Santa Cruz é a questão do ecossistema, conservação do ambiente que tem sido mais destacada, mas também é sempre possível se envolver na experiência do Agroturismo.

Ainda por exemplo em Santa Cruz nós oferecemos a experiência da observação dos pássaros, ainda somos só dois guias intérpretes a oferecer esse serviço diferenciado, como é necessário passar pelas comunidades para o poder fazer nós fazemos a ponte entre a comunidade e os turistas, onde levamos os turistas a entrarem nas comunidades, a consumirem o mínimo, um almoço, artesanato, alojar se possível, de modo a contribuir para a comunidade, a principal zona onde se pode ver os pássaros é a zona de Achada Igreja, isso em Santa Cruz, tendo em conta as barragens de Poilão e Figueira Gorda, por serem zonas húmidas que atraem muitos pássaros e em acréscimo zonas botânicas, o deserto de Moa-Moia, São Jorge, Serra Malagueta, isso dependendo da espécie que o turista queira ver, espécies endémicas.

Mas falando de Santiago em específico, a Ilha onde nasci, vivo e também onde exerço a minha profissão de modo permanente, a ilha possui 9 concelhos que nos permite não só a prática do TR como a oferta de experiência, contudo, elas não se diferenciam muito nas ofertas, com a exceção da Praia, a capital, no entanto os outros concelhos todos têm ambiente rurais, ribeira e vales picos todos cultivados com bananas, coco, cana, mandioca, ou seja, de um modo geral todos oferecem a mesma coisa, no entanto elas se diferenciam entre si a nível das atividades que são organizadas pelos municípios. Não tenho acesso a um catálogo onde estão detalhadas todas as ofertas organizadas e trabalhadas para vender, mas tenho uma noção das mesmas através das visitas feitas e da observação do mercado e postagens feitas nas redes sociais dos meus colegas. Por exemplo, temos os Trás-os-Montes, no Tarrafal, os Rabelados, em calheta de São Miguel e Fonte Lima onde existem senhoras que fazem visitas guiadas aos turistas, no ecocentro em São Domingos, e toda a aldeia de São Jorge, são locais onde sempre é possível

a oferta de experiências, sejam elas programadas ou espontâneas ou autênticas, onde sempre é possível passar pelas pessoas que estão a fazer as suas lidas do dia-a-dia do campo, e assim o visitante pode participar de forma direta, caso o queira fazer, e desta forma há uma interação, uma troca de conhecimento. No que tange a Santa Cruz o seu turismo é mais focado no ecossistema, conservação de tartaruga e observação de aves, mas também temos a parte da Ribeira dos Picos que é bastante forte no sentido de oferecer possibilidades da experiência a nível do agroturismo e também na Aldeia de Porto Madeira que foi introduzido na rede dos Rabelados pela Artista Misá (Maria Isabel Kouassi) no início do ano 2000, mas este acabou por deixar de existir. Mas temos também no concelho da Cidade Velha uma associação chamada de “Sulada”, onde as senhoras fazem transformação de produtos naturais, como por exemplo fazem sabão de aloé vera, shampoo, doces. Aos poucos vai se descobrindo de forma particular novos projetos e iniciativas que vão se levantando por todos os lados. Na ilha do Fogo temos o projeto Vitó, conservação de ambiente, espécies, as cooperativas Adega Chã, Sodadi e Maria Chaves oferecem visitas guiadas para fazer a degustação de vinho e o processo de produção de vinho.

Temos, neste caso na ilha de Santiago, por exemplo as barragens que atualmente estão a oferecer novos nichos de atividades experiências turísticas, eventos religiosos e culturais, como por exemplo festivais de milho, observação de natureza, *birdwatch* e de outras potenciais atividades que podem ser desenvolvidas de forma náutica, como por exemplo os passeios de catamarã, caiaque, daí a necessidade da preparação intelectual, académica, entre outros para que possam ver as potencialidades das zonas.

3. Se não, identifique as razões (ex.: falta de recursos humanos qualificados, de recursos financeiros, de cultura da comunidade local, de atividades, outro).

4. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

Quanto às dificuldades que encontramos para oferecer experiências aos turistas pode se apontar a falta de preparação e de treinamento das comunidades para receber esses turistas. As comunidades por si só têm potencialidades enormes no seu dia-a-dia, nos seus afazeres para oferecer experiências a quem visita, muitas das coisas que fazem são excelentes para se vender como Experiências Turísticas, mas pela falta de percepção acerca desta potencialidade não conseguem nem maginar que pode se tratar de um produto turístico e quanto mais trabalhar nesta vertente de fazer catalogação, inventariado, promoção de marketing de modo a tentar transformar o que têm num produto e torna-lo viável e ter turistas diariamente nas suas aldeias. A questão intelectual e a infraestrutura, como a existência de museus, ou algo que seja interpretativo são as maiores dificuldades no momento. Ter a comunidade com um alto nível de compreensão da potencialidade turística e ter o preparo de infraestrutura da comunidade no sentido de ter acessibilidade, ou seja acessos fáceis e simples para chegar a uma ladeira ou à

casa das pessoas, como por exemplo em Achada Igreja dos Picos, onde se faz o pano de terra, ou infraestruturas como a casa de banho nas casas das famílias ou em centros comunitários onde as visitas são recebidas, eletricidade para que se possa ter algo fresco a oferecer, como o os sumos típicos frescos, ou outros, equipamentos de sons, deve também ser uma iniciativa dos moradores e não só dos operadores turísticos para o fazerem porque caso contrário é muito difícil, uma vez que na sua maior parte são os operadores que têm que criar tudo isso, tem sido um papel trocado, quem devia estar a fazer isso são as entidades turísticas responsáveis, o estado de Cabo Verde, através do ministério, das comunidade, moradores e as organizações, instituições existentes em cada comunidade. Devem ser identificadas as localidades com potencialidades turísticas e serem trabalhadas nesse sentido. Por exemplo o concelho de Santa Cruz tem comunidades com excelentes potencialidades turísticas, por exemplo a Achada Igreja, Poilãozinho e Tambrera Djeu, são comunidades maravilhosas, bem organizadas e com todos os potenciais, mas até ainda não se entende porque é que não foi feito nada para alavancar a sua potencialidade.

Temos a barreira da linguagem, nessas comunidades as pessoas não falam nem o inglês, francês ou outra língua estrangeira e isso dificulta muito a convivência dos turistas com a comunidade. Mas acredito que, ainda que não compreendam as línguas estrangeiras, pelo menos que estejam preparadas e aceitem que as suas aldeias sejam preparadas neste sentido, como por exemplo, o embelezamento das casas, a preocupação com a higiene das suas localidades, aceitar receber e proteger os turistas, uma vez que traz sempre benefícios para a sociedade. É essencial que a camada mais jovem esteja preparada para entender e poder falar com os turistas ou até mesmo abrirem os seus próprios negócios virados para essas áreas.

5. Os diversos agentes locais estão sensibilizados da importância da Experiência Turística, para o desenvolvimento do setor turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?

Os agentes locais não estão ainda bem sensibilizados para a importância que a experiência turística tem para as suas comunidades, podiam estar a tirar mais proveito o que têm a oferecer, por exemplo temos comunidades com dois a três artesões que caso se juntassem poderiam estar a aproveitar ainda mais e fazer as suas peças e junto venderem e a não o fazerem de forma individualizada como se tem estado a fazer. Há muitas iniciativas por parte do ministério da cultura através do banco de cultura, das bolsas de cultura, selo de produto de artesanato de qualidades, mas não é tao fácil para que o mercado turístico tenha acesso, não há uma lista disponível para que os operadores económicos e turísticos encontrem para que saibam quais aldeias e os serviços que cada uma oferece. Muito do que se tem a oferecer é feita de forma individual e espontânea e as vezes ao calhar, ou seja é se encontrases um guia ou uma agência que saiba de algo para o oferecer, não há nada disponível ao público ou de forma generalizada.

Falta também a educação académica, cívica e também política, os próprios políticos precisam aprender a ver potencialidades nessas comunidades e ver o que é possível fazer para transformar as suas vivências em um potencial e atrativo turístico de modo a gerar rendimento para as comunidades e para toda a região.

2. Transcrição - Guia Intérprete - Cidade Velha

No dia 21 de maio de 2022 às 11 horas e 18 minutos realizou-se a entrevista ao Guia Interpretar da ilha de Santiago, Francisco Lopes Moreira, do género masculino, 2º ano de licenciatura em Gestão do Património Cultural pela Universidade de Cabo Verde (UNICV), formado em Guia turístico e Conservação de monumento e sítios históricos e arqueológicos. Exerce o cargo de Guia Interpretar em Cabo Verde há 20 anos, Técnico do Instituto do Património Cultural, IPC.

1. *As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?*

A minha resposta é sim para todas as três ilhas. Elas possuem potenciais enormes no que diz respeito tanto ao TR como à prática de Experiências Turísticas. Seja a nível cultural

2. *Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?*

Dentro da ilha de Santiago, vou falar do caso específico da Cidade Velha, primeiro por ser uma cidade com um potencial ao quadrado em termos de ofertas turísticas. Para começar, trata-se do Património da Humanidade, isso influencia muito a nível do Turismo Cultural, tem um Vale que serviu como uma espécie de laboratório das espécies de plantas, animais e adaptação dos homens e ainda trata-se de um vale agrícola, esse vale é património natural, classificado pela Unesco, o que influencia muito a nível do turismo ecológico, para além disso também a nível do turismo de aventura porque os turistas e visitantes quando vão ali fazem todo o percurso e depois regressam para o centro. Em relação a Ribeira Grande de Santiago há várias experiências que podem fazer em termos do TR, por exemplo temos a praia do mar, onde existem vários artefactos no fundo que podem ser conservados para visitas guiadas no mar, como por exemplo âncoras, peças cerâmicas, entre outras coisas deixadas pelos navios que aqui naufragaram. Temos o Porto Mosquito onde se pode fazer a pesca desportiva assim como na Cidade Velha, o Pico Leão onde se pode fazer o TR, caso se invista nisso, os turistas podem conviver com os moradores, fazer parte do dia-a-dia deles, como por exemplo a ordenha das cabras, entre outros, trata-se de um potencial turístico. Portanto aqui na sua maioria faz-se o turismo de excursão, por exemplo os turistas de aventura vêm e vão logo almoçar, mas na sua maioria são turistas de excursão que vêm passam cerca de 8 horas e depois vão-se embora, alguns que comprem alguma coisa.

3. *Se não, identifique as razões (ex.: falta de recursos humanos qualificados, de recursos financeiros, de cultura da comunidade local, de atividades, outro).*

4. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

O principal desenvolvimento de qualquer país passa pela acessibilidade, se não tivermos acesso nada pode ser feito, e aqui na Cidade Velha temos muitos problemas com a acessibilidade das zonas turísticas, por exemplo temos o Forte de Santo António, Forte São Veríssimo, Forte de São Lourenço que não há acesso, alguns precisam ser restauradas ou requalificadas, há projetos nesse sentido.

Outra dificuldade que temos é o fato de muitos guias intérpretes não conhecerem bem a história dos lugares a serem visitados e muitas das vezes acabam por inventar histórias que nem sequer são verídicas e isso acaba por influenciar pela negativa o conhecimento dos turistas sobre a nossa história e da nossa cultura. Por exemplo, temos o caso do Pelourinho onde as pessoas acreditam que os escravos eram amarados e açoitados ali e isso não corresponde a verdade.

A falta de recursos humanos qualificados, falta de recursos financeiros, entre outros.

5. Os diversos agentes locais estão sensibilizados da importância da Experiência Turística, para o desenvolvimento do setor turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?

Olha já se nota um pouco dessa consciencialização, por exemplo as câmaras e os responsáveis por esta área já começaram a dar formações na área do artesanato para que se possa tirar proveito do nosso património, mas com a pandemia as coisas se complicaram muito. Mas falta a iniciativa e mais ambição por parte da população.

Há uma necessidade de se ter em atenção a uma certa perda da nossa identidade enquanto zonas rurais, uma vez que com a tentativa da modernização, a construção de novas casas, muito se está a perder ou a deixar-se para trás aquilo que nos identifica como rurais e que desperta a atenção dos turistas, como por exemplo as nossas casas rústicas, os traços arquitetónicos que estão a dar lugar a altos prédios. É preciso que quem de direito tenha mais atenção de modo a impedir esta perda, e pensar em vez de construir novas casas ampliar as rústicas existentes uma vez que as famílias crescem, mas há que se tomar novas medidas, como por exemplo criar uma zona de expansão e há necessidade da consciencialização por parte dos moradores em preservar esses traços.

No momento a cidade está a investir no projeto “cada casa um Turista” lançado pelo governo, dado que o turista quer conviver connosco, conhecer a nossa cultura, e estou a aproveitar a oferta para avançar enquanto projeto piloto de modo a incentivar outras famílias a fazerem o mesmo.

Aqui na cidade, é o lugar, na ilha de Santiago que há maior local de hospedagem de turista, **Hotel Límera, Hotel SanVil, Baia Coral, Pôr do Sol e Hotel Vulcão** para além das pequenas casas que recebem turistas.

As pessoas estão sensibilizadas para a importância do turismo e das ofertas de experiência para o nosso concelho, mas é necessária uma sensibilização constante mediante as mudanças que vão acontecendo neste setor.

3. Transcrição da Entrevista ao Guia Intérprete da Ilha de Fogo

No dia 9 de junho às 16.30 horas e 30 minutos realizou-se a entrevista ao Guia Interpretar da ilha de Fogo, João Pedro Pina Silva, formação em guia turístico, guia turístico há 22 anos, presidente da Associação dos Guias turísticos de Chã das Caldeiras, ilha do Fogo desde 2017. Entrevista realizada via zoom.

1. *As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?*

A ilha do Fogo a nível de ofertas turísticas é bastante interessante, principalmente a nível cultural e geológico. Então neste caso, respondendo à tua pergunta sim, a ilha do Fogo tem um grande potencial para diferentes tipos de experiências.

2. *Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?*

A nível de experiências turística Fogo é mais conhecido por uma ilha de caminhada, mas sabendo que foi a segunda ilha a ser povoada em Cabo Verde, a nível histórico, do seu valor geológico, a nível botânico, a nível de biodiversidade, tem muitos recursos que são únicos em todo o país, e que chamam a atenção de todos quantos visitam a ilha. Até o momento o que mais os turistas têm procurado nas suas visitas à ilha é a parte geológica que é a visita ao pico do Fogo, o vulcão é a maior atração a nível nacional, muitos turistas quando vêm visitar o país vêm à procura de ver um vulcão que é bastante ativo, entrou em erupção recentemente e muitas pessoas são apaixonadas por vulcões.

A nível de oferta cada concelho apresenta diferentes tipos de oferta, São Felipe enquanto cidade, oferece a descoberta das raízes colonial deixadas pelos portugueses, como por exemplo os sobrados, cidade bem colorida. O Concelho de Mosteiro é conhecido como a zona do café, e por estar mais a noroeste da ilha é a zona mais verde, é também onde reside a maior floresta de Cabo Verde, Monte Velha que fica a quatro quilómetros de Portela em Chã das Caldeiras, e como o concelho de São Felipe é muito árido, Chã das Caldeiras, zona vulcânica, que fica no município de Mosteiro, a zona mais verde da ilha, um pouco mais lunar, o que faz com que aqueles que viajam pelos municípios (de São Felipe para Mosteiro e para Santa Catarina) da ilha se sintam como se estivessem a visitar três ilhas ou três países diferentes, são três paisagens completamente diferentes, tudo concentrado numa ilha muito pequena. Mosteiro chama mais atenção pelo seu café, considerado um dos melhores cafés do mundo (trata-se de um café produzido biologicamente, foi reconhecido em 2007 como um produto de excelência pela empresa “Coffe Solution”, credenciada a nível internacional nesta matéria), quem visita pode presenciar a sua preparação e a torrefação e é também uma zona bastante agrícola, onde se

encontram manga, papaia, banana, uvas, goiaba e diversos outros produtos agrícolas. E a capital do Mosteiro por também ser uma zona litoral é possível a prática da pesca que é bastante importante para a economia do conselho.

Quando Falamos de São Felipe enquanto município temos várias localidades rurais que podem ser visitadas como por exemplo a Salina que é um dos pontos atrativos a nível turístico uma pequena praia formada por uma escoada lávica, formando assim umas piscinas naturais. Temos ainda uma outra zona que é pouco conhecida a Praia Ladrão, lugar que no tempo do colonialismo era armazenada a água que abastecia todo o município, era também o lugar onde os ladrões se escondiam para saquear a cidade São Felipe, daí o nome. Temos São Lourenço onde fica a igreja mais antiga da ilha é onde se fez o primeiro teste com experiência de algodão, videiras entre outras atividades que foram bastante importantes para a economia.

A vila do Município do Mosteiro é Vila da Igreja, mas normalmente as pessoas o chamam de zona de Mosteiro, Para além de Chã onde fica o vulcão temos outras zonas do município de Mosteiro que podem ser vistos como atrativos turísticos como por exemplo Relva, Achada Grande, Corvo, que são zonas muito agrícolas e que podem ser aproveitadas para caminhadas, a nível histórico e cultural são bastante interessantes, foram muito exploradas pelos colonos uma vez que o clima permitia a exploração agrícola.

3. Se não, identifique as razões (ex.: falta de recursos humanos qualificados, de recursos financeiros, de cultura da comunidade local, de atividades, outro).

4. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

No momento a maior dificuldade que a ilha enfrenta é a nível de acessibilidade, há falta de transporte; a questão do marketing, há pouca publicitação a nível dos produtos que existem na ilha, a ilha só é “vendida” pelo seu vulcão, mas não existe somente isso. Fogo tem muitas outras coisas que são interessantes para serem vistas e vividas e que podiam fazer com que os turistas permanecessem por mais tempo, por exemplo temos outros tipos de caminhadas, atividades como escaladas, espeleologia, circuito botânico espeleológico, temos muitas grutas e cavernas derivadas de diferentes erupções vulcânicas ocorridas na ilha e cada uma delas apresenta características diferentes.

5. Os diversos agentes locais estão sensibilizados da importância da Experiência Turística, para o desenvolvimento do setor turístico nas ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão?

A questão da sensibilização é bastante complexa, eu já tenho vinte e tal anos a trabalhar na área do turismo fez-me aprender muito sobre o que é o interesse do turismo, o TR é um turismo sustentável, mas eu verdadeiramente tenho medo do futuro do turismo em Cabo Verde, primeiro

porque apesar de termos uma grande riqueza em Cabo Verde que é pouco valorizada, o cabo-verdiano é um povo muito sorridente e muito acolhedor e respeitamo-nos muito, mas temos o problema da criminalidade que está a acontecer por todos os lados e que infelizmente não se está a prestar a devida atenção o que acaba por viciar as pessoas e vai se chegar um ponto em que se vai perder o controlo e isso pode ser fatal para o turismo do país se não se fizer o cuidado desde agora, a falta de apoio por parte das autoridades políticas. A minha outra preocupação é estar sempre a ouvir as autoridades políticas a dizerem que para que o turismo no Fogo se desenvolva é preciso a construção de grandes hotéis, e isso pode não ser o mais adequado para o tipo de turismo praticado na ilha e os grandes hotéis nem sempre trazem vantagens para o turismo, para a nossa ilha devíamos apostar no modelo de turismo que todos estão à procura hoje em dia TR, ecológico, turismo sustentável. Precisamos tirar essa mentalidade que o turismo de massa é o mais adequado, é certo que Sal e Boa Vista são casos de sucesso, mas são duas realidades diferentes das outras ilhas. Construir grandes hotéis nas praias das ilhas como Fogo, Santo Antão, Santiago estamos a degradar essas ilhas e a destruir aquilo que lhes são características. Quem nos garante que a construção desses grandes hotéis trarão vantagens para essas ilhas e para a sua população, uma vez que temos os exemplos de Sal e Boa Vista e o exemplo do *Al Inclusive*, em que a população sofre muito dado que apenas talvez 10% do arrecadado fica no país, a outra parte vai para a Europa. Fogo e Maio fazem parte da biosfera, e isto já é um bom caminho para um turismo sustentável e TR, mas o problema é que os nossos políticos estão mais interessados em ganhar o dinheiro do que em qualquer outra coisa e não estão a pensar no futuro, nas gerações vindouras e nós para que tenhamos turismo sustentável e de qualidade é preciso pensar em uma forma de reintegrar a população em geral dentro do turismo e não escolher beneficiar a alguns.

A população já começa a se consciencializar da importância do turismo e dos turistas para a ilha, principalmente a população de Chã das Caldeiras onde as pessoas tentam vender os seus produtos e não a fazer pressão aos turistas e a não deixá-los estarem a vontade e por estarmos num parque natural todos têm estado a trabalhar em prol de proteger o parque, manter tudo limpo, os jovens e crianças têm se dedicado para aprender a falar francês, inglês para poderem se comunicar com os turistas, sobretudo o francês já que a maior parte dos nossos turistas são franceses. Sim as pessoas estão bastante sensibilizadas na questão de receber os turistas e de saber oferecer aquilo que eles querem e as crianças, pelo menos aqui no Chã não ficam a importunar os turistas a pedirem dinheiro ou a cobrarem para que os turistas paguem para fazerem fotos, e nesse sentido há uma necessidade de sensibilização. É necessário que intendam que diretamente ou indiretamente todos ganham quando o turista consome os seus produtos sejam nos hotéis ou diretamente nos mercados ou nos comerciantes por isso, precisam deixar este mau hábito de estarem a pedir que o turista pague sempre que pedir para fazer fotos, estas fotos são uma forma de publicidade para o país. O turista quando entra na ilha usa os transportes, o mercado, os restaurantes e isto beneficia a todos. Falta ainda sensibilização nesta parte de modo que a população seja mais aberta, a nossa simplicidade e a nossa morabeza devem ser guardadas, porque é um grande potencial que nós temos.

4. Transcrição da Entrevista aos Guia Intérpretes da Ilha de Santo Antão

No dia 25 de Maio às 17 horas e 45 minutos de Cabo Verde realizou-se a entrevista ao Guia Interprete da ilha de Santo Antão, Odair Gomes, do género masculino, com a licenciatura em Planeamento Turístico pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais – ISCEE em São Vicente, exerce o cargo de Guia Interprete em Cabo Verde há 17 anos e atualmente é presidente da Associação de Guias de Santo Antão. Entrevista feita presencialmente na ilha de Santo Antão, Cabo Verde.

1. As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?

Sim, a ilha de Santo Antão, oferece sim experiências.

2. Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?

Quando me perguntas em relação a experiência de turismo que recebemos em Santo Antão, temos um produto que vendemos que é o *Turismo de Trecking*, ou turismo de montanha, é um TR voltado para um turismo de aventura, é uma modalidade do TR, o turismo de montanha, fazendo *Trecking*, enfim. Nossos maiores consumidores deste tipo de turismo são franceses. Mais de 50% dos turistas que vêm para Santo Antão são franceses a procura de caminhadas. Já tivemos também alemães procurar bastante, belgas, holandeses, portanto a Tui (Empresa de Turismo) anda a trazer muita gente para cá. Existem várias agências a trabalharem com uma ou outra representação na ilha. Se não fosse a pandemia, estaríamos num patamar completamente diferente.

Em relação às experiências que o turismo faz em Santo Antão, além das caminhadas que são uma experiência extraordinária e baseado num estudo de perfil do turista para Santo Antão e exprimiram a experiência que viveram aqui, penso que depois tenho de facultar-te esse estudo. Deves dar uma olhada nele. Mas além da caminhada temos outros tipos de modalidades tais como o *agroturismo*, que anda a ser praticado, temos vários hotéis que andam a promover, não exatamente hotéis, mas posso chamá-los de residências ou turismo comunitária. No momento temos hotéis ou alojamentos turísticos na ruralidade que andam a promover atividades, como posso dizer..., que agregam valores ao serviço que fazem. Como por exemplo, dentro do alojamento podem andar a cavalo; podem ajudar uma família na colheita de batata-doce, de banana, seja o que for. O agroturismo, pelo menos, já vemos a semente embrionária na ilha. Isso é bom.

Depois temos um outro tipo de experiência que anda a ser praticada que é o *turismo habitacional*. Em que turista faz uma caminhada e dorme junto com uma família. Pode não haver quartos disponíveis, mas pode, por exemplo, abrir uma tenda no seu terraço. Chamámo-lo de *chez habitons*, designada pelos franceses. Portanto o turista apanha sua tenda e a abre no terraço de uma família, ele come com eles e faz as suas atividades que costuma fazer. No outro dia, ele

levanta, faz uma nova caminhada e dorme noutra zona. Temos uma agência que é “nu Bai” (Vamos) que faz mais este tipo de experiência. É uma experiência extraordinária que proporciona de 15 a mais dias em Santo Antão percorrendo.

Um outro tipo de experiência é encontrado no Tarrafal de Monte Trigo que é o *fishing*, o *snorkeling* (o mergulho), em que os próprios alojamentos juntamente com os empreendedores locais fazem este tipo de atividades pois, muitas vezes temos pescadores que possuem equipamentos que conseguem oferecer este tipo de produtos de turismo e os turistas são levados para pescar, podem ser também ensinadas. Este tipo de turismo fantástico é encontrado no Monte Trigo e no Tarrafal de Monte Trigo (São 2 comunidades distintas).

Depois temos um conjunto de rotas elaboradas e sinalizadas num projeto chamado “Raízes” onde preparam os promotores e empreendedores a nível local. Neste projeto fazem um levantamento do que são as necessidades dos empreendedores como também as boas práticas do turismo. Não obstante fazem a própria promoção. É um projeto que têm dado uma forte contribuição a ilha. Infelizmente está no final, mas deixou marcas positivas no turismo da ilha. Depois este projeto estará a ser implementada na ilha da Brava. Este projeto sinalizou um conjunto de 7 rotas em Santo Antão e cada um com um nome e com uma experiência. Temos a Rota do Vale (Cova-Paúl), Rota das Bruxas (em que são contadas lendas de bruxas de Pico-da-Cruz - Janela), Rota do Mar (Tarrafal de Monte Trigo – Monte Trigo), Rota dos Resistentes (Planalto Norte – Monte Trigo), Rota dos Flagelados (fala-se sobre os Claridosos). Durante essas rotas o guia vai contando essas histórias que são experiências fantásticas. Mas também temos um conjunto de recursos naturais pois, em Santo Antão quando falamos das plantas endémicas, da biodiversidade, falamos do Parque Natural Cova – Paúl – Ribeira da Torre, temos plantas endémicas que possuem um valor patrimonial e natural extraordinário.

Conseguimos fazer excursões apenas para mostrar os turistas esse endemismo que existe como também explicar para que serve cada uma. As pessoas mais antigas costumam dizer que o planalto é uma farmácia aberta. As pessoas que vivem na montanha não têm necessidade de irem ao hospital, visto conhecerem o valor medicinal para cada uma (dores de estômago, enxaquecas, enfim...), experiências que os turistas gostam e muito.

Também temos observação de animais, tais como, a tartaruga, no litoral de Porto Novo e também do mergulho. Vários turistas vêm apenas para tal, visto ter recifes na costa desde Porto Novo até Ponta do Sol. O conjunto de recifes constam do mapeamento de recifes do país e também colocam Cabo Verde no mapa de recifes.

Uma outra experiência turística que não mencionei é o “*Chouché*” que tem feito um marketing extraordinário da ilha que é uma competição internacional do produto que é vendido em Santo Antão. Por exemplo o “*Triangle Trading Serious*” que é feita anualmente. É promovida por uma empresa portuguesa e é aplicada na ilha do Fogo, Santo Antão. Em Santo Antão, acontece em dezembro e são três (3) dias de caminhada na ilha com atletas internacionais e nacionais. É uma

aglomeração de atletas que promove também a troca de experiências com outras culturas, portuguesas, espanhóis, ingleses e outros.

Por acaso tenho pouca informação sobre a Rota do Blimundo, estou mais familiarizado com a Rota dos Flagelados. A história do Blimundo é uma história folclórica, ouvi-a desde criança e fala-se tanto dele vindo de Paúl para Porto Novo, enfim ouvi falar da rota, mas não consigo contar sua história.

Agora, em Santo Antão, a nível de experiências turísticas, um dado do Porto Novo trata-se do *Projeto Atelier Marketing*, inclui também o *Projeto Babilónia* que é um restaurante e que inclui toda a comunidade de Lajedos. Esse projeto foi criado há mais de uma década com o objetivo de capacitar as mulheres na transformação de produtos que conseguem produzir e colocá-lo a disposição do turista. Por exemplo têm manga e transformam-na em capota, doce, etc. E conseguiram com a ajuda do *Projeto Atelier Marketing* e vários parceiros internacionais, nomeadamente a União Europeia, conseguiram criar um “*Label*”, em que identificam o produto “*Made in Lajedos*”. Os produtos estão disponíveis, por exemplo, na gare marítima.

O projeto possui três (3) componentes e é sustentável

1º Parte do projeto está voltada para a gastronomia do Porto Novo e de Santo Antão para a degustação de turistas. Inclusive possuem um prato típico que se chama de “Txuk na banha” (Porco na banha) e o puré de inhame.

2º Outro componente do projeto engloba as mães de famílias que é a transformação do produto. Possuem uma pequena instalação que serve para a transformação do produto para o mercado nacional e internacional. Elas mesmas fazem a gestão e toda a comunidade (Lajedos) sai beneficiada. Tem sido um caso de sucesso.

3º O último componente a fabricação de tijolos para decoração de pavimentos. Também é para o mercado nacional e internacional. Esta está direcionada para a parte masculina.

3. Se não, identifique as razões (ex.: falta de recursos humanos qualificados, de recursos financeiros, de cultura da comunidade local, de atividades, outro).

4. Existe consciência por parte da população (agentes locais de turismo) da importância da prática de Experiências Turísticas tem em Santo Antão?

G: Aqui, não temos nenhum problema com o turismo, pelo contrário, temos um povo acolhedor. Os próprios turistas testemunham a mesma coisa. O povo possui a amabilidade de receber o turista. As comunidades, por vezes, veem o turista a passar, mas não veem o benefício do turista. O turismo sustentável, em que o próprio alarga a nível de Santo Antão e mesmo de Cabo Verde, na prática não é uma realidade. Porque a sustentabilidade não é só o lado económico. Temos aspetos ambientais que por vezes não recebe a devida atenção e a comunidade às vezes não

ajuda. Elas não fazem grandes campanhas relacionadas com o ambiente. Por vezes é realizada por outras associações para sensibilizar a comunidade.

“Em relação ao turista, a comunidade o vê, mas não veem o benefício direto do turismo.” E é isso que precisamos construir, criar uma economia de escala, ou seja, para fazer com que o turista chegue, e ou seu benefício, aonde deve chegar. Isso é ainda um constrangimento que nós temos.

5. Quais são as dificuldades e ou fragilidades que enfrentam para oferecer as ofertas de Turismo Rural e mesmo de experiência?

No momento, penso que o único constrangimento, é o associativismo. A forma de promover o produto. Observa-se que o marketing não está a ser muito bem desenvolvida. Temos desencontros de informações e quando relacionada com o turismo com o intuito de promover o destino não é saudável, visto que, cada um oferece diferentes informações de um mesmo assunto. Outro constrangimento é a própria forma de fazer marketing com um produto bem especificado, com as respetivas características, com cabeça, tronco e membro. Isso ainda não temos. Mesmo com o próprio slogan do produto, o *Label*. O termo mais comumente usado em Santo Antão é *trecking*. Todos sabem que quando se vende um *Trecking*, vende-se uma caminhada.

5. Transcrição das Entrevistas Responsável do Atelier Mar (Organização não Governamental Cabo-verdiana) e das Rota das Aldeias Turísticas– Leão Lopes

Entrevista feita ao Leão Lopes, responsável do projeto Rota das Aldeias Rurais e responsável pelo Atelier Mar (O foco do projeto é o TR Sustentável que procura reunir a exploração da riqueza da ilha com objetivos fixados para a geração de emprego, rendimentos e a capacitação social no imediato, curto, médio e longo prazo de trinta e seis novos empreendimentos na produção regional). O Atelier Mar é uma fundação/ organização não governamental com mais de 40 anos e é através dessa organização que desenvolvemos essas atividades, com a colaboração de parceiros nacionais e internacionais e também criamos uma universidade, doutoramento em Artes Plásticas.

1. As ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão oferecem Experiências Turísticas?

Sim essas ilhas oferecem a experiência turística sim, a prova é que isto vem funcionando há já vários anos, há muitas experiências, algumas consolidadas e outros ainda em progressão. Mas aqui nós, eu pelo menos no meu contexto como sou académico, contexto de trabalho com as comunidades, nós designamos esse tipo de turismo de turismo no meio rural e não TR, turismo

num contexto rural. Até que, inicialmente, nós desenvolvemos esse tipo de trabalho com outra designação, o turismo, com base na comunidade.

2. Se sim, que Experiências Turísticas oferece? Quais as Experiências Turísticas mais procuradas por parte dos visitantes?

Em Santo Antão há muito por fazer, como por exemplo o Trekking, paisagem, pessoas que vão por exemplo que vão especificamente para andar pelas rochas e chegar ao topo de coroa. Também fizemos uma intervenção interessante numa das zonas mais áridas e pastorícia, e o conteúdo criado foi à volta do queijo, a economia do queijo com alguns pastores e a partir daí todo o resto cresceu e já tem um turismo específico lá na zona, é o ponto de partida, porque as poucas pessoas que vivem lá vivem da criação de cabra e da produção de queijo, então ajudamos a melhorar a produção a divulgar o queijo, a pouco e pouco as pessoas foram percebendo que tinham visitas, no início as pessoas não dormiam nos quartos preferiam os terraços de casa, não há luz elétrica que agride a paisagem, há luz solar, nem postos de luz na rua, e é uma das noites mais espetaculares que se pode observar, é a melhor noite que uma pessoa que vem passar apenas uma noite pode ter, ver o Céu e só dormir no ambiente.

Tanto a ilha do Fogo, Santiago, como Santo Antão têm experiências para um visitante usufruir, o que falta é criar conteúdos à volta das ofertas, e estamos a fazer isso, investigamos a história do lugar, das pessoas e criamos um núcleo que conta a história do lugar e a medida que fomos aprofundando a investigação local descobrimos por exemplo que os modernistas dos anos 30, os claridosos passaram por lá, a casa de um deles ainda está lá, o Baltasar Lopes e assim sendo criamos o conteúdo, os claridosos estiveram aqui, e logo a seguir a isso houve um encontro internacional do ministério da cultura sobre os claridosos e foi exatamente lá, imagina o que isso deu aquela população.

Em Santo Antão, o exemplo em Chã de Feijão havia uma comunidade de pastores que vinha desaparecendo, mas agora acontece o contrário e já se criou um conjunto de habitação para receber os turistas.

Quando escolhemos um lugar para ir visitar não é uma questão de troca, nem compensação, mas sim uma questão de somatório de experiência, não é uma questão de opção de uma ilha para a outra, porque cada ilha e cada comunidade tem a sua especificidade, isso envolve as pessoas, os lugares, experiência humano, etc.,

A verdadeira experiência do turismo é o enriquecimento das nossas emoções enriquecimento somatório da nossa experiência física, espiritual, é acumulação.

3. Quais são as dificuldades e ou fragilidades que enfrentam para oferecer as ofertas de Turismo Rural e mesmo de experiência?

Eu acho que não há dificuldade nenhuma, talvez há ausência de determinados tipos de agentes, pessoas com outro tipo de abordagem para esse tipo de negócio, por exemplo, você vai a Chã das Caldeiras, ilha do Fogo, até falamos com o ministro do turismo sobre isso que é preciso dar uma atenção especial para além daquele fato que é incontornável ali que é a atração do vulcão. As pessoas vão lá e passam no máximo duas noites, uma para subir o vulcão e regressarem, nesse contexto que experiências mais pode se oferecer, que talvez dê para ficar uma noite, isso é que é normalmente o nosso trabalho, dizer às pessoas, por exemplo aprimorar a vossa gastronomia, fazer uma experiência aqui de pratos de cozinha que no concelho de São Felipe não têm, mas só vocês podem ter aqui. Há lá uma ou outra pessoa que tem essa sensibilidade e tenta fazer isso de certa forma, mesmo para mim o nacional, já conheci, mas quero voltar lá, quero levar o meu filho de 10 anos, eu quero que ele tenha uma outra experiência para além do vulcão, uma experiência de geologia por exemplo, imagina se chegamos lá e temos um pequeno museu de vulcanologia, imagina a riqueza que eu que não sou vulcanólogo, mas tenho uma curiosidade cultural aprendo sobre larva, sobre erupções, sobre funcionamento dos vulcões. Imagina que você encontra o Manecom que é o vinho deles em todo o lado, imagina se há uma coisa mais organizada a volta do Manecom, imagina se há uma adega do vinho que mostre como é feito, imagina que uma família tenha uma adega visitável, e que desperta o interesse de saber como se faz, qual o ambiente, como trabalham o seu café, etc., É preciso uma outra geração de empreendedores, que pegue nessa linha de desenvolvimento do turismo, porque os que estão lá estão satisfeitos com o que já fazem, por exemplo essa nova geração que faz os trabalhos sobre esse tema com o conhecimento que têm podiam pensar em fazer isso, aproveitando o conhecimento que adquirem durante os seu estudos. A população faz uma força incrível, mas chega ao seu limite, financeiro, ou de outra ordem e depois pensam o que eu estou a fazer já é suficiente e chega para mim e a minha família, por isso é necessária uma outra geração. Pode ser os filhos, mas estes não o querem fazer porque fogem e porque culturalmente não percebem o futuro desse negócio que é preciso inovação, estudo e dar a volta ao que já existe.

4. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Infelizmente o turismo em Cabo Verde ainda é fortemente entendido como um turismo industrial e de iniciativa exógena de fora para dentro. Mas acredito que, tanto as comunidades, como os responsáveis políticos e demais agentes locais estão a despertar para a importância e o potencial do Turismo Rural e das Experiências Turísticas para Cabo Verde, principalmente para as zonas rurais. Mas creio que ainda há muito por fazer, existe uma necessidade de haver uma maior sensibilização nesta matéria. E defendo ainda que é preciso uma outra geração de empreendedores, que pegue nessa linha de desenvolvimento do turismo, porque os que estão lá estão satisfeitos com o que já fazem, por exemplo essa nova geração que faz os trabalhos sobre esse tema com o conhecimento que têm podiam pensar em fazer isso, aproveitando o conhecimento que adquirem durante os seu estudos.

Grupo III - Transcrição das Entrevistas aos Gerente dos Hotéis em Cabo Verde

OE3. Analisar a relação existente entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas em Cabo Verde.

5. Transcrição das entrevistas Gerente dos Hotéis na Ilha de Santiago

Quinta da Montanha – São Domingos - Rui Vaz

No dia 19 de maio às 14 horas realizou-se a entrevista ao Lindorfo Ortet, gerente do hotel Quinta da Montanha na ilha de Santiago, mais concretamente no concelho de Santa Cruz. Licenciado em Agronomia pelo Instituto Superior de Agricultura V. Kolarov (Bulgária).

1. O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?

Sim Santiago por ser uma ilha composta por vários concelhos, onde grande parte é constituído por espaços rurais, que embora muito similares entre si, no modo de viver como por exemplo a prática da agricultura, pesca, pecuária, eles possuem características muito distintas e uma diversidade de ofertas que permitem tanto a oferta como a prática de experiências, por exemplo a contemplação das paisagens, através de caminhadas, passeios de burros, a prática da agricultura, a degustação dos pratos, bebidas e doces típicos da ilha, a convivência e a vivência do dia -a- dia da população, pesca desportiva, etc.

6. Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?

O estabelecimento foi aberto em 2003, na Localidade de São Domingos, mais concretamente entre as altas montanhas de Rui Vaz, inicialmente com o intuito de receber meus amigos e conhecidos que queriam passar um tempo, descansar e admirar as belas paisagens que compõem a localidade. A pausada começou com dez quartos que mais tarde, devido ao aumento da procura, vieram a dar espaços a mais 18 quartos, totalizando 28 quartos, divididos entre single, duplo e twins.

No momento o espaço dispõe de uma propriedade agrícola, que serve para produzir produtos agrícolas para o consumo dos turistas, lugar onde os mesmos podiam ver e participar da prática do cultivo, da recolha do milho, feijão, batata entre outros.

Na pausada o turista pode também aproveitar do passeio de burros que são alugados pela comunidade, caminhadas para o jardim botânico que fica ali perto e também para as outras localidades de São Domingos, ou outras localidades da Ilha de Santiago: Cidade Velha, Órgãos, Calheta, Pico de Antónia, Tarrafal, etc.

A pausada oferece também a experiência da degustação dos produtos típicos começando pelas bebidas, grogue, ponche, doces tradicionais, comidas, cachupa, xerém, caldo peixe, banana, feijões, etc., passeios para observação de pássaros, caminhadas para os picos e montanhas existente tanto dentro como fora da localidade, pescas desportivas.

O turista pode escolher o guia intérprete da localidade ainda que este não saiba falar a sua língua, mais conhece muito bem o concelho, as montanhas, e a história da localidade, pagando para o mesmo a quantia de dois mil escudos (20 euros), com isto a pausada pretende que os moradores possam ganhar o seu próprio dinheiro ou pode escolher um guia intérprete profissional individual que saiba falar outras línguas além do crioulo, no entanto, não conhecem a localidade de São Domingos tão bem como os residentes, que cobram entre 40 a 50 euros.

7. Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?

8. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Sim. A localidade a nível económico ganha, uma vez que elas vendem os seus produtos agrícolas e pecuárias, neste caso o porco para a pausada a um preço justo, através do aluguer de burros, da compra de artesanatos, etc.

A nível social houve uma melhoria, agora dispõem de um ambiente mais limpos, saudável, uma vez que elas começaram a ter consciência da necessidade de manter o espaço limpo e preparado para receber os turistas, um trabalho de sensibilização que a pausada tem feito junto da população.

A população tem se mostrado cada vez mais interessado em abraçar este projeto, estão aos poucos a perceber a importância de “venderem a sua lida diária como experiências a serem vivenciadas pelos turistas, como por exemplo a lida do dia- a- dia com os animais, a plantação de produtos agrícolas, entre outros.

A morabeza do povo, que acolhe e acarinha os visitantes, ...

A câmara Local tem apoiado muito, existe uma parceria muito boa, mas ainda há muito a ser feito, tanto a nível político quando dos moradores.

9. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

As dificuldades que enfrentamos hoje é questão da acessibilidade, principalmente para pessoas com deficiência, falta de água, poucos voos diretos para Santiago para fins turísticos, à

semelhança do que existe nas ilhas de Sal e Boa Vista, falta de sinalização e identificação dos lugares turísticos, o problema de muitas crianças a pedirem dinheiro aos turistas.

Os que mais procuram são os turistas, entre os 40 a 50 anos, embora haja também muita procura por parte da camada jovem.

Projetos futuros construção de apartamentos, rampas de acessibilidade, introdução de mais painéis solar.

10. Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha?

Para começar os nossos funcionários são todos do concelho de São Domingos, os produtos utilizados para confeccionar os alimentos são todos comprados nos produtores locais, são os moradores locais que alugam os burros, compramos artesanatos nos artesãos locais, fazemos sensibilização da população sobre a importância de tratar bem os turistas, de manter os locais sempre limpos, entre outros. E acreditamos que o desenvolvimento tanto do turismo como da localidade passa por uma boa relação e cooperação entre os habitantes locais, os governantes e todos os envolvidos nesta matéria.

2 Transcrição das Entrevistas Gerente dos Hotéis na Ilha do Fogo

Chã das Caldeiras – Casa Marisa – Hotel Rural

No dia 10 de Junho de 2022, às 15:45, realizou-se a entrevista a um dos gerentes do Hotel Casa Marisa-Chã das Caldeiras, na ilha do Fogo, do género masculino, Mustafa Eren, alpinista e guia-intérprete, licenciado em engenharia civil, pela universidade RWTH Aachen (Alemanha).

1. O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão território que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?

Sim. A ilha do Fogo permite sim a oferta de experiências turísticas dentro do TR, é uma ilha que tem muito a oferecer em qualquer um dos três concelhos que a constituem, seja São Felipe, Santa Catarina ou Mosteiros.

2. Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?

A nossa oferta para os turistas encontra-se num grupo de experiências mais autênticas e mais perto da cultura cabo-verdiana e está ligada a todas as coisas específicas de e para Cabo Verde, a cultura cabo-verdiana, a gastronomia, por isso os nossos serviços e ofertas estão orientadas para um turismo ativo, ao contrário das outras ilhas os turistas não vêm para descansar, assim como na cidade da Praia, comer deitar e dormir, aqui os turistas vêm para fazer caminhada, entrar na natureza para aprenderem o máximo que puderem do lugar.

As nossas ofertas estão ligadas a comidas, bebidas autênticas, alojamentos autênticos, por exemplo aqui no nosso hotel possuímos as casas denominadas de “funcos”, que são casas tradicionais de Chã das Caldeiras, fizemos algumas modificações, mas mantivemos a sua arquitetura de modo a oferecer aos turistas experiências mais autênticas de Chã das Caldeiras que vá para além de falar e conviver com a população local, os guias, eles também vivem com a comunidade. Temos uma diversidade de caminhadas que o turista pode fazer aqui, desde caminhadas simples que podem ser feitas por uma pessoa de 80 a 90 anos com uma saúde mais fragilizada até escaladas profissionais, como *via ferrata*, escalada esportiva, *hiking*, andar dentro da montanha em locais inclinados. As caminhadas são os principais motivos que levam a que turistas escolham a ilha do Fogo e a ilha de Santo Antão para visitar, mas a ilha do Fogo destaca-se pelo vulcão. Mas os turistas não vêm aqui apenas para fazer fotos bonitas do vulcão, eles querem subir o vulcão, os serviços e produtos que nós oferecemos são as caminhadas e para aproveitar isto temos os guias profissionais preparados nestas áreas, que têm também preparo nos primeiros socorros. Nossa outra oferta é a gastronomia, onde os turistas podem degustar as comidas tradicionais da ilha (leite, queijo, vinho, produtos locais) e de todo o país, os turistas podem ver como é feito e participar da confeção dos mesmos. Temos também a degustação de vinho, queijo, café, ao consumirem acabam sempre por comprar e levar.

Os turistas gostam de ver como é que se faz o vinho, desde a plantação das uvas até a produção do vinho que é feito de forma diferente daquilo que é feito na Europa, primeira diferença está no clima e localização da nossa vinha, a desfrutação começa no mês de junho, na Europa começa no mês de setembro, mesmo também a forma de plantação das uvas é diferente, aqui é plantado no chão, então os turistas vêm para ver a forma como é feita aqui, então eles são levados no terreno para verem como é feito e aqueles que quiserem participar são livres para o fazer.

Ainda oferecemos aos turistas volta à ilha, de modo a conhecerem de uma forma mais autêntica a vida rural. No que diz respeito à subida ao vulcão da ilha existem três alternativas, a excursão que leva seis horas para subir e descer, excursão para o canal da larva, ou seja podem entrar e andar sobre a larva, há duas grutas onde os turistas podem descer nas escadas que ali pusemos, para que possam entrar e ver os cristais de larvas ali existentes, são 100 metro e isto leva 1 hora ou 30 minutos para ser feito e temos pequenos vulcões, cuja escalada leva duas a três horas para serem feitas, temos também a possibilidade de subir as bordaduras e ver a floresta que leva quatro 4 a 6 horas, e temos a volta a todo o vulcão que leva 8 a 9 horas, há também a possibilidade de subir as bordaduras e dormir lá e isto leva dois a três dias para ser feito, levam alimentos, equipamentos para subir e para dormir, as bordaduras podem ser escaladas durante 11 meses do ano, ou seja a qualquer altura do ano que os turistas venham podem viver essa experiência. Em toda a ilha temos 40 a 50 tipos de caminhadas que podem ser feitas e são na sua maioria típicas de Fogo. O nosso maior produto é a caminhada, o mais procurado aqui na ilha é a subida do vulcão.

3. Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?

4. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Há 15 anos quando cheguei à ilha não se via nem um lixo nas ruas ou à beira das casas, ou na natureza, mas com o tempo as pessoas deixaram de se preocupar com isso, então é necessária a sensibilização das pessoas nesta área, e isto é necessário que pessoas daqui o façam porque a população daqui não valoriza as pessoas que vêm de fora para dar formação nesta área, porque os conceitos trazidos da Europa não se adequam às realidades da ilha, é um mundo diferente, é necessário pessoas que vivam aqui e que conheçam a realidade da ilha, mas que tenha também uma experiência do que é feito lá fora. Infelizmente ainda falta a sensibilização das pessoas. Muitos dos projetos ligados a esta área não têm tido sucesso porque tem-se tentando aplicar um conceito de sustentabilidade que não são adequados nem para o país e nem para a ilha, as pessoas podem até entender o objetivo, mas não entendem o caminho a ser percorrido, o que funciona bem para a economia e a realidade da Europa não funciona para a economia e a realidade da África.

Temos tido muitos problemas com lixo atualmente, e isso as pessoas precisam de estar sensibilizadas nesta área para que não prejudique o nosso turismo.

A nível dos políticos há uma necessidade de sensibilização dos nossos políticos para que possam entender a diferença do turismo que é praticado em cada uma das ilhas de modo a que não venham implementar o mesmo turismo a todas as ilhas, por exemplo, para as ilhas como Santiago (pelo menos para as zonas rurais), Santo Antão e Fogo, o turismo de massa não é o mais adequado, não é que um seja melhor que o outro, os tipos de turistas são diferentes, o de massa quer descansar, por isso escolhe o *all inclusive*, os que escolhem o TR vêm a estas ilhas porque querem conhecer as pessoas, as suas culturas e o local a ser visitado, procura viver experiências, querem deixar o seu dinheiro nas pessoas locais, ajudar a comunidade, um turismo super sustentável, o turista que vem já tem a ideia da sustentabilidade e os benefícios que traz para os cabo-verdianos. Os políticos já começaram a entender, mas precisam aprofundar ainda mais e saber porquê que os turistas procuram Cabo Verde.

Por exemplo depois de muitos anos conseguimos que turistas contribuíssem financeiramente para ajudar a consertar os caminhos, que vão se estragando com o tempo, ou a manutenção dos mesmos.

As agências turísticas precisam também estar mais bem informadas sobre as ofertas que existem, uma presença mais clara na internet.

Não é só o povo que precisa de sensibilização, também os políticos, para que possam entender os benefícios do TR e das experiências dentro do mesmo, e a necessidade de garantir que tudo funcione em harmonia, a acessibilidade, uma boa infraestrutura, uma boa formação daqueles que vão se dedicar a esta área, a boa consciencialização da comunidade, precisa de uma visão

para esse tipo de turismo e a importância das experiências que temos a oferecer para chamar mais turistas e ajudar a potencializar o que cada ilha tem a oferecer.

5. *Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?*

Neste caso podemos falar das dificuldades, como por exemplo a chegada dos clientes é um pouco complicada, isto porque o acesso de São Felipe para Chã das Caldeiras, o lugar mais procurado pelos turistas, não é fácil há poucas alternativas e são muito caras, pouco voo para a ilha, e os turistas não encontram voo ou lugares no barco para vir, o acesso não é suficiente para o pedido de turista. Os dias em que o barco sai muitas vezes não são compatíveis com os dias em que os turistas podem vir. Por ano sem a pandemia temos 9 a 10 mil turistas, 13 a 14 mil querem vir mais não o podem fazer por causa da acessibilidade dos voos. Dentro de São Felipe não conseguem pegar os transportes públicos e neste caso têm de pegar os táxis que acabam por ser muito caros (120 euros só de táxi, ida e volta a Chã).

A falta de um sistema de educação para o serviço de turismo, os guias têm de terminar o 12º ano e depois fazer formação e estágio, temos de ter uma escola na área do turismo. No Fogo o turismo contribui no mínimo com 30% de produção, temos de ter mais possibilidades para a educação dos jovens nesta área, principalmente aqui na ilha onde não há nada disso, algo que permita aos jovens aprenderem a língua, como fazer o serviço, e melhores infraestrutura. Necessidades de ambulâncias e macas bem equipadas para transporte de turistas em caso de alguma doença ou acidentes.

6. *Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha?*

No momento a Casa Marisa investe 5% do seu ganho para investir nos estudos dos jovens de Chã, temos uma associação cujo objetivo é dar a todos os jovens de Chã e mais tarde a toda a ilha, caso seja possível, oportunidades iguais independentemente das suas condições económicas, as mesmas possibilidades de frequentar e terminar os seus estudos. Também aceitamos alunos de escolas para fazerem estágio aqui e eu mesmo dou formações a eles no terreno, e mostro como ser guias, técnicos de escalada, ensino geologia, de modo que possam criar com essa consciência e possam escolher onde querem trabalhar e saberem também receber os turistas. Os nossos funcionários são todos trabalhadores locais, os produtos consumidos são também daqui, não procuramos só os profissionais, escolhemos os daqui, damos formação principalmente nas épocas baixas, o que tem trazido bons resultados. Temos também alunos que vêm de outros países que vêm aqui e participam da agricultura.

3 Transcrição- Euclides Pires, Gerente do Hotel Casas do Sol- Fogo São Filipe

Hotel Casas do Sol - Fogo

No 21 de Maio de 2022, às 15:45, realizou-se a entrevista ao responsável pela aldeia turística Casas do Sol, do género masculino Euclides Pires, Licenciado em Teologia.

A Aldeia Turística CASAS DO SOL foi criada em 2007 pelo Padre capuchinho italiano Ottavio Fasano. Trata-se de um projeto solidário, uma vez que as receitas provenientes da sua exploração, revertem-se para o financiamento de projetos sociais que implementamos, tais como a Casa de Acolhimento de Jovens Mães Solteiras-Casa Manuela Irgher, em Santa Cruz, Santiago, o centro de acolhimento de mulheres vítimas de violência baseada no género – Centro Mama Pina em São Filipe Fogo e o Centro de Acolhimento de Doentes em Fase Terminal.

Inicialmente construído como uma leprosaria, depois um hospital e mais tarde com a necessidade de abrigar os médicos voluntários, foram construídos pequenos alojamentos, a partir de 2012 o projeto tornou-se em um hotel, com 26 quartos, sendo 2 suites, para receber turistas. Em 2021, fomos classificados pela *Traveller Review Awards* nas 5 categorias como parque, piscina, Wifi, estância turística, e nosso lugar é inclusivo a pessoas portadoras de deficiências, aqui têm uma livre circulação e acessibilidade. Posteriormente construiu-se um auditório com capacidade para receber 200 pessoas, concretizando assim mais um sonho do padre Fasano (o mentor do projeto), atualmente falecido, onde são realizados debates não só no contexto político, mas no sentido geral de diálogo intergerações e inter-religioso e futuramente pretende-se investir no turismo religioso.

1. O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?

No meu caso irei falar apenas da ilha do Fogo, onde tenho experiências, onde vivo e trabalho. Sim a ilha do Fogo tem sim capacidade para oferecer não só o TR como para oferecer também experiências turísticas, diversificadas para os turistas que procuram esse tipo de turismo. Temos pessoas que estão a investir nesta área, começando pela construção de pequenos quartos para acolher os turistas, permitir que façam parte do seu dia-a-dia e das suas lidas diárias, por exemplo temos a Zona de Monte Preto que é uma estrutura pré-fabricado e dá para acolher os turistas, os mesmos podem viver e conviver com a população. Temos experiências gastronómicas, agroturísticas, enoturísticas, entre outras.

2. Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?

No caso da Aldeia Turística CASAS DO SOL, temos todas as condições para oferecer tanto a nível do TR como das experiências turísticas, a começar pela nossa estrutura que não se trata de uma estrutura em vertical, mas sim na horizontal, onde cada quarto tem a sua independência, o que contribui ainda mais para o conforto e comodidade dos turistas que procuram repouso e independência. Temos espaços onde os turistas podem fazer os seus *meetings*, por exemplo quando os turistas e os guias-intérpretes pretendem fazer um encontro, em casos de turismo de massa é neste espaço que se encontram para organizar as coisas.

Quando os turistas chegam aqui há várias atividades que podem fazer, várias experiências a vivenciar, espaços de lazer, por exemplo a piscina, usufruir de auditório, verem as exposições ali presentes, sobre a história da orla marítima, as conchas, o que permite ao turista conhecer a história do nosso mar, dos animais marinhos, ouvir músicas ao vivo, festas. Temos uma adega de Engarrafamento de vinho, e água, que fazem parte do enoturismo e oferecemos também esse pacote turístico, para quando os turistas aqui estiverem possam visitar a adega, ter uma visita guiada onde é explicado como se faz o vinho e a seguir temos a parte da degustação, temos a parte da vinha, onde eles podem plantar, cortar e colher uvas. Dois dos nossos vinhos ganharam medalha de ouro a nível internacional, no concurso Mundial de Vinhos Extremos realizado no Vale da Aosta, Itália, o vinho Maria Chaves “Pico de Fogo” e o vinho Branco “Santa Luzia”, são produzidos nas encostas do vulcão do Fogo pela Adega de Monte Barro, a 500 metros a nível do mar. Temos uma vasta gama de experiências para oferecer aos turistas. Temos os nossos próprios guias-intérpretes, mas quando necessário contratamos os particulares, em caso de excursão ao vulcão. Temos excursão com volta à ilha, temos uma escada que dá acesso à praia de mar, onde o turista caso queira pode sair logo de manhã e dar à volta aos quase 5 km da praia. Através de uma visita guiada é contada a história do espaço, o seu surgimento e a sua finalidade enquanto projeto social, e através do nosso site podem ver também a nossa história.

No momento o que oferecemos dentro do turismo religioso são quartos confortáveis com espaços para 2 pessoas, com ventilador elétrico embutido nas paredes, casa de banho interno e internet banda larga, mais acima temos uma capela, normalmente quando as pessoas chegam aqui, vem para retiros espirituais, neste sentido avançar de acordo com as necessidades das pessoas. Quando elas chegam vem com um programa para as suas atividades e sempre convidam um padre para celebrar a missa e para o acompanhamento durante o retiro. Sendo assim tendo uma área exclusiva ao grupo com um refeitório, uma cozinha onde eles possuem total independência das suas atividades, mas se quiserem o serviço do hotel podem requisitar. Uma vez que as experiências nesta área têm sido boas queremos ativar o turismo religioso, já fizemos experiências com grupos que vieram, e estamos a estudar essa possibilidade, ouvindo o feedback das pessoas para depois criar um pacote para esta área.

3. Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?

4. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Os nossos políticos têm sim noção da importância do Turismo e das experiências para as zonas rurais, mas muito pouco têm feito para o seu desenvolvimento, deviam dar uma atenção especial sobretudo no aspeto dos transportes que são essenciais para o desenvolvimento de qualquer ilha, tendo uma ligação constante temos desenvolvimento garantido. Por exemplo, temos a

ligação marítima São Vicente e Santo Antão, onde o turista sai logo de manhã de São Vicente para Santo Antão dar uma volta a ilha e depois pegar o barco e voltar para São Vicente, isto devia ser implementado nas restantes ilhas.

No que diz respeito à nossa população ainda falta muita sensibilização e consciencialização, não há uma cultura de encontro, por exemplo à noite cada um vai para a sua casa, e o turista quando chega quer encontrar com as pessoas, conviver, fazer parte das suas vidas e vivências, muito diferente das outras ilhas como São Vicente, Sal, a vida aqui só acontece das 8 da manhã até às 15 horas da tarde, depois disso tudo fecha e cada um vai para a sua casa, e isto é um dos constrangimentos. A população tem muito a oferecer, mas precisa consciencializar-se disso.

5. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

O TR na ilha trata-se de uma coisa embrionária, ainda está em fase de crescimento, não é tudo aquilo que se vende, mas tem potencialidades para o ser. Existem ainda dificuldades que podem afetar o seu saudável desenvolvimento, como por exemplo a dificuldade de transportes quer a nível do país aéreo, marítimo ou a nível terrestre, a inconstância de barcos para entrar e sair da ilha, o que impedi os turistas que querem vir visitar a ilha e dificulta a saída dos turistas da ilha.

Por exemplo, os três concelhos da ilha, Mosteiro, São Felipe e Chã das Caldeiras são muito distantes um do outro, caso não fosse a dificuldade de acessibilidade, ou seja falta de transporte, essa distância a ser percorrida seria mais um acréscimo para a experiência a ser vivida pelos turistas, têm muitas opções, ou seja um dia podem visitar a zona norte no outro a zona sul, tendo em conta que as paisagens em muito se divergem entre esses três concelhos, um dia pode visitar o vulcão, no outro a praia de mar, entre outros.

6. Quais são os contributos do Hotel para a a comunidade, e para a ilha?

O nosso espaço é aberto não só para os turistas, mas também para os moradores locais que podem usufruir das nossas piscinas, do parque de diversão para as crianças e do espaço de convívio, das exposições que temos. Os nossos funcionários são os residentes. Temos Casa de Acolhimento de Jovens Mães Solteiras-Casa Manuela Irgher, em Santa Cruz, Santiago, o centro de acolhimento de mulheres vítimas de violência baseada no género – Centro Mama Pina em São Filipe Fogo e o Centro de Acolhimento de Doentes em Fase Terminal, tudo isso contribui para o desenvolvimento não só da ilha como do próprio país. Por exemplo nas casas de acolhimento as mulheres recebem formação na área de turismo, artesanato, entre outros o que acaba por ajudar a comunidade. Os produtos utilizados aqui são adquiridos nos produtores locais, entre outros.

4 Transcrição - Elói Lopes, Gerente do Hotel Pedra Negra Fogo - São Felipe

Hotel Pedra Negra Salina

No dia 10 de Junho de 2022, às 15:45, realizou-se a entrevista ao gerente do Hotel Pedra Negra Salina, Elói Lopes na ilha do Fogo, na zona Salinas, no concelho de São Filipe, do género masculino, formação ensino secundário.

1. O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?

Sim, no que diz respeito à ilha do Fogo posso afirmar com toda a certeza, é uma ilha onde a prática do TR é muito forte. E sim permite sim a prática de Experiências Turísticas. Existe sim uma diversidade de experiências a serem oferecidas.

2. Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?

O Hotel Pedra Negra Salina, foi construído não apenas para os turistas, mas também para o povo nacional, principalmente para os emigrantes que não têm casa própria na ilha do Fogo, quando vêm visitar a ilha, escolhem o nosso hotel para ficar. As nossas ofertas passam primeiramente pelo alojamento, temos 10 quartos e deles é adaptado para pessoas com dificuldades locomotoras, 5 quartos duplos, piscinas. No que diz respeito às experiências turísticas temos caminhadas, excursões, também temos a baía, onde oferecemos pesca desportiva, passeio de “bote”, visitação de dunas em carros ou motos, visita às grutas, se quiserem também levamos a outros pontos turísticos existentes nos outros concelhos da ilha.

Quando os turistas querem conhecer o meio rural eles querem as coisas mais simples possíveis. Por esse lado os nacionais dão mais trabalho que os turistas. No tempo das colheitas os turistas podem também participar na colheita dos feijões, milho que depois de preparados são para a alimentação dos próprios turistas, ensinamos aos turistas a confeccionarem as nossas comidas típicas e eles nos ensinam a fazer a comida deles. Isso mostra que os turistas querem conhecer é a nossa tradição, a nossa cultura e provar o que temos. É isso que queremos oferecer aqui! As coisas nacionais como peixe fresco, djagacida, queijo, café de Fogo. Aqui não temos nenhum menu internacional. Porque se não eles não vão conhecer a nossa cultura.

3. Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?

4. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Precisamos de um maior engajamento por parte dos poderes políticos, da população em geral de modo que compreendam o que cada ilha tem a oferecer aos turistas e assim todos possam trabalhar em prol disso. Estamos num processo de consciencialização e sensibilização, mais ainda está muito lento se comparado a outros países, como por exemplo os Estados Unidos onde vivi uma boa parte da minha vida.

Precisamos de mais incentivos, principalmente por parte dos poderes políticos, que nos incentive a querer investir seriamente nesta área. Precisamos de uma população mais unida e sensibilizada nesta matéria e com melhores conhecimentos, recursos humanos mais profissionalizados.

O conselho que deixo para pessoas que tem amor para nossa terra independente do destino que chegarem seja as Américas ou a Europa que voltem e tragam algo de positivo para melhorar nossa terra. Principalmente a juventude migratória que venham para desenvolver o nosso país. E aos governantes aconselho a que comecem a pensar numa forma de facilitar e incentivar aos investidores nacionais.

5. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

A única coisa que tem travado o desenvolvimento do TR e a oferta de Experiências Turísticas nesta ilha são as dificuldades de acesso à ilha, não temos transportes frequentes seja de avião ou barco à semelhança das ilhas de Boa Vista e Sal. A ilha não tem espaço suficiente para acolher todos os turistas que visitam o país, porque a problemática dos transportes não permiti fazer investimentos maiores para a ilha. Outro problema é a dificuldade que encontramos para investir no nosso país, a demora nas licenças de construção no transporte, despacho de equipamentos e mercadorias necessários de outros países para Cabo Verde e pior ainda para a ilha do Fogo. Há muito o que oferecer, mas ainda existem muitas barreiras que precisam ser ultrapassadas.

6. Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha?

Para começar os nossos funcionários são todos do concelho de São Felipe, os produtos utilizados para confeccionar os alimentos são todos comprados nos produtores locais, são os moradores locais que alugam os botes.

5 Transcrição das Entrevistas dos Gerentes dos Hotéis na Ilha de Santo Antão - Ribeira Grande

Hotel Casa Pedrina

Neftali Ricardo Delgado, licenciado em contabilidade e administração, gerente do hotel, e da agência de turismo Djamba Tours, há 7 anos

1. O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?

Sim a ilha de Santo Antão é uma ilha muito rica e com capacidade para oferecer experiências turísticas dentro do TR.

2. Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?

Hotel Casa Pedrina situado na Boca de Figueral Coculi – Ribeira Grande, (casa de traça colonial construída nos inícios do século IXX), trabalhamos na área de restauração e hoteleira, operador turístico.

Aberto em 2020 o Hotel traz o conceito casa de vovó, com o objetivo de levar os turistas a conviverem com a comunidade e com outros turistas. A casa possui no momento 7 quarto, e o objetivo é construir mais 5 quartos. Nós oferecemos ao turista aulas de culinária (como fazer os alimentos cabo-verdianas, fazer os doces, pão entre outros), agroturismo, passeios a cavalos, passeio de burros para crianças, caminhadas volta à ilha, caminhadas de experiências, ioga.

3. Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?

4. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Há uma necessidade de sensibilização por parte das pessoas, para que possam entender que o que os turistas procuram não é o luxo é a autenticidade, a simplicidade, experiência.

Falta muita sensibilização da parte política, ver a importância em todos os níveis social económica e o desenvolvimento de um turismo sustentável, estão muito focados no turismo de massa e deixam de lado o TR que pode ajudar o país de uma forma sustentável.

5. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

Acredito que o que tem condicionado a oferta são: a pouca divulgação a nível internacional, quando Cabo Verde é apresentado nas feiras de turismo são somente os grandes operadores internacionais que representam e defendem somente os seus produtos os resorts de Boa Vista e Sal e as outras vertentes de TR e entre outros ficam de fora. Dificuldades de transporte, voos, barcos, os elevados preços de viagens, há muitas pessoas interessadas, mas o elevado preço

não deixa. No momento estamos a viver do turismo nacional. Precisamos de mais recursos humanos qualificados, mais investimentos em infraestruturas, entre outros.

6. *Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha?*

**6 Transcrição - Gerente do Hotel PedraCin na Ilha de Santo Antão -
Ribeira Grande**

Hotel PedraCin

Adelton Jorge Nascimento Santos, Subgerente de hotel PedraCin, há 5 anos, na ilha do Santo Antão, no concelho de Ribeira Grande, zona de Boca de Coruja, do género masculino, formação ensino secundário.

7. *O facto das ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão serem territórios que oferecem Turismo Rural permite a oferta de Experiências Turísticas?*

Sim, Santo Antão tem muito a oferecer em termos de experiências turísticas.

8. *Se sim, que tipo de Experiências Turísticas podem ser oferecidas, no contexto do Turismo Rural?*

Aberto desde 2003, o hotel PedraCin conta com trinta e dois quartos. Trata-se de uma unidade de TR, aberta em 2003, introduzida dentro de uma propriedade agrícola situada em Boca de Coruja, constituída por casas em pedra basáltica cobertas de palha, construídas tendo em conta a arquitetura tradicional da ilha de Santo Antão. Para além dos alojamentos, oferecemos aos turistas a possibilidade de participarem na plantação e colheita dos produtos agrícolas como por exemplo cana-de-açúcar, papaieiras, bananeiras e mangueiras, se assim o desejarem, visita a alguns animais que temos como por exemplo pavões, antes tínhamos macacos, caminhadas, excursões, degustação das comidas e bebidas típicas do nosso país e também volta a ilha.

Santo Antão desde o início da pandemia foi a ilha que menos sofreu devido ao nosso pacote diferencial, em que juntamente com as agências turísticas, os guias intérpretes criamos um pacote para os moradores da ilha a fim de poderem fazer caminhadas, excursões e desta forma poderem conhecer melhor a sua ilha, lugares que antes não conheciam, e ao mesmo tempo usufruir das ofertas do hotel, como por exemplo a piscina, o espaço de convívio, e demos a possibilidade dos turistas que puderam vir visitar algumas casas da comunidade, comer ali, conviver com essas famílias, o que foi muito bom e teve muita aderência.

9. *Se não, o que deve ser feito ou condiciona a oferta de Experiências Turísticas, no contexto do Turismo Rural?*

10. Do seu ponto de vista, os diversos agentes locais estão sensibilizados para a relação que existe entre o Turismo Rural e as Experiências Turísticas?

Sim as pessoas estão conscientes da importância do TR e das experiências turísticas para a ilha, por exemplo o povo de Santo Antão, é visto como um povo acolhedor, os turistas são bem acolhidos, existe uma boa convivência entre a comunidade e os turistas. A comunidade tem evoluído muito no sentido de compreenderem que quando bem aproveitado o TR e a oferta de experiência podem ser benéficos para todos, por exemplo as pessoas daqui têm investido na criação dos seus próprios negócios para venderem aos turistas, mostrando produtos dos seus bairros, como uma forma de ganharem sustento para suas famílias. A comunidade é muito preocupada com a parte da sustentabilidade, há uma compreensão no que diz respeito a manter o espaço sempre limpo, a não danificação dos patrimónios, o cuidado com as suas casas, entre outros. Quanto aos governantes eu acredito que existe ainda um longo caminho pela frente a ser trilhado.

11. Quais são as maiores dificuldades que o Turismo Rural e as Experiências Turísticas nas ilhas de Santo Antão, Santiago e Fogo?

É preciso que arranjem soluções no que diz respeito a dificuldades de acessibilidade, principalmente nas zonas rurais, como por exemplo caminhos destruídos, falta de estradas e calçamentos, que permitam aos turistas caminharem tranquilamente e em segurança, principalmente na época da chuva, energias, a construção de um aeroporto na ilha.

12. Quais são os contributos do Hotel para a comunidade, e para a ilha?

Primeiramente, os nossos funcionários são todos aqui da ilha, os produtos que compramos para o hotel são de produtores locais.